UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

JULIANE ZILIO MARTO FLORES

ATRATIVIDADES PARA O FUTURO CENTRO CULTURAL LA SALLE: PROPOSIÇÕES A PARTIR DO ESTUDO DE TRÊS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO "CORREDOR CULTURAL RUA DA PRAIA (PORTO ALEGRE, RS)"

CANOAS, 2015

JULIANE ZILIO MARTO FLORES

ATRATIVIDADES PARA O FUTURO CENTRO CULTURAL LA SALLE: PROPOSIÇÕES A PARTIR DO ESTUDO DE TRÊS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO "CORREDOR CULTURAL RUA DA PRAIA (PORTO ALEGRE, RS)"

Relatório de Pesquisa apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Profª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

Co-orientação: Prof. Dr. Moisés Waismann

CANOAS, 2015

JULIANE ZILIO MARTO FLORES

ATRATIVIDADES PARA O FUTURO CENTRO CULTURAL LA SALLE: PROPOSIÇÕES A PARTIR DO ESTUDO DE TRÊS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO "CORREDOR CULTURAL RUA DA PRAIA (PORTO ALEGRE, RS)"

Relatório de Pesquisa apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em 26 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientadora - UNILASALLE

_____

Prof. Dr. Moisés Waismann
Co-orientador - UNILASALLE

_____

Prof. Dr. Lucas Graeff
UNILASALLE

_____

Prof. Dr. Marcos Corbellini
LA SALLE ESTRELA

_____

Prof. Dr. Sílvio Luiz Gonçalves Vianna
Universidade de Caxias do Sul - USC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os coordenadores dos equipamentos culturais pesquisados que disponibilizaram informações contribuindo para o sucesso deste relatório.

Um agradecimento especial ao diretor geral da Faculdade Tecnológica La Salle – Estrela Irmão Marcos Corbellini pelo incentivo para realização deste mestrado.

Aos professores do curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, com destaque à Profª. Dra Cleusa Graebin e ao Prof. Dr. Moisés Waismann, meus orientadores, deixo meu agradecimento por partilharem comigo seus conhecimentos.

Agradeço ao amor e carinho da minha família e em especial ao meu filho Gabriel que é a razão da minha vida.

“Deixe o tempo te ensinar que os tombos te fortalecem, que os ventos te levam e que a vida te molda da maneira que bem quer. Não tente entender, tente viver. Poucos conseguem”

Caio F. Abreu.

RESUMO

O presente relatório traz resultados de estudo que se insere na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, sobre proposição de conjunto de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle, a ser instalado em prédio situado no chamado Corredor Cultural Rua da Praia, no centro histórico de Porto Alegre (RS). Para tanto, iniciou-se com pesquisa sobre a motivação da Província Lassalista Brasil-Chile para a criação de um centro cultural, a partir dos projetos para a restauração da edificação, que o abrigará, e estudos de uma Comissão especialmente criada pela Província Lassalista Brasil-Chile para indicar o seu caráter, orientação e sustentabilidade; após, a partir de visitação intensiva, produção de imagens fotográficas e levantamento de informações junto a coordenadores e fontes bibliográficas e documentais, analisou-se a emergência, o caráter, a orientação e as atratividades oferecidas por três equipamentos culturais localizados próximos à edificação, a saber: a Casa de Cultura Mário Quintana, o Santander Cultural e o Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo. Com posse destes dados e tomando também, como base, o relatório da Comissão anteriormente citada, teceram-se considerações sobre os equipamentos culturais, propondo-se um conjunto de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle. Essas apontam para um centro cultural que se coloque tanto como referência na discussão, construção e socialização de saberes sobre a memória e a educação lassalista, como na trajetória da educação, do ensino e da formação de professores.

Palavras-chave: Equipamentos culturais. Turismo cultural. Patrimônio cultural. Centro histórico. Centro Cultural La Salle.

ABSTRACT

This folowing report show us study results wich included in the Memory Research Field Culture and Identity on attractiveness of joint proposition for the future Cultural Centre La Salle, that will be installed in a building placed at the Cultural Access Rua da Praia, in the History Center of Porto Alegre (RS). Therefore, it began with research on the motivation of the Lasallian Province Brazil-Chile for the creation of a cultural center, from the projects for restoration of the building that will shelter and studies by a specially commission created by the Lasallian Province Brazil-Chile to indicate its feature, orientation and sustainability; after, from intensive visitation, production of photographic images and collecting information from coordinators, was analyzed the emergency, the feature, the orientation and the attractiveness offered for three cultural facilities located close to the above cited building, namely: Mario Quintana's House of Culture, Santander Cultural and Cultural Center CEEE Erico Verissimo. With this data and using as a basis the report of above-mentioned Commission, considerations about the cultural facilities was made, proposing a set of attractiveness. These leads to a cultural center that put so much as a reference in discussion, construction and socialization in studies of memory and Lasallian education, as the history of education, teaching and teacher increase.
Keywords: Cultural Facilities. Cultural Heritage. Cultural Tourism, La Salle Cultural Center.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da inauguração do Ginásio das Dores, Rua dos Andradas, 769 (1937) 17
Figura 2 – Imagem do Ginásio Nossa Senhora das Dores (Década de 1940)..... 18
Figura 3 – Imagem da fachada do Ginásio das Dores (2012)..... 19
Figura 4 – Imagem do pátio do Ginásio das Dores alugado para estacionamento (2012)..... 20
Figura 5 – Vista aérea de parte do centro histórico de Porto Alegre onde se encontram os equipamentos culturais pesquisados..... 21
Figura 6 – Vista aérea de parte do Centro Histórico de Porto Alegre onde se encontra o prédio do Ginásio das Dores (futuro Centro Cultural La Salle)..... 22
Figura 7 – Casa de Cultura Mário Quintana..... 48
Figura 8 – Café Santo de Casa..... 51
Figura 9 – Café Santo de Casa, parte interna..... 52
Figura 10 – Foto Galeria Virgílio Calegari..... 52
Figura 11 – Exposição da chaminé do Hotel Majestic..... 53
Figura 12 – Jardim do 7º Andar da Casa de Cultura Mário Quintana..... 54
Figura 13 – Teatro Bruno Kiefer..... 55
Figura 14 – Teatro Bruno Kiefer, parte interna..... 55
Figura 15 – Galeria Sotero Cosme..... 56
Figura 16 – Espaço Vasco Prado..... 57
Figura 17 – Galeria Xico Stockinger..... 58
Figura 18 – Biblioteca Lucília Minssen..... 59
Figura 19 – Espaço destinado aos visitantes..... 59
Figura 20 – Espaço Lili Inventa o Mundo..... 60
Figura 21 – Espaço da Ludoteca..... 61
Figura 22 – Discoteca pública Natho Henn..... 62
Figura 23 – Biblioteca Armando Albuquerque..... 63
Figura 24 - Espaço Lupicínio Rodrigues..... 64
Figura 25 – Espaço Núcleo de Artes Cênicas..... 65
Figura 26 – Laboratório de fotografia..... 66
Figura 27 – Sala Cecy Frank..... 67
Figura 28 – Sala Marcos Barreto..... 68

Figura 29 – Acervo do Hotel Majestic..... 68
Figura 30 – Quarto do Poeta Mário Quintana..... 69
Figura 31 – Acervo Elis Regina..... 70
Figura 32 – Acervo Elis Regina..... 70
Figura 33 – Sala Cláudio Heemann..... 71
Figura 34 – Sala Eduardo Hirtz..... 72
Figura 35 – Central de Informações da Casa de Cultura Mário Quintana..... 72
Figura 36 – Espaço da Oficina de Arte Sapato Florido..... 73
Figura 37 – Ateliê Público..... 74
Figura 38 – Jardim Lutzenberger..... 75
Figura 39 – Sala Radamés Gnattali..... 76
Figura 40 – Sala Irmãos Moritz..... 77
Figura 41 – Auditório Luís Cosme..... 77
Figura 42 – Galeria Augusto Meyer..... 78
Figura 43 – Espaço Maurício Rosenblatt..... 79
Figura 44 – Biblioteca Érico Veríssimo..... 80
Figura 45 – Buraco do Cabaré..... 80
Figura 46 - Sala de Convenção A2B2..... 81
Figura 47 – Sala de Convenção C2..... 81
Figura 48 – Teatro Carlos Carvalho..... 82
Figura 49 – Acervo Mário Quintana..... 83
Figura 50 – Sala Paulo Amorim..... 84
Figura 51 – Sala Norberto Lubisco..... 84
Figura 52 – Café Cataventos..... 85
Figura 53 – Bomboniere Delícias do Poeta..... 86
Figura 54 – Livraria Kaçula..... 87
Figura 55 – Arteloja..... 88
Figura 56 – Layout da página da Casa de Cultura Mário Quintana..... 89

Figura 57 – Santander Cultural..... 93
Figura 58 – Entrada lateral que inicia na Praça da Matriz..... 94
Figura 59 – Moeda Bar e Restaurante..... 95
Figura 60 – Café do Cofre..... 96
Figura 61 – Loja Koralle do Santander Cultural..... 97
Figura 62 – Cine Santander Cultural..... 97
Figura 63 – Cine Santander Cultural (parte interna)..... 98
Figura 64 – Programações das sessões de cinema na fachada do prédio..... 98
Figura 65 – Programações das sessões de cinema no subsolo do Santander Cultural..... 99
Figura 66 – Exposição histórica do Santander Cultural..... 100
Figura 67 – Exposição histórica do Santander Cultural..... 101
Figura 68 – Recepção do Santander Cultural (Rua Siqueira Campos..... 102
Figura 69 – Átrio..... 102
Figura 70 – Salão Átrio do Santander Cultural..... 103
Figura 71 – Biblioteca do Santander Cultural..... 104
Figura 72 – Espaço Biblioteca do Santander Cultural..... 104
Figura 73 – Sala Ação Educativa Ateliê 1..... 105
Figura 74 – Sala Ação Educativa Ateliê 2..... 105
Figura 75 – Galerias do segundo andar Santander Cultural..... 106
Figura 76 – Galerias do segundo andar Santander Cultural..... 106
Figura 77 – Sala Multiuso leste Santander Cultural..... 107
Figura 78 – Salas Multiuso oeste Santander Cultural..... 108
Figura 79 – Layout da página da internet do Santander Cultural..... 109
Figura 80 – Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo..... 112
Figura 81 – Recepção do Centro Cultural..... 114
Figura 82 – Sala O arquipélago..... 115
Figura 83 – Sala O Arquipélago..... 115
Figura 84 – Caffè di Trento (mezanino) do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo..... 116

Figura 85 – Sala Noé de Mello Freitas..... 117
Figura 86 – Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul..... 118
Figura 87 – Foto Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul..... 119
Figura 88 – Foto Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul – Acervo da CEEE..... 120
Figura 89 – Sala O Tempo e a Energia..... 120
Figura 90 – Fotografia, reportagem e anotações manuscritas por Érico Veríssimo..... 121
Figura 91 – Memorial Érico Veríssimo – espaço dedicado às crianças..... 122
Figura 92 – Auditório Barbosa Lessa..... 123
Figura 93 – Sala O Retrato..... 124
Figura 94 – A biblioteca: O Continente..... 125
Figura 95 – Layout da página da CEEE Érico Veríssimo..... 126
Figuras 96, 97, 98 e 99 – Imagens do processo de restauração..... 133
Figura 100 – Proposta de organização dos espaços (Projeto de Restauro e Reutilização)..... 134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos de espaço cultural, centro cultural e casa de cultura..... 29
Quadro 2 – Definições para turismo cultural..... 33
Quadro 3 – Espaços da Casa de Cultura Mário Quintana (2014/15)..... 48
Quadro 4 – Espaços do Santander Cultural (2014/15)..... 93
Quadro 5 – Espaços do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo (2014/15)..... 111
Quadro 6 – Informações sobre eventos e frequência de público nos equipamentos culturais estudados..... 127
Quadro 7 – Algumas possibilidades de atrativos para o futuro Centro Cultural La Salle..... 136
Quadro 8 – Roteiro Viva o Centro a Pé (Porto Alegre)..... 138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGAPAM – Associação Gaúcha de Proteção Ambiental

CCMQ – Casa de Cultura Mario Quintana

AACCMQ – Associação de amigos Casa de Cultura Mário Quintana

CEEE – Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo

EPHAC – Equipe do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural

EPTC – Empresa Pública de Transporte e Circulação

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado

IEAV – Instituto Estadual de Artes Visuais

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SEC – Secretária de Educação e Cultura

OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre

MARGS – Museu de Artes do Rio Grande do Sul

MAC –RS – Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul

ZH – Zero Hora

LIC – Lei de Incentivo à Cultura

SUMÁRIO

PARTE I – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

1 INTRODUÇÃO 16

1.1 Contextualização 16

1.2 Problemas de pesquisa 23

1.3 Objetivos 23

1.3.1 Objetivo Geral 24

1.3.2 Objetivos Específicos 24

1.4 Justificativa 24

PARTE II – MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2 REFERENCIAL TEÓRICO 27

2.1 Centros Culturais 27

2.2 Casas de Cultura 31

2.3 Turismo cultural 33

2.4 Centros históricos e turismo cultural 35

2.5 Patrimônio cultural 38

2.6 Relação entre turismo cultural e patrimônio cultural 40

2.7 Atratividade 42

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 43

PARTE III – ESTUDO DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS EM TERMOS DE ATRATIVIDADES

4 CASA DE CULTURAL MÁRIO QUINTANA 46

4.1 Ala Leste 49

4.1.1 7º Andar 50

4.1.2 6º Andar 54

4.1.3 5º Andar 58

4.1.4 4º Andar 61

4.1.5 3º Andar 65

4.1.6 2º Andar 68

4.1.7 *Térreo*..... 71
4.2 **Ala Oeste**..... 73
4.2.1 *5º Andar*..... 73
4.2.2 *4º Andar*..... 75
4.2.3 *3º Andar*..... 78
4.2.4 *2º Andar*..... 80
4.2.5 *Térreo*..... 83
4.3 **Página na Internet**..... 88
5 **SANTANDER CULTURAL**..... 91
5.1 **Subsolo**..... 95
5.2 **Térreo**..... 101
5.3 **2º Andar**..... 106
5.4 **Página na Internet**..... 108
6 **CENTRO CULTURAL CEEE ÉRICO VERÍSSIMO**..... 110
6.1 **Térreo**..... 114
6.2 **2º Andar**..... 116
6.3 **3º Andar**..... 120
6.4 **4º Andar**..... 122
6.5 **5º Andar**..... 124
6.6 **6º Andar**..... 124
6.7 **Página na Internet**..... 125
PARTE IV - CENTRO CULTURAL LA SALLE
7 **CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS PESQUISADOS**..... 127
8 **PROPOSIÇAO DE ATRATIVIDADES PARA O FUTURO CENTRO CULTURAL LA SALLE**..... 132
8.1 **Projeto de restauração e de instalação do futuro Centro Cultural La Salle** 132
8.2 **Proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle**..... 136
9 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 140
REFERÊNCIAS..... 144
APÊNDICE A – Projeto de Pesquisa Estudo..... 151

ANEXO A – Plantas da Casa De Cultura Mário Quintana (Porto Alegre, RS)..... 155
ANEXO B – Reprodução das Plantas do Santander Cultural..... 159
ANEXO C – Croquis dos espaços do Santander Cultural..... 160
ANEXO D – Reprodução das Plantas do CCCEEE (1)..... 161
ANEXO E – Memorial com Plantas do Centro Cultural La Salle..... 162

PARTE I – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS, MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema equipamentos culturais[1] e como foco, a proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle, a partir do estudo de dois centros culturais (Santander Cultural, Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo) e uma casa de cultura (Casa de Cultura Mário Quintana), todos localizados no chamado Corredor Cultural Rua da Praia[2], no centro histórico de Porto Alegre (RS). O futuro Centro Cultural La Salle terá como sede, o prédio do antigo Ginásio Na. Sra. das Dores[3] situado na Rua dos Andradas, n°769.

1.1 Contextualização

Esta edificação é de propriedade da Sociedade Porvir Científico – mantenedora da Rede La Salle de escolas e instituições de ensino superior[4] —, inscrita pela Equipe do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural (EPHAC) como edificação "Inventariada de Estruturação", isto é, atribuiu-se identidade ao espaço, sendo significativo em termos da paisagem onde se localiza. Desde 2013, passa por restauração com o auxílio de verbas do Projeto Monumenta[5]. O espaço é parte da escola lassalista[6] Colégio La Salle Dores, criada em 3 de fevereiro de 1908, na Rua Riachuelo (atualmente n° 800).

---

[1] Por equipamentos culturais "[...] entendem-se tanto as edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.)" (COELHO NETO, 1997, p. 165).

[2] Sobre o Corredor Cultural Rua da Praia ver: MARTINI, Maria Luiza. **Corredor Cultural: Rua da Praia**. Porto Alegre, RS: Unidade Editorial Porto Alegre, 1997.

[3] Doravante chamado neste trabalho por Ginásio das Dores.

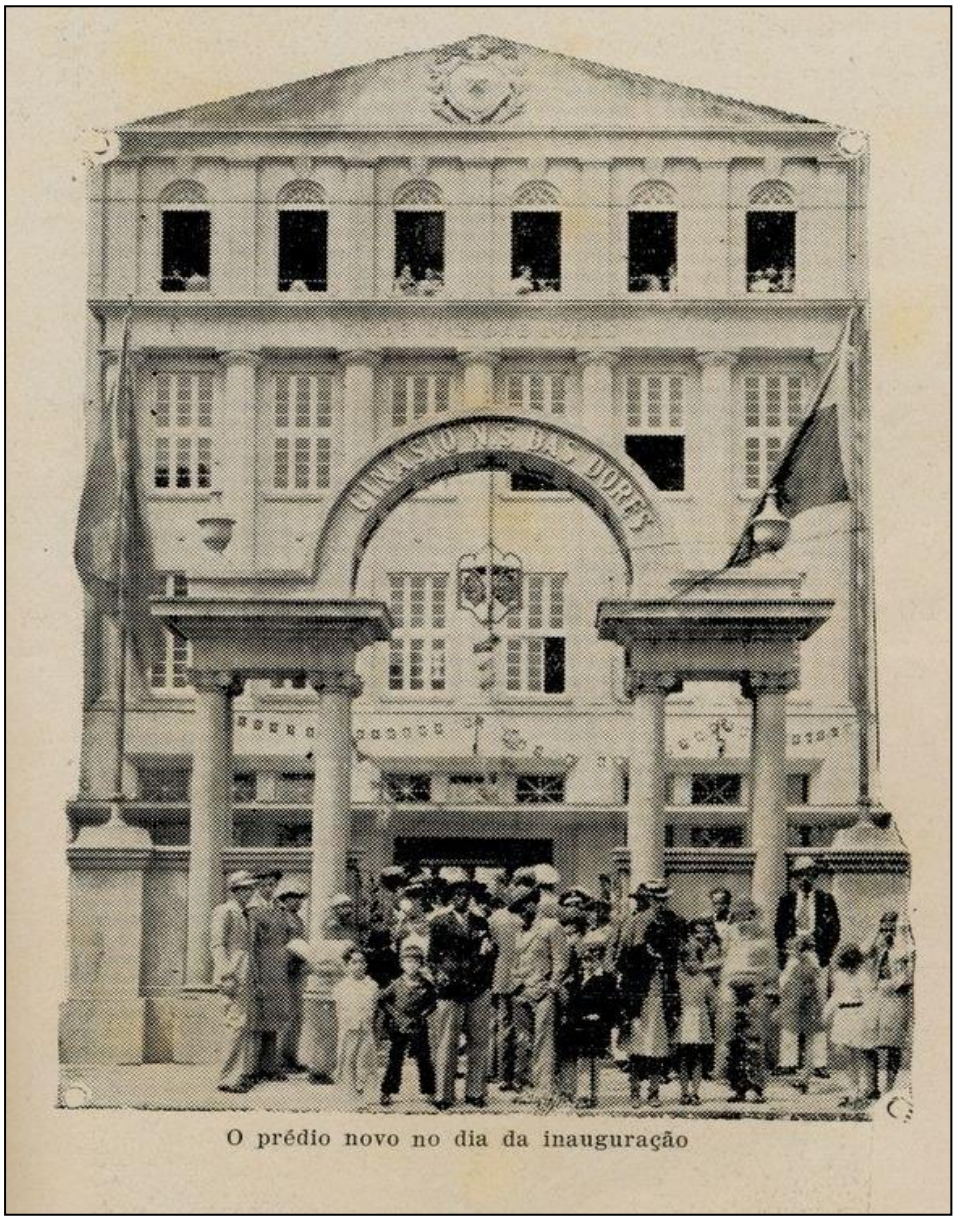
[4] A Rede La Salle faz parte da Província Lassalista Brasil-Chile, criada em 2012, reunindo as Províncias de Porto Alegre, São Paulo e Delegação Lassalista do Chile. Os Irmãos Lassalistas, como são conhecidos no Brasil, fazem parte da congregação Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, criado na França em 1680, pelo Padre João Batista de La Salle, dedicando-se ao ensino de crianças e jovens e à formação de professores.

[5] O projeto Monumenta é executado pelo Ministério da Cultura. Foi criado em 1995 e consiste em promover e apoiar a conservação e restauração dos patrimônios culturais em todo o Brasil.

[6] Os Irmãos Lassalistas chegaram ao Rio Grande do Sul em 1907, fixando-se em Porto Alegre para fundar suas primeiras escolas. Desde então, consolidaram rede de instituições educacionais de educação básica e de ensino superior pelo Brasil.

O projeto original do prédio foi encomendado ao arquiteto e artista plástico José Lutzenberger[7], na então conhecida Rua da Praia (depois denominada Rua dos Andradas), nº 769. A construção iniciou em 1935 e a inauguração ocorreu em 1937. A obra se estabeleceu em um terreno que fazia a ligação da escola, situada na Rua Riachuelo, com a Rua dos Andradas, no centro da capital. Sua arquitetura tem estilo eclético, dominando a inspiração neoclássica. Na Figura 1 tem-se o registro do momento de sua inauguração e na Figura 2, uma vista da edificação em 1938.

Figura 1 – Imagem da inauguração do Ginásio das Dores, Rua dos Andradas, 769 (1937)



Fonte: Acervo histórico do Colégio La Salle Dores.

[7] Lutzenberger projetou também outros prédios importantes, tais como a Igreja São José (Rua Alberto Bins, 467), o Palácio do Comércio (Rua dos Andradas 1085) e o Orfanotrófio Pão dos Pobres (Rua da República, 801).

Figura 2 – Imagem do Ginásio Nossa Senhora das Dores (1938)

Fonte: Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

Até o final da década de 1950, a escola funcionou no prédio. Depois disso, este teve diversos usos e, sem maiores cuidados com sua manutenção, sofreu a ação do tempo, deteriorando-se, até perder quase que integralmente suas características na parte interna. Ainda, o que muito contribuiu para a depredação do local, foi o funcionamento de um

estacionamento, no seu recuo de jardim. Nas figuras 3 e 4, pode-se verificar o seu estado de conservação antes do início da restauração, iniciada em 2013.

Figura 3 – Imagem da fachada do Ginásio das Dores (2012)

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora.

Figura 4 – Imagem do pátio do Ginásio das Dores alugado para estacionamento (2012)

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora.

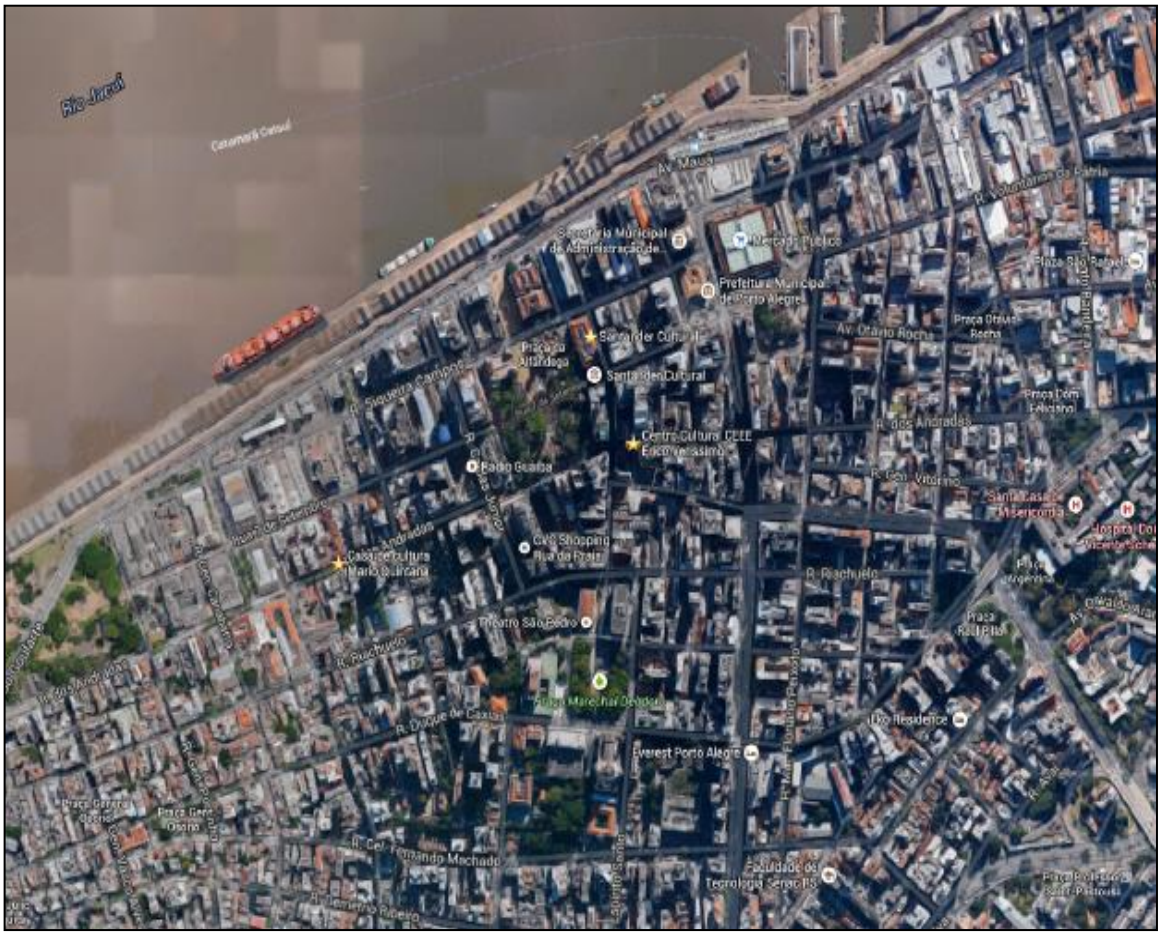
A mobilização para restauração, revitalização[8] e refuncionalização[9] da edificação

[8]Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, trata-se de requalificação da edificação que estava em mau estado de conservação. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>. Acesso em: out. 2014.

[9] De acordo com Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, trata-se de transformar a edificação para cumprir as exigências das novas funções, neste caso, abrigar um centro cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>. Acesso em: out. 2014.

iniciou em 2007 pelos dirigentes da então Província Lassalista de Porto Alegre. O objetivo deste restauro é conservar o prédio por seu potencial histórico, cultural e artístico e por sua localização em espaço urbano consolidado, próximo a duas edificações consideradas como patrimônio cultural: a Igreja Nossa Senhora das Dores, tombada desde 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Casa de Cultura Mário Quintana, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) desde 1990. Na Figura 5 tem-se uma vista aérea de parte do centro histórico de Porto Alegre com a localização dos equipamentos culturais em estudo e na Figura 6, a seguir, vê-se localização da Casa de Cultura Mário Quintana, futuro Centro Cultural La Salle e Colégio La Salle Dores (anteriormente citado).

Figura 5 – Vista aérea de parte do centro histórico de Porto Alegre onde se encontram os equipamentos culturais pesquisados



Fonte: Imagem retirada do site: <https://www.google.com.br/maps/@-30.0312868,-51.2309717,2640m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. Acesso em: abr. de 2015

Figura 6 – Vista aérea de parte do Centro Histórico de Porto Alegre onde se encontra o prédio do Ginásio das Dores (futuro Centro Cultural La Salle)

Fonte: Imagem disponível em:< http://img822.imageshack.us/img822/981/75298901.jpg>. Acesso em: dez. 2014.

Legenda:

Casa de Cultura Mário Quintana

Prédio do futuro Centro Cultural La Salle

Colégio La Salle Dores

A restauração do prédio do Ginásio das Dores está adiantada, com primeira etapa terminada em julho de 2014. Para discutir a criação do Centro de Cultura, iniciaram no mês de março de 2014, encontros de uma Comissão[10] para auxiliar na viabilização de recursos para a finalização do projeto de restauro. Os participantes são: representantes da Província La

[10] Composição em 2014: Joice Oliveira (Parmênia); Mauro da Silva Fraga (Supervisor Administrativo La Salle Dores); Irmão Roberto Ramos (Colégio La Salle Dores); Fabiane Franciscone (diretora La Salle Dores); Ângela Gubert (G2 Ofício e Cultura); Irmão Olavo Dalvit (Mantenedora); Diego Morais (Gestão Patrimônio, Mantenedora); Patrícia Kayser (Unilasalle); Lucas Graeff (Unilasalle).

Salle Brasil-Chille, do Unilasalle Canoas, do Colégio La Salle Dores e da Parmênia, empresa que se dedica à gestão de qualidade do trabalho realizado pelas imobiliárias e analisa oportunidades de rentabilidade dos imóveis da Rede La Salle. Esses encontros foram fundamentais em função dos esforços para finalizar o projeto, que é de interesse das instituições representadas.

Para além da restauração, é necessário planejar como será o futuro Centro Cultural, entre outros elementos, em termos de atratividades. Portanto, é aí que este trabalho se insere, ou seja, na proposição dessas, a partir de levantamento do que os demais equipamentos culturais congêneres, situados próximos (e na mesma rua), oferecem ao público que os frequenta.

A seguir então, apresentam-se os problemas, objetivos e justificativa da pesquisa, culminando esta primeira parte com a apresentação da estrutura do trabalho.

1.2 Problemas de pesquisa

A partir do exposto anteriormente, foram levantados os seguintes questionamentos: A partir do estudo dos equipamentos culturais citados, quais atratividades poderá vir a oferecer aos seus futuros visitantes? Como se formaram os três equipamentos culturais próximos do futuro Centro Cultural La Salle, ou seja, a Casa de Cultura Mário Quintana, o Santander Cultural e o Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo? Quais as suas condições de emergência? Qual o caráter desses equipamentos e sua orientação? Estão de acordo com referenciais construídos para centros culturais e casas de cultura? Como relacioná-los a questões urbanas que dizem respeito a patrimônio cultural e turismo cultural? Quais atratividades são oferecidas por estes equipamentos culturais?

1.3 Objetivos

Para melhor responder às questões propostas, foram formulados os seguintes objetivos:

1.3.1 Objetivo geral

Elaborar proposta de atratividades, para o futuro Centro Cultural La Salle a partir da oferta dos equipamentos culturais próximos, todos situados no chamado Corredor Cultural Rua da Praia (Porto Alegre).

1.3.2 Objetivos específicos

a) Analisar como se dá a construção de atratividades para Centros Culturais e Casas de Cultura.
b) Verificar quais são as atratividades oferecidas pelos equipamentos culturais citados.
c) Analisar a emergência, o caráter e a orientação da Casa de Cultura Mário Quintana, Santander Cultural e Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.
d) Propor atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle, a partir do estudo da estrutura da Casa de Cultura Mário Quintana, Santander Cultural e Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.

1.4 Justificativa

O tema desta pesquisa é pertinente para a Província Lassalista Brasil-Chile que está dedicando esforços para a concretização da criação do centro cultural. Também se justifica em termos de interesse pessoal, uma vez que a pesquisadora é Bacharel em Turismo formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), especialista em Gerência de Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e trabalha na Faculdade de Tecnologia La Salle de Estrela como professora do curso Tecnólogo de Gestão em Turismo.

É importante destacar que a escolha do tema da pesquisa, no início do curso, ocorreu devido ao incentivo recebido do Diretor Geral da Faculdade de Tecnologia La Salle de Estrela, Irmão Marcos Corbelini, aliado ao fato de estar acompanhando as obras para reutilização da edificação. Também, houve o entusiasmo pela forma como a Comissão formada pelos representantes da Província La Salle Brasil-Chille, do Unilasalle Canoas, do

Colégio La Salle Dores e da empresa Parmênia[11] se empenhavam para viabilizar a finalização do projeto de restauro. Durante o mestrado, a ideia inicial para o trabalho foi se transformando, conforme avançavam as leituras e a pesquisa se aprofundava.

A pesquisa algumas vezes mudou seu enfoque, o que causou certa insegurança, mas foi fundamental para a estruturação do trabalho. A contingência do Centro Cultural ainda não existir de fato, tendo em vista encontrar-se em obras, provocou dúvidas em relação ao caminho a ser trilhado para que o resultado viesse a ser satisfatório.

Na qualificação do projeto de pesquisa foram dadas algumas indicações, como, por exemplo, trabalhar com pesquisa de público frequentador dos três equipamentos culturais já citados, mas após alguns encontros com os orientadores e com o Diretor de Gestão e Administração da Província Brasil-Chile, Irmão Olavo José Dalvit o trabalho voltou-se, firmemente, para os atrativos oferecidos pelos equipamentos culturais selecionados para a pesquisa e para a proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural.

Considera-se a realização desta pesquisa relevante, em termos acadêmicos e profissionais, pela abordagem teórica e metodológica que, a partir do estudo de equipamentos culturais, problematiza a relação entre centros culturais, casas de cultura, elementos do turismo cultural e patrimônio cultural.

Ainda, justificando a relevância deste trabalho, a inserção do turismo nos centros históricos, pensando, neste caso, o de Porto Alegre, proporciona novas possibilidades para conservação e revitalização do patrimônio histórico. A reutilização do espaço do Ginásio das Dores entra neste contexto como uma importante ferramenta para o turismo cultural. Para que isto aconteça são necessárias estratégias inovadoras de conservação e administração de um patrimônio, com uma concepção ampla, tomando cuidado com as adequações para o turismo funcionar, o que vai muito além de existir bons restaurantes, hotéis, lojas etc., no entorno da edificação.

A revitalização do patrimônio edificado em questão e de outros existentes no entorno possuem forte influência estrangeira na sua arquitetura, marcando o período da imigração alemã e sua presença na capital. Assim, é possível compreender a cidade a partir de uma visão plural do espaço, da história e da complexidade de relações. A edificação remanescente, por meio da preservação do patrimônio, permite alcançar um sentido de rememoração para os frequentadores do centro da cidade e para aqueles que, de alguma maneira, em algum tempo

[11] A empresa, sediada em Porto Alegre (RS) atua no ramo da gestão do patrimônio, de marca, de estacionamentos e ensino de idiomas.

tiveram suas vidas relacionadas à educação lassalista e para as futuras gerações, o significado de preservação de seus bens culturais.

A relevância social está relacionada com a qualificação do ambiente urbano, além de preservar o patrimônio cultural e possibilitar a manutenção de práticas sociais, proporciona ambientes com características diversificadas da cidade, de diferentes períodos históricos. Valorizam-se, assim, potencialidades sociais, econômicas e funcionais, proporcionando-se melhor qualidade de vida às populações. Para que isto aconteça é necessário recuperar as condições físicas do local, mantendo a sua identidade.

A revitalização da edificação implica em que o processo deva manter suas características específicas, ou seja, aquelas que a diferenciam na malha urbana e estas devem ser preservadas. Isso, somado às refuncionalizações de espaços urbanos, torna possível reverter o subaproveitamento do potencial econômico do patrimônio para geração de novos empregos, afirmação de identidades e para estabelecer o patrimônio cultural como alicerce indutor e estruturante, com o objetivo de contribuir para o planejamento do crescimento urbano.

O processo de restauração e refuncionalização do Ginásio das Dores manifesta o crescimento social e cultural da cidade de Porto Alegre. A preservação do patrimônio em questão e sua transformação em centro cultural é relevante em todos os sentidos, pois poderá impulsionar a transformação social, potencializar a criatividade e desenvolver o enriquecimento cultural, ainda mais que se trata de um equipamento cultural relacionado à presença de congregação religiosa que está no Brasil há 108 anos.

Vale ainda ressaltar que durante a elaboração do projeto de pesquisa participou-se em duas reuniões da Comissão formada para acompanhar o processo de restauração do Ginásio das Dores, com vistas a sua transformação em centro cultural, o que contribuiu para a compreensão de como os gestores da Província Lassalista Brasil-Chile preparam o planejamento de sua implantação.

PARTE II – MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreender sobre conjuntos de atratividades em centros culturais e casas de cultura é fundamental fazer uma revisão teórica conceitual sobre os equipamentos culturais citados, centros históricos, patrimônio cultural, turismo cultural e como estes se relacionam. Conforme Barros (2011), os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa remetem à maneira de compreender o campo de fenômenos que serão examinados. O autor complementa que a teoria leva à generalizações, ainda que estas se destinem a serem aplicadas em um objeto específico delimitado pela pesquisa.

2.1 Centros Culturais

Silva (2013) realizou relevante estudo sobre produção bibliográfica (116 teses/dissertações escritas entre 1987-2010), a respeito de centros culturais, buscando discutir as dimensões teóricas das investigações e o contexto em que são tratados os seus rumos. O autor informa que

> [...] há duas dimensões teóricas subjacentes, o da cultura e o da hospitalidade, o primeiro abordando a questão do ponto de vista cultural, da ação empreendida, e o segundo, detendo-se na dimensão social, da forma como estes equipamentos e seus públicos interagem hospitaleiramente com seus usuários (SILVA, 2013, p. 12).

A partir dos enfoques teóricos citados, em geral, os trabalhos abordam temas relacionados à gestão dos equipamentos culturais, acessibilidade, programação, recursos humanos, sustentabilidade, entre outros. Silva (op. cit) aponta evidências de que nos estudos analisados, a relação entre as políticas públicas para a cultura no Brasil e o papel dos centros culturais na sua discussão e promoção é abordada de forma superficial.

Silva (2013), na revisão bibliográfica já citada, encontrou as denominações casas de cultura, espaços culturais e propriamente centro cultural para estes equipamentos. Tanto quanto o conceito de cultura, o de centro cultural é polissêmico e apresenta, como indica

Milanesi (1977), certa fluidez. No entanto, ao longo dos anos, desde que surgem[12] os primeiros centros culturais, foram feitas algumas definições. Assim, Milanesi cita Lei francesa de 1975 que assim categoriza esse equipamento:

> Estabelecimento público que favorece a criação de obras de arte e do espírito; contribui para o enriquecimento do patrimônio cultural da nação, da informação e formação do público, da difusão da informação artística e da comunicação social. [...] Ele assegura o funcionamento e a animação, com os organismos públicos e privados que lhe são associados, de um conjunto cultural consagrado a todas as formas de criação artística, notadamente no âmbito das artes plásticas, da pesquisa acústica e musical, da estética industrial, da arte cinematográfica, assim como a leitura pública (MILANESI, 1997, p. 53).

Nesse sentido, as funções básicas de um centro cultural, não importando sua estrutura e tamanho, seriam as de oportunizar a criação artística, de conhecimentos, discuti-los e comunicá-los.

No Brasil, conforme Coelho Neto (1986), apenas na década de 1980 surgiram os primeiros centros culturais, inicialmente concebidos como bibliotecas: o Centro do Jabaquara (1980) e Centro Cultural de São Paulo (1982). Existe uma variedade desses equipamentos pelo país, cada um com características próprias, dependendo do contexto em que estão inseridos, costumes das comunidades de entorno, situação financeira de seus mantenedores, entre outros.

Coelho Neto (1997) traz distinção entre espaço cultural, centro cultural e casa de cultura. Estas distinções podem ser verificadas a seguir, no Quadro 1:

[12] Segundo Teixeira Coelho (1986), os primeiros centros culturais ingleses (os centros de arte) foram criados no século XIX.

Quadro 1 – Conceitos de espaço cultural, centro cultural e casa de cultura

ESPAÇO CULTURAL	CENTRO CULTURAL	CASA DE CULTURA
"[...] aqueles locais mantidos pela iniciativa privada que se dedicam a promover uma ou outra atividade cultural, não um conjunto delas, e que não apresentam nem um acervo de obras, nem uma frequência constante em suas atividades (em relação a uma mesma especialidade ou no conjunto de sua atuação)". (COELHO NETO, 1997, p. 167).	"[...] o centro cultural é geralmente uma instituição mantida pelos poderes públicos, de porte maior, com acervo e equipamento permanentes (salas de teatro, de cinema, bibliotecas, etc.), voltada para um conjunto de atividades que se desenvolvem sincronicamente e oferecem alternativas variadas para seus frequentadores, de modo perene e organizado". (COELHO NETO, 1997, p. 167).	"A Casa de Cultura pretende ser um local de convivência sociocultural e de produção de modos culturais mais visceralmente ligados às comunidades em que se situam". "[...] aquelas mantidas por instituições estrangeiras para promover suas culturas nacionais em geral ou sob algum aspecto em especial [...] e que sempre mantêm uma programação constante e especializada". (COELHO NETO, 1997, p. 167).

Fonte: COELHO NETO (1997).

Coelho Neto (op. cit) observa que alguns grupos caracterizam os centros culturais como lugares que privilegiam modalidades culturais de referência de segmentos dominantes, alavancando-as ou utilizando-as como instrumento da indústria cultural. Para esses grupos, defensores dos modos culturais subalternos e alternativos, os centros norteariam e reproduziriam determinadas práticas culturais.

Nesse sentido, o autor informa que os centros culturais surgiram como substitutos ou complementos da educação formal, voltados para a interpretação e divulgação cultural, mais do que para a criação e para os agentes culturais, para reverenciar-se a cultura em vez de se ter familiaridade com a mesma.

Silva também constata em seu estudo bibliográfico (anteriormente citado) que

> [...] a designação centro cultural pode englobar uma multiplicidade de equipamentos urbanos, incluindo museus, bibliotecas, que cada vez mais assumem a vocação, não apenas de conservadores, mas também de produtores de cultura, com oficinas, cursos, etc. 2. Pode-se identificar também que essa noção ganha ainda mais opacidade, ao se considerar que as iniciativas se multiplicam tanto nos setores público e privado sem fins lucrativos (ONG´s) como também no setor privado, sobretudo bancos (2013, p. 70).

Não se encontrou um modelo oficial que definisse centro cultural, porém, a partir das leituras realizadas, parece que o consenso entre os estudos é o de que oportunize à população interessada a participação em atividades culturais e que promova a cultura entre os habitantes

de uma comunidade. Sua estrutura pode ser diferenciada: os maiores têm auditórios com cenários, bibliotecas, salas de informática e outros espaços, com possibilidade de realizar *workshops* ou cursos, peças de teatro, projeção de filmes etc. São locais para encontro de pessoas, para manter tradições e também participação em oficinas de música, canto, arte e outros tipos de atividades culturais.

É preciso levar em conta que centros culturais mantidos ou financiados por empresas, órgãos públicos, outras organizações, fazem parte de ações de marketing cultural e institucional e, portanto, passíveis de controle e de mecanismos estratégicos de promoção de imagem frente à população usuária, clientes e público em geral. Isso fica claro em Tabosa (2012) em trabalho sobre o Banco do Nordeste do Brasil e seus centros culturais que tem por objetivo promover a produção, formação, fruição e difusão cultural como ação concreta para fomentar a integração e desenvolvimento regional.

Coelho Neto (1997) afirma que importa, em um centro cultural: ter-se acesso ao que interessar, não importando de onde tenha vindo e em que tempo; mover-se pela possibilidade do vir-a-ser por meio do movimento de corpos e mentes que transforma o estar em processo, questionando o que está estabelecido.

Silva afirma que

> [...] embora os centros culturais sejam atrativos turísticos de grande importância, constituindo referências (poder-se-ia mesmo dizer grifes) de grandes metrópoles e exista já um crescente número de estudos que relacionam cultura e turismo, não há nenhum estudo que relacione estas duas áreas [turismo e centro cultural] (2013, p. 71).

Realmente, os trabalhos são incipientes, mas foi possível localizar dois estudos que indicam centros culturais como atrativos turísticos. Souza Filho (2007) aborda o Espaço Cultural 508 Sul (em Brasília) que engloba teatro, sala multiuso, sala de vídeo, sala para cinema, galpão destinado a oficinas, biblioteca, mezanino, espaço para laboratório e escritórios de administração. O autor explica ser este espaço mote para requalificação e revitalização da via W3 Sul, como promotor do turismo e agente na preservação do patrimônio cultural.

Pinto, Paulo e Silva (2012) investigaram centros culturais em Belo Horizonte, entendendo-os como espaços de lazer comunitários, os quais poderiam, potencialmente, transformarem-se em atrativos turísticos. Esses equipamentos culturais fazem parte da Fundação Municipal de Cultura e promovem eventos, identidades culturais e guardam acervos

de objetos entendidos como patrimônio cultural locais, com grande aporte de público usuário. Pelo que se pode compreender, a partir das investigações realizadas, os centros culturais centram suas ações na promoção do patrimônio cultural e em atividades formativas.

2.2 Casas de Cultura

A grande lacuna evidenciada, a partir de pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Capes, na Base Scielo e no Google Scholar, é em relação a trabalhos que envolvam, especificamente, casas de cultura. Fernández (2007) informa que o início da disseminação das noções sobre casas de cultura remete ao período compreendido entre as décadas de 1930 e 1960, tempo em que surgem entendidas no seu modo pleno, as políticas culturais, na forma de institucionalização da cultura, na Segunda República Espanhola (1931-1939), o Arts Council, na Inglaterra (1946) e a criação, na França do Ministério de Assuntos Culturais e sua direção nas mãos de Malraux (1959-1969). Este buscava tornar acessível ao maior número de franceses, o que considerava como as grandes obras das artes plásticas da cultura francesa. Era um momento de profunda crise política na França (período pós-Segunda Guerra) e Malraux, segundo Fernández (2007), considerava que a presença das obras, ou de suas cópias, em casas de cultura a serem abertas por todo o país, poderia religar, de forma simbólica, a comunidade nacional[13].

Segundo Coelho Neto (1997) a democratização do acesso à criação de bens culturais, buscava prevenir a exploração desses bens, em termos mercadológicos, e a consequente dominação do consumo sobre a criação. Os verbos que exprimiam os objetivos das casas de cultura — armar, combater e democratizar —, caracterizavam o momento vivido na França. O autor informa que havia "[...] nessa posição, sem dúvida, uma série de ideias predeterminadas sobre o capital cultural a privilegiar pela política cultural" (1997, p. 151). Para esse autor, as casas de cultura criadas pela política cultural de Malraux, na França, tiveram papel relevante no que se denomina de circuito alternativo descentralizado de cultura, o qual trouxeram para comunidades distantes dos equipamentos culturais localizados nas grandes cidades, a produção cultural do país.

[13] As ideias de Malraux surgem dos compartilhamentos com seus amigos Luis Aragon e Gaëtan Picon em tempos de sua participação nas lutas antifacistas na Guerra Civil Espanhola, na Resistência, durante a Segunda Guerra Mundial e no RPF (Ressemblement Du Peuple Français). Sua intenção era a de colocar uma casa de cultura em cada um dos 95 departamentos franceses. No entanto, em 1986, apenas funcionavam 16 desses equipamentos culturais (FERNANDEZ, 2007; OLIVEIRA, 2006).

Com o movimento de maio de 1968[14], a política cultural francesa foi questionada e, por conseguinte, também a orientação e o caráter das casas de cultura. Considerou-se, na época que as casas de cultura operavam visão elitista e não democrática da cultura e passou-se a reivindicar uma maior relação entre a vida cotidiana e cultura, uma democracia cultural que contemplasse a diversidade de expressões artísticas, voltada para as expressões culturais regionais. Abandonaram-se as casas de cultura, julgadas onerosas para o estado francês e criaram-se Centros de Animação Cultural, num processo de municipalização da cultura (RUBIM, 2012).

No Brasil, o Conselho Federal de Cultura, com gestão entre 1969-1972, elaborou um projeto para criação de Casas de Cultura, utilizando modelos já testados na Europa (casos na França e na Espanha), com o intuito de

> fortalecer a produção cultural no país de maneira mais descentralizada [...] Deveriam ser agências de cultura em pequenas unidades, de acordo com a densidade cultural da região, compostas por biblioteca, filmoteca, discoteca, um pequeno museu, com sala de exposições e de projeção cinematográfica, que poderia ser utilizada também para espetáculos teatrais (CALABRE, 2007, p. 163-164).

O projeto das casas de cultura encontrou alguns impedimentos para que fosse plenamente implantado, principalmente em termos de dotação orçamentária; mesmo assim, recebeu atenção especial do governo. Tanto que, a partir de levantamento realizado por Costa (2011), foi possível recuperar a criação de algumas casas de cultura naqueles moldes citados anteriormente: Casa de Cultura Raimundo Cela (Palácio da Luz, Ceará, 1967), Casa de Cultura Júlio Afrânio Peixoto (Bahia, 1969,) Casa de Cultura de Joinville (Santa Catarina, 1973), Casa de Cultura de Santarém (Amazonas, 1973), Casa de Cultura de Campo Grande (Mato Grosso, 1973), Casa de Cultura do Crato (Ceará, 1974).

Por meio do Guia de Museus Brasileiros (2011), levantou-se o registro de 42 casas de cultura, porém, são incipientes os estudos acadêmicos específicos sobre esse tipo de equipamento cultural. Um trabalho encontrado, a partir de pesquisa nas bases de dados já citadas, trata entre outros elementos, da construção da *Casa de memória e cultura do Córrego dos Januários*[15], para abrigar acervos que consistem em coisas, imagens, palavras, materialidades criadas coletivamente, para encontros, convivências que levem a novas

[14] Para saber mais ver: THIOLLENT, MICHEL. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(2); 63-100, outubro de 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06.pdf >. Acesso em: abr. 2015.

[15] Povoado do município de Inhapim, situado na região leste de Minas Gerais.

possibilidades de criação. Segundo Gusmão (2009, p. 27),

> [...] pretende ser principalmente a morada da imaginação e dos desejos dos habitantes do Córrego dos Januários, mas também a morada das histórias dos forasteiros que por lá cruzarem, deixando suas lembranças, transformando seus sonhos e experiências em histórias dignas de serem contadas para as próximas gerações.

Nesse sentido, a Casa de Memória e Cultura projetada e construída em 2008, estará aberta a novos sentidos, conforme as vivências e convivências produzirem novas memórias e significados com pluralidade de formas e possibilidades de interpretações. É como se a Casa de cultura e de memória do Córrego dos Januários houvesse dado, para além da fala, o próprio coração para os moradores do local.

A partir dessas reflexões, percebeu-se que a orientação, tanto dos centros culturais, como das casas de cultura remetem para que sejam, como afirma Balem, integrantes da ”[...] vida do homem contemporâneo, adquirindo uma noção de espaço vivo [...]” (2010, p. 15).

2.3 Turismo Cultural

A partir da leitura de Köhler e Durand (2007), verificou-se que existem dois conjuntos de definições para turismo cultural: (1) centrada a partir da demanda; (2) centrada a partir da oferta.

Quadro 2 – Definições para turismo cultural

DEFINIÇÃO A PARTIR DA DEMANDA	DEFINIÇÃO A PARTIR DA OFERTA
Cada turista tem seu próprio repertório, motivos para viajar, expectativas por experiências culturais e modos de interpretar o que percebe e ou experiência.	Consumo de atrativos previamente classificados como culturais.
É a interpretação que cada turista faz da sua experiência que define o que é ou não cultural.	Desfrute turístico dos atrativos previamente classificados como culturais: equipamentos culturais, Sítios e centros históricos, festas, festivais, gastronomia local, eventos, objetos, etc.
É a experiência pessoal que se torna cultural. O foco está no turista.	O foco está nos atrativos.
Ponto positivo: diferentes interpretações para o mesmo objeto ou destino.	Mesmo que cada experiência seja subjetiva, já há, previamente, uma interpretação para a atração

	turística.
Problema: delimitar o que se constitui e o que deixa de ser atrativo cultural.	Há delimitação e critérios eleger o que é ou não atrativo cultural.
Infinidade de objetos e espaços vistos como culturais torna o conceito difícil de ser operacionalizado.	Como os atrativos são antecipadamente classificados como culturais, o conceito é mais facilmente operacionalizado.
Dificuldades nas propostas de regulação e fomento do turismo cultural.	Facilidades na regulação e fomento.
	Visitas ao patrimônio cultural; a atividades produtivas; contato com a população local, com a vida cotidiana, com bens culturais materiais e imateriais. A partir desta definição, tanto turistas domésticos quanto os de outras procedências poderiam ser classificados como turistas culturais.
	Movimentação de pessoas, fora de seu lugar de residência em torno de objetos e espaços tidos como atrações culturais.
	Consumo de atrativos previamente classificados como patrimônio cultural (material, imaterial e natural). Portanto não inclui aquilo que não é formalmente reconhecido como tal.

Fonte: Elaborado pela Autora (2014) com base em Köhler e Durand (2007).

Segundo Köhler e Durand (2007), a definição de turismo cultural a partir da oferta delimitada ao patrimônio cultural, inclui bom número de atrativos, tendo em vista a amplitude desse conceito. Isso facilita o estudo do segmento do turismo cultural, a elaboração de roteiros turísticos, subsídios para propostas de fomento e regulação por parte do Estado. Ainda, fica assegurada a experiência pessoal do turista, pois se sabe que, independente de interpretação prévia, ou cumprimento de agenda padronizada de visitação, cada visitante atribui significados e sentidos aquilo que usufrui.

Os autores comentam que os poderes públicos, em diferentes países têm criado políticas públicas para fomento e regulação do turismo cultural, tendo em vista o cenário competitivo em relação à oferta de destinos e atrativos. Isso remete para a necessidade de criação de programas inseridos não só na proteção dos bens culturais, mas fazê-lo atentando tanto para seu significado simbólico como também, para sua inclusão como instrumento de desenvolvimento econômico, urbanização, entre outros. Além do valor como bens simbólicos e suportes de memória e identidade, os bens culturais passam a ser também produtos culturais. Nesse sentido, se potencializa a revitalização de centros e locais históricos, a restauração de monumentos, sítios históricos, revitalização de áreas decadentes, etc.

Nesse cenário insere-se o Programa Monumenta do Brasil, como política pública de regeneração urbana, notadamente de centros históricos com patrimônio edificado já tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e ou inventariados/tombados por municípios ou estados da federação. Conforme Gastal (2003), a recuperação, de sítios e prédios históricos obedece a quatro critérios: sustentabilidade, visibilidade, atratividade e acessibilidade. Após restaurados, os bens culturais terão de se tornar atrativos, logo, com capacidade para vir a ser produto cultural. Outro ponto a ser levado em consideração é o da educação patrimonial[16], que ao mesmo tempo em que educa o olhar para o patrimônio cultural, auxilia a construção de valorização e identificação com o mesmo.

Polanco (2009) chama a atenção para como é permeada por conflitos a relação entre o fomento do turismo cultural e a restauração/revitalização do patrimônio cultural, mostrando a presença de atividades turísticas em locais com estrutura urbana e social que não foram preparadas para tal. Mesmo que o turismo cultural aporte com recursos econômicos, este causa impactos que ainda não foram suficientemente estudados. Em seus estudos, o autor trabalha vantagens e desvantagens do turismo cultural, quem se aproveita e a quem pertence o patrimônio cultural, que por definição é coletivo. Sua preocupação é a de que a recuperação de locais ou centros históricos atenda não só a demanda cultural, ao desenvolvimento econômico local, mas principalmente, aos problemas sociais que subjazem às discussões, fazendo com que todos possam se beneficiar, tanto os visitantes, quanto os residentes na sua amplitude.

2.4 Centros históricos e turismo cultural

A maioria das cidades com centros históricos ou locais antigos teve ou tem revitalizado esses espaços, aproveitando o seu valor histórico cultural e fazendo com que se tornem motivadores do crescimento do turismo. A busca da vivência de novas experiências em lugares de grande valor histórico cultural é um dos fatores que promove a preservação de importantes patrimônios históricos. Para ampliar as atividades econômicas dos centros com acervo cultural é necessário conhecer as suas características e avaliar as possibilidades de desenvolvimento.

[16] Ver FLORÊNCIO, Sônia R.; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. .**Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan, 2014.

Nesse contexto, o turismo cultural representa uma forte alternativa para viabilizar o desenvolvimento econômico de centros históricos preservados, visto que a própria atividade turística é entendida como motivadora da manutenção da identidade local. As cidades precisam investir em infraestrutura para acompanhar o desenvolvimento que o mercado exige pelo aumento do fluxo de visitações. Um exemplo é o da cidade de Natal (RN) que, de acordo com Lima (1998) melhorou a infraestrutura, criando novos espaços de atratividade turística atraindo turistas para a região. O autor comenta que a construção da via costeira em Natal gerou condições de existir uma rede hoteleira auxiliando o desenvolvimento turístico tanto nacional como internacional. E com este desenvolvimento é necessário uma constante preocupação em novos projetos urbanísticos e de infraestrutura para manter seu crescimento turístico sendo um setor significativo na economia do estado.

As intervenções em centros urbanos para Vargas e Castilhos (2009) pressupõem uma avaliação do valor histórico e patrimonial e também a funcionalidade na estrutura urbana, constatando que são necessárias intervenções para evitar a deterioração nos locais. Os autores explicam que os processos de intervenções urbanas tem o intuito de transformar espaços antigos adaptando-os a novas funcionalidades, entre elas a turística. Cruz (2002) comenta que o turismo participa no processo de transformação dos espaços para seu uso bem como na disposição sócio espacial que precederam ao seu surgimento.

No caso do centro histórico da cidade de Aracajú, por exemplo, alguns patrimônios apresentam sinais de deterioração e aumento do comércio informal (LIMA, 2009). Os centros históricos são prejudicados porque seus espaços acabam sendo danificados também em função da falta de investimento público e privado. A cidade de Aracajú conforme Paes (2010) devido ao aumento do fluxo turístico passou por transformações, reorganizando sua infraestrutura e qualificando atrativos turísticos do centro histórico. A participação da comunidade local foi fundamental para o avanço deste processo de expansão turística.

Luchiari (1998) afirma que o turismo estimula a urbanização turística[17], proporcionando o fluxo de pessoas, de informações e de bens de uma maneira geral. As intervenções urbanas podem ser chamadas de requalificação e revitalização urbana. De acordo com Paes (2010) estas definições foram elaboradas para acompanhar a crescente evolução nos espaços urbanos. A requalificação está relacionada não apenas com a restauração, mas também com a modernização para conservar sua importância arquitetônica e cultural.

[17] Entende-se por urbanização turística, "[...] as estruturas urbanas resultantes das transformações espaciais geradas pela visitação [...]" (CÉSAR, 2010, p. 407).

Muitas intervenções provocam mudanças no estilo paisagístico dos centros históricos, modernizando sem alterar sua identidade anterior. O centro histórico de Aracajú por ser reconhecido como um local para consumo de bens e serviços associados ao lazer e turismo tem a sua refuncionalização e requalificação através das intervenções promovidas pelos projetos de revitalização (PAES, 2010). A região nordeste, conforme este autor, teve dificuldades no seu crescimento turístico devido à falta de infraestrutura. A atividade turística é uma da melhores alternativas para recuperar a economia, porque pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da localidade.

Já o Bairro Centro Histórico de Porto Alegre concentra a maior parte dos marcos históricos da capital do Rio Grande do Sul. Memórias da cidade têm como suportes diversos edifícios tombados ou inventariados para fins de preservação. É nesse espaço que acontece a maior emissão cultural, pois ali se encontram, entre outros: o Museu Júlio de Castilhos, a Casa de Cultura Mário Quintana, a Usina do Gasômetro, a Biblioteca Pública, o Museu de Artes do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul, o Palácio Piratini, o Santander Cultural, o Centro Cultural da Cia. Estadual de Energia Elétrica Érico Veríssimo, entre outros. Para reforçar e qualificar a atratividade do centro histórico foi instituído em 2006, o projeto Viva o Centro, orientado por Plano de Diretrizes que integra políticas públicas de gestão e ações estratégicas no sentido de congregar setores da sociedade civil e órgãos municipais para viabilizar e potencializar o desenvolvimento do local que abrange área de 228 hectares. Para tanto, tem sido fundamental o Programa Monumenta que em convênio com a Prefeitura de Porto Alegre possibilita a restauração de vários prédios e entre eles, o Ginásio das Dores, onde será instalado o futuro Centro Cultural La Salle (PROJETO, 2013).

Incentivar a valorização do patrimônio junto com a sua utilização nos centros históricos é o compromisso do turismo de acordo com os princípios do turismo cultural. A revitalização e turistificação[18] das localidades compreende o patrimônio como um espaço que remete aos valores de uma sociedade. Diante destas considerações entende-se que as revitalizações e intervenções urbanas em centros históricos acontecem para valorizar e transformar os patrimônios em atrativos turísticos culturais.

[18] "[...] materialização da função turística no território, em outras palavras, os efeitos decorrentes do processo de transformação de um local em território turístico" (LEITE, 2008, p. 9).

2.5 Patrimônio Cultural

Barreto (2006) afirma que o patrimônio pode ser entendido integrando os bens que encontramos na natureza e os culturais[19], significado que vem se modificando dependendo da compreensão do conceito de cultura. No processo histórico de preservação no Brasil, muito se tem premiado patrimônios como os antigos palácios, residências de nobres ou locais onde aconteceram fatos relevantes para a história e política de determinado local. Significativos pelo seu potencial recebem maiores aportes de verbas para sua restauração e conservação.

Choay (2001), tratando do patrimônio edificado indica ser este um bem de valor relevante para uma comunidade. A autora comenta que o conceito avançou no sentido mais amplo, incluindo conjuntos urbanos da mesma forma que os edifícios isolados, no campo da herança histórica a ser preservada. Nesse caso, insere-se o prédio do antigo Ginásio das Dores que, juntamente com outros bens, forma o conjunto do centro histórico de Porto Alegre.

Ainda segundo Choay (2001) o patrimônio cultural estimula a memória coletiva por meio da emoção e da afetividade, fazendo vibrar um passado selecionado, com vistas a preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar. Com a valorização e a revitalização dos patrimônios culturais surge a necessidade de recuperar centros históricos que passaram a constituir importância significativa para o desenvolvimento sustentável das cidades, pois esses representam a essência da memória e da identidade que caracteriza a própria cidade. Simão (2001) deixa claro que preservar patrimônios é valorizar a história entendendo que o passado é um referencial para a construção do futuro e como um processo contínuo de contemplação e que o papel da preservação do patrimônio cultural vai além dos limites da história e da memória, uma vez que preenche função econômica e social, estabelecendo possibilidades de ampliar as opções de atividades econômicas, por exemplo, dos centros urbanos com acervo cultural.

Para a valorização do patrimônio cultural é necessário compreender, identificar e conhecer a oferta de bens que estão disponíveis, portanto, é necessário descobrir a realidade

[19]Segundo Barreto (2006, p. 29) na convenção do patrimônio Mundial da Unesco, em 1972, definiu-se patrimônio cultural como: "Monumentos: as obras de arquitetura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica etc. Conjunto de edificações: edificações separadas ou conectadas, os quais, por sua arquitetura, homogeneidade ou localização na paisagem, sejam de relevância universal do ponto de vista histórico, da arte ou das ciências. Sítios: obras feitas pelo ser humano ou pela natureza, e áreas que incluem sítios arqueológicos que sejam de relevância universal do ponto de vista histórico, da estética, da etnologia ou da antropologia." Já patrimônio Imaterial são as práticas, representações, expressões, conhecimentos e expressões associados a instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que uma determinada sociedade reconhece como parte integrante de seu patrimônio cultural.

passada e presente e fazer uma projeção para o futuro, verificando as potencialidades e oportunidades, estimulando a capacidade de explorar o espaço. É o que Custódio (2010) explica sobre interpretação do patrimônio, tema que passou a ser estudado a partir da década de 1990, com inspiração em projetos desenvolvidos em museus para atração de visitantes. A interpretação, de acordo com esse autor:

> É uma técnica de comunicação utilizada para despertar o interesse dos visitantes e acessível a história, a cultura ou o patrimônio de uma comunidade. Além de fatos, pode revelar outros significados e estabelecer relações com outras ocorrências, demonstrando a importância de contextos culturais (CUSTÓDIO, 2010, p. 277).

Bens culturais são fontes de informação e são carregados de referências e, por isso, permitem diferentes leituras e diversas formas de apropriação. Assim, a visitação e apreciação não se restringem apenas a uma atividade de lazer, mas também de aprendizagem. Custódio (op. cit) cita meios para serem utilizados na interpretação do patrimônio cultural: catálogos, imagens, guias, maquetes, livros, vídeos, entre outros para desvelar e ou realçar seus valores e características. Destaca a visita guiada ou orientada como recurso para essa técnica de comunicação. Chamada de interpretação ao vivo por Murta e Goodey (2002), pressupõe a mediação de um guia ou profissional especialista a orientar uma visita, o qual trará determinado enfoque e narrativa sobre os bens culturais, cuidará para que o espaço seja preservado durante a visita e dos visitantes para que se sintam acolhidos e respeitados nas suas especificidades. Isso faz com que, sentindo-se relacionado com o que está sendo mostrado, se aproprie, aprecie e valorize monumentos, objetos, edificações e ou saberes e fazeres.

Segundo Gastal e Moesch:

> O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

Essa definição mostra que o turista para usufruir de bens e serviços culturais, não necessariamente precisa de grandes deslocamentos e gastos. Muito próximo de sua casa podem existir locais, festas, patrimônios para os quais pode ter um novo olhar — o olhar do estrangeiro —, vindo a construir novos relacionamentos com espaços até então não levados

em consideração. As autoras abordam que é preciso mobilizar-se afetivamente para tal e dispor-se a fazer outras trajetórias, traçar novos caminhos. Certeau (2008) diz que ao caminharmos, traçamos o caminho e nos apropriamos dos espaços.

Um morador se apropria do seu bairro, da sua cidade ao desenvolver o sentido de pertencimento, de cidadania, isto é, o direito a todos os níveis de existência e os deveres que isso acarreta. Isso está associado à memória coletiva, construções identitárias, o usufruto daquilo que é da esfera pública e participação para promover a proteção e desenvolvimento de possibilidades. Nossa percepção de cidade vai depender do quanto nos envolvemos com ela. Passa pela subjetividade do cidadão, de acordo com Cerquier-Manzini (2010), a construção de melhores relações com o outro e o envolver-se com a melhoria da vida de todos. Dessa maneira, esse abrir-se para o bairro, para a cidade, para a diversidade cultural, o estranhamento e também a identificação, o permitir do entrelaçar de imaginários, sentidos e significados cria outro tipo de turista, o turista cidadão para o qual, segundo Gastal e Moesch,

> [...] os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar a própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano (2007, p. 60).

Desta maneira, o espaço degradado e subutilizado do Ginásio das Dores pode reaproximar moradores, pessoas que trabalham no centro histórico de Porto Alegre, transeuntes que passam todos os dias pela calçada, a partir de um processo de estranhamento e de construção de novas experiências, vivências e saberes.

2.6 Relação entre turismo cultural e patrimônio cultural

A cultura está associada com conhecimentos, sentidos, significados, imaginação, imaginário, hábitos, costumes, crenças, arte, modos de fazer e tudo aquilo que o ser humano tem a capacidade de produzir, seja material ou imaterialmente. Isso envolve o patrimônio cultural e de acordo com Morel (1996) a história da humanidade se revela, entre outros, por meio do que foi deixado como herança, a qual manifesta a personalidade histórico-artística de cada sociedade, formando sua própria identidade cultural.

O autor ainda afirma que os centros históricos das cidades, principalmente das metrópoles, concentram um grande volume de fatos que marcam de forma significativa sua memória, sua evolução desde o seu surgimento até o momento de sua urbanização. Existe

uma riqueza de referências culturais que manifestam de forma muito clara, os elementos que constituem a memória da cidade, do seu passado e de seu presente. Os bens culturais não são estanques, fixos, são dinâmicos, estão em constante movimento, sendo apropriados ou reapropriados, significados ou ressignificados no interior de uma comunidade cultural, entendida aqui como o "conjunto de pessoas que se autoatribuem sentimentos de ligação e pertinência" (AZIRPE; NALDA, 2003, p. 222).

Nesse contexto, para que esses bens possam vir a se tornar produto turístico, inicialmente é necessário estudo aprofundado da comunidade e de seu patrimônio cultural a fim de evitar que a atividade turística venha a prejudicar a estrutura social e contribuir para a descaracterização de seus bens (GOMES, 2007). Conforme a Organização Mundial do Turismo[20], o turismo cultural é caracterizado pela procura por estudos, cultura, artes cênicas, festivais, visitação em sítios históricos ou arqueológicos, monumentos, manifestações folclóricas ou peregrinações. Para alguns autores a definição é muito ampla, existindo a possibilidade de ser realizada uma subdivisão dos conceitos de turismo cultural, incluindo-se o de turismo de arte e o de turismo histórico.

Em se tratando de aspectos históricos, Funari e Pinsky (2005) consideram que o patrimônio cultural pode constituir-se em importante elemento de atração turística e, porque não, de conscientização social. Nesse sentido, o incentivo de restauro e revitalização dos bens culturais vem crescendo, contribuindo para o desenvolvimento do turismo cultural, da mesma forma que a articulação com o turismo pode garantir a sustentabilidade do patrimônio cultural.

A conservação das edificações, monumentos, praças e parques, entre outros, é um dos grandes desafios para a qualificação de uma localidade e implica em respeitabilidade para com os seus moradores e preservação de valores e costumes da comunidade, pois o interesse dos visitantes por uma localidade é temporário e superficial e para os residentes o patrimônio é elemento básico, em se tratando de construções identitárias. Os turistas devem contemplar os atrativos culturais levando em consideração o valor histórico cultural e interpretando o patrimônio de acordo com o que é apresentado no momento da visitação. É fundamental existir uma relação de responsabilidade e compromisso com os bens culturais, pois eles são muito mais que um atrativo turístico, são locais que mantém um sentimento de pertença, identidade e valorização de uma cultura.

[20] Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf/>. Acesso em: out. 2014.

2.7 Atratividade

A atratividade refere-se ao que pode ser ofertado aos turistas quando visitam algum lugar, equipamento cultural, etc. Paisagens naturais ou construídas, festas temáticas e religiosas, museus, centros culturais, parques, jardins, museus, monumentos, redes de hotéis, entre outros constituem-se em atratividades turísticas. Como exemplo, tem-se que cada cidade possui paisagens e desenho urbano que podem se configurar como atratividades, destacando-se o processo cultural de apropriação por quem observa. Segundo Oliveira e Leite "[...] a atratividade das paisagens dos polos receptores é uma variável considerável na análise do potencial turístico das cidades" (2008, p. 7).

Ao estudar-se um equipamento cultural, pode-se analisar seu potencial de atratividade, que poderá ser constituído pela sua localização, arquitetura, dimensão física, espaços, atividades, carga de experiências e emotividade divulgadas pela mídia, inserção na comunidade de entorno, atividades rituais e artesanais e artísticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação se insere na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade e tem relações transversais com a Linha de Pesquisa Memória e Gestão Cultural, ambas do programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Tem caráter qualitativo, utilizando como referência os aportes de Minayo (2012), os quais informam que o objeto das ciências sociais é histórico, ou seja, cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se constitui de forma peculiar. Para responder às questões formuladas e atingir aos objetivos propostos serão realizados estudos, combinando os procedimentos detalhados a seguir. O estudo se baseará em:

a) Informações coletadas em encontros e conversas informais com coordenadores da Casa de Cultura Mário Quintana (Alexandre Viega, Edgar Francisco Salla e Morena Santos) do Santander Cultural (Gunther Natusch Vieira e Maria Luisa Belan) e do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo (Larissa Maciel Verônica).

b) Informações coletadas nas páginas dos dois centros culturais e casa de cultura, na Internet: histórico da instituição, documentos históricos, banco de imagens, existência de ferramentas de pesquisa que possibilitem buscas por assunto, disponibilização de publicações elaboradas pela instituição e a existência de um local para memória (como museu, arquivo histórico, centro de memória).

c) Produção de imagens dos diferentes espaços e atratividades dos equipamentos culturais. Ressalta-se que estas são apresentadas no trabalho apenas com teor ilustrativo.

Com relação aos métodos e instrumentos de pesquisa, optou-se por trabalhar com visitação sistemática aos equipamentos culturais para levantamento de dados, produção de imagens fotográficas e contato com os coordenadores dos mesmos, a fim de elucidar dúvidas que viessem a existir. Para registro destas informações, adotou-se caderno de campo (ver Apêndice A). Para cada instituição foi enviada carta de apresentação com solicitação de permissão para transitar pelos equipamentos culturais para a coleta dos dados e de agendamento com coordenadores para obter informações, o que foi plenamente atendido.

A partir das informações recolhidas e de suas análises, foi possível elaborar proposições de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle. Assim, este relatório possui uma primeira parte introdutória, contextualizando a pesquisa; uma segunda parte com os problemas, objetivos, metodologia e referenciais teóricos; após, o estudo de cada uma das instituições; na sequência, considerações sobre os equipamentos culturais pesquisados; e, por

fim, a proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural. Nas considerações finais, faz-se uma síntese dos elementos constantes no relatório, buscando responder às questões que nortearam a pesquisa e apontar como os objetivos foram alcançados.

O desenvolvimento da pesquisa deu-se em etapas:

Etapa 1 - dedicada ao estudo teórico e revisão de trabalhos afins a este estudo, buscando-se relacionar conceitos sobre Casas de Cultura, Centros Culturais, patrimônio cultural, turismo cultural e a relação entre eles, aportes teóricos de estudiosos sobre estes temas, a fim de fundamentar as análises dos dados a serem levantados. Também, foi verificado o estado da arte da pesquisa sobre centros culturais, por meio de trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, relatórios, artigos e ensaios.

Etapa 2 - Estudo dos três equipamentos culturais objetos da pesquisa, a partir de pesquisa exploratória de caráter descritivo que segundo Gil (2002) integra os procedimentos da pesquisa principal, no que se refere ao estudo preliminar dos centros culturais citados, consistindo em visitas que foram realizadas com o propósito de aproximação mais aprofundada da pesquisadora com os ambientes de estudo, possibilitando analisar o cotidiano dos centros culturais, sua dinâmica, seus aspectos históricos, atrativos turísticos, contato com gestores para o entendimento sobre a forma como estão organizados, realização de registros fotográficos e levantamento documental (Ver Apêndice A).

Optou-se pelo estudo de três equipamentos culturais que embora tenham semelhanças entre si, guardam, especificidades: o Santander Cultural é mantido por uma instituição bancária privada, a Casa de Cultura Mário Quintana pertence ao governo do Estado do Rio Grande do Sul e o Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo é mantido e gerenciado pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (empresa de economia mista). São equipamentos culturais destacados na cidade de Porto Alegre e se encontram próximos ao prédio onde funcionará o Centro Cultural La Salle, no circuito do centro histórico da cidade. Assim, será possível verificar similaridades e diferenças entre situações e, a partir daí, estabelecer uma base para apontamentos de possibilidades.

O caráter descritivo da pesquisa, visa delinear as características de cada instituição considerando vários aspectos. Por parte da pesquisadora houve visitação e observação nos três equipamentos culturais a fim de aprofundar conhecimentos sobre a rotina e estrutura do serviço que é oferecido. A pesquisadora esteve ao longo de duas semanas em cada local (Casa de Cultura Mário Quintana, Santander Cultural e Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo).

Etapa 3 - Nesta etapa foram discutidos os resultados da pesquisa, a partir dos dados

obtidos a partir do estudo, tendo como norteadores os objetivos formulados para a pesquisa e o quadro teórico de referência. A partir dos resultados, foram apontadas possíveis atratividades para o equipamento cultural.

PARTE III – ESTUDO DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS EM TERMOS DE ATRATIVIDADES

4 CASA DE CULTURAL MÁRIO QUINTANA

A Casa de Cultura Mario Quintana, situada na Rua dos Andradas, números 726/736/748, ocupa o espaço do antigo Hotel Majestic, construído pelo arquiteto Theodor Alexander Josef Wiederspahn[21], com início das obras em 1916 e inauguração em 1933. O Hotel teve como período de pujança, o situado entre as décadas de 1930 a 1940[22], quando importantes personagens da história do Brasil e do Rio Grande do Sul, ali se hospedaram (por exemplo, Getúlio Vargas e João Goulart). Destaca-se pela sua arquitetura eclética; por sua excelente localização no centro da cidade, estando próxima de outras edificações com valor histórico e cultural (Corredor Cultural Rua da Praia); pelos fatos históricos que a marcaram; e por ali ter habitado um dos mais consagrados poetas sul-rio-grandenses – Mario Quintana –, de 1968 a 1982 (Apartamento 217). O prédio foi o primeiro em Porto Alegre, em termos de grande edificação onde se utilizou concreto armado. Tem duas alas (Leste, com 7 pavimentos e Oeste, com 5 pavimentos) com passarelas suspensas sob a via pública (Travessa Araújo Ribeiro, mais conhecida por Travessa dos Cataventos) que as conectam (A CASA, 2013)

Em 1980, o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (BANRISUL) adquiriu o prédio e após, vendeu-o ao governo do Estado em 29 de dezembro de 1982. Um ano depois (1983), foi denominada como Casa de Cultura Mário Quintana[23]. A edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) como patrimônio histórico em 1985.[24] Iniciou suas novas funções de forma precária, oferecendo ao público uma sala de cinema e a Discoteca Pública Natho Henn. A adaptação do Hotel Majestic para Casa de Cultura iniciou com projeto de rearquitetura (ver Anexo A). As obras, desde a elaboração do projeto e construção, ocorreram de 1987 a 1990, sob a responsabilidade dos arquitetos Flávio Kiefer e

[21]Wiedesphan nasceu na Alemanha e emigrou para o Brasil, onde passou a residir a partir de 1908. É importante destacar que já havia realizado projetos como o da construção da Delegacia Fiscal, atual Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), do prédio dos Correios e Telégrafos, hoje Memorial do Rio Grande do Sul, da Secretária da Fazenda, da edificação Ely, hoje Tumerelo, da Cervejaria Bopp, depois Brahma, e muitos outros prédios e residências importantes na época.

[22] Segundo Carvalho (1996, p. 70) "[...] era muito cômodo descer do navio e dar de frente com um hotel das proporções do Majestic".

[23] Lei 7.803, de 8 de julho de 1983.

[24] Closs informa que a Casa de Cultura integrou a então Subsecretaria da Cultura do Estado do RS. O tombamente teve processo iniciado ao final de 1982 e finalizado com a sua publicação no Diário oficial em 4/9/1985.

Joel Gorski[25]. A abertura oficial deu-se em 25 de setembro de 1990 (KIEFER; GORSKI, 2014).

A CCMQ tem a Associação de Amigos da Casa de Cultura Mário Quintana (AACCMQ), entidade sem fins lucrativos, criada em 21 de dezembro de 1984 com a intenção de fortalecer a cultura com o apoio do poder público e essa parceria contribuiu para a própria instalação do equipamento cultural.

A AACCMQ é responsável por orientar os projetos culturais, sendo dirigida atualmente (2015) por: Eduardo Vidal, presidente; Fernanda Brasil, vice-presidente; Liana Zogbi, tesoureira; e Adriana Voges Pinheiro, secretária. Seu Conselho Fiscal é formado por: Flavio Porcello; Vanessa Dutra e Maria Regina Ferreira[26].

A gestão da Casa de Cultura é organizada da seguinte forma: Direção com um funcionário; Central de Informações e Visitas Guiadas com cinco funcionários; setor de Projetos Especiais com dois funcionários; Assessoria de Imprensa com três funcionários; Setor da Administração com três funcionários; setor Núcleo de Acervo e Memória com três funcionários; núcleo de Artes Cênicas com três funcionários; e a Cinemateca Paulo Amorim com três funcionários.

Seus espaços estão voltados para atividades culturais como: artes visuais, literatura, cinema, música, teatro, dança, oficinas, cursos, seminários, atividades infantis, saraus e outros eventos ligados à cultura.[27] O horário de funcionamento é: segundas-feiras das 14 horas às 21 horas; de terças-feiras às sextas-feiras, das 9 horas às 21 horas; e sábados e domingos das 12 horas às 21 horas. A afluência de maior público ocorre de terça a sexta-feira, dependendo muito das exposições que estão ocorrendo.

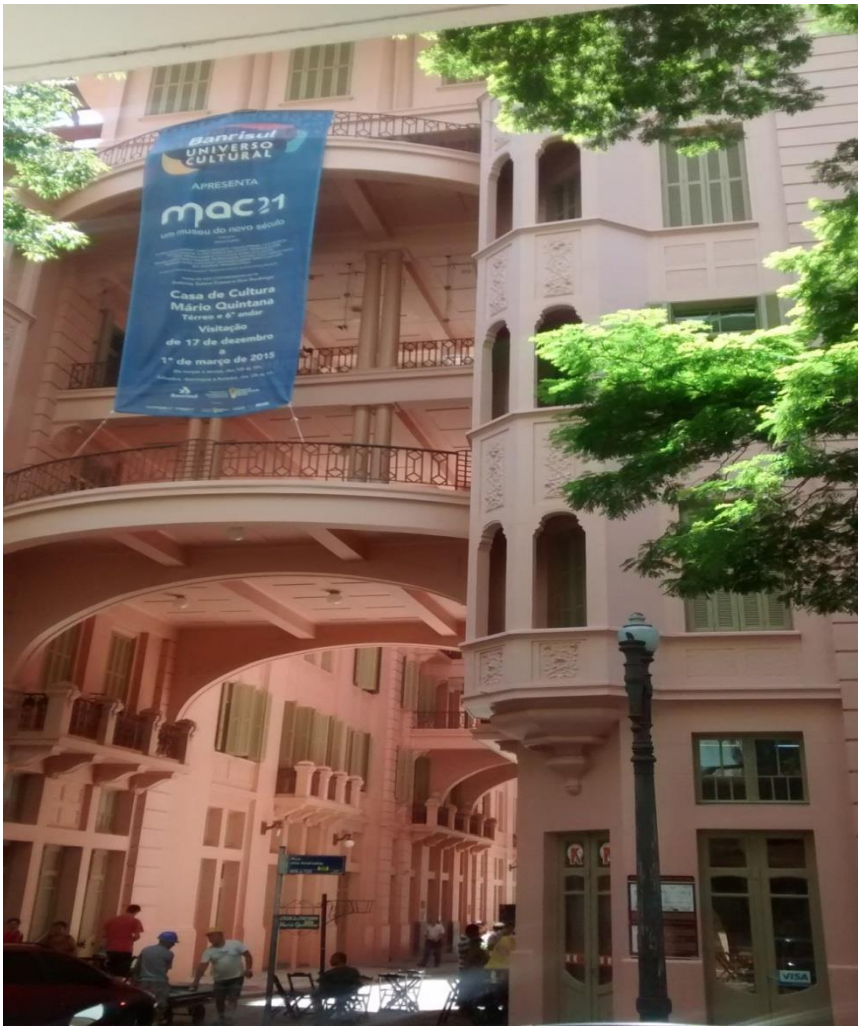
---

[25] CASA de Cultura Mário Quintana. Disponível em < http://www.ccmq.com.br/a-casa-2/>. Acesso em: jan. 2015. Pesquisa crítica na arquitetura- ARQ 0335, 2014. Disponível em <http://pesquisaecriticanaarquitetura.blogspot.com.br/2014/10/objetos-de-estudo-e-critica-casa-de.html>. Acesso em: dez. 2014.

[26] Disponível em: http://www.ccmq.com.br/associacao-de-amigos/. Acesso em: maio 2015

[27] Disponível em: <http://www.ccmq.rs.gov.br/> e <http://www.portoimagem.com/>. Acesso em: jun. 2014.

Figura 7 – Casa de Cultura Mário Quintana



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A Casa de Cultura Mário Quintana tem diversos atrativos, conforme Quadro 3 a seguir. Ver plantas no Anexo A.

Quadro 3 – Espaços da Casa de Cultura Mário Quintana (2014/15)

ALA	ANDAR	ESPAÇO
LESTE	TÉRREO	Sala de Cinema Eduardo Hirtz Recepção
	2	Exposição Acervo Hotel Majestic Quarto do Poeta Mário Quintana Acervo Elis Regina
	3	Núcleo de Artes Cênicas Laboratório de Fotografia Sala Cecy Frank Sala Marcos Barreto
	4	Discoteca Nato Henn, incluindo:

		Auditório Luís Cosme Espaço Lupicínio Rodrigues Biblioteca Armando Albuquerque
	5	Biblioteca Lucila Minssen Ludoteca Espaço Lili inventa o Mundo Espaço Vasco Prado Fotograleria Virgílio Calegari Galeria Sotero Cosme (Museu de Arte Contemporânea-MAC) Galeria Xico Stockinger
	6	Teatro Bruno Kiefer
	7	Jardim Café Santo de Casa
OESTE	TÉRREO	Café dos Cataventos Arteloja Bombinière (Travessa dos Cataventos) Livraria Kaçula (Travessa dos Cataventos) Sala de Cinema Norberto Lubisco Sala de Cinema Paulo Amorim
	2	Mezanino (área externa) Buraco do Cabaré Mezanino (área interna) Acervo Mário Quintana Mezanino (área interna) Teatro Carlos Carvalho Sala A2B2/C2/C3 Sala Claudio Heemann
	3	Biblioteca Érico Veríssimo com anexo Espaço Romeu Grimaldi Galeria Augusto Meyer Espaço Maurício Rosenblat
	4	Sala Radamés Gnatalli Sala Irmão Moritz Auditório Luís Cosme
	5	Jardim Lutzenberger Oficina de Arte Sapato Florido

Fonte: Elaborado pela Autora com base pesquisa de campo (2015).

A seguir os espaços são descritos com comentários e imagens.

4.1 Ala Leste

Iniciou-se a visita à Casa de Cultura Mário Quintana pelo seu ponto mais alto, o sétimo andar, buscando aquilo que é desejado pela grande maioria dos porto-alegrenses, ou seja, a vista para o Lago Guaíba. Logo, houve a constatação de que o olhar não poderia se concentrar naquilo que estava fora, mas sim, deveria voltar-se para a parte interna, mesmo que a paisagem descortinada seja mais um atrativo da Casa de Cultura. Esta se abria diante dos olhos, mas para que efetivamente se mostrasse, era preciso esquadrinhar cada recanto, abrir portas, desvendar a ordem dos espaços, os recantos e seus significados e a relação da sua

existência com o que ali acontece.

4.1.1 7º Andar

Inicia-se pelo 7° andar. Ali se encontra o Café Santo de Casa, com vista para a cidade de Porto Alegre e para o Lago Guaíba. Tanto a decoração quanto a denominação dos pratos remete ao universo religioso e sua diversidade. Inclusive, é a partir da oração do Santo de Casa que algumas das iguarias da sua cozinha são apresentadas.

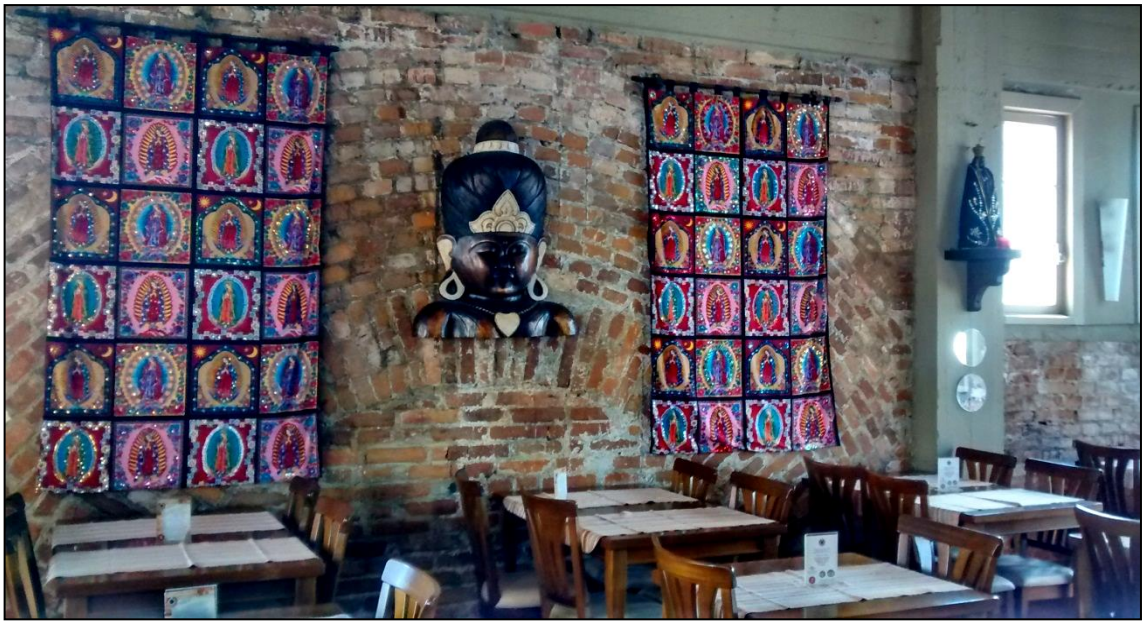
> Oração do Santo de Casa
> Glorioso Café Santo de Casa, dignastes a revelar as perfeições infinitas do pôr-do-sol do Guaíba, do café, da gastronomia e do happy hour.
> Venho a ti provar da "Tenda dos Milagres" e da "Multiplicação dos Pães". Venho a ti em busca das "Divinas", das "Oferendas" e da "Comunhão". Venho a ti, meu Café Santo de Casa, encontrar os milagres "Caídos do Céu" e ser abençoado com a alegria da "Água Benta". Hoje, eu prometo ser diferente.
> Junto ao aconchego da tua cúpula, serei mais alegre, confiante e destemido. Sentado ao teu lado e acompanhado de amigos e de todos os Santos, esquecerei os problemas e a rotina do meu dia-a-dia. E quando acabar a noite, quero te agradecer, feliz, por ter sido recebido em tua Casa.
> E que assim seja! (CAFÉ, 2015).

Seu horário de funcionamento permite que seja acessado de forma facilitada (de terça a sexta, a partir das 10 horas; sábados e domingos a partir das 12 horas), oferecendo a possibilidade de realização de eventos e música ao vivo.

Figura 8 – Café Santo de Casa

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 9 – Café Santo de Casa, parte interna



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No mesmo piso encontra-se a Fotogaleria Virgílio Calegari, local com 31,5 m² que recebe exposições fotográficas. Virgílio Calegari foi um fotógrafo Italiano, nascido em Bérgamo (Lombardia-Itália) que chegou ao Brasil no final do século XIX e morou em Caxias do Sul. Alguns anos mais tarde veio residir em Porto Alegre onde inaugurou o seu primeiro Ateliê. Recebeu algumas premiações na Europa, Estados Unidos e Brasil onde participou de exposições nacionais e internacionais.

Figura 10 – Foto Galeria Virgílio Calegari

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Ainda, no mesmo andar, tem-se espaço onde são expostos objetos do acervo Hotel Majestic. Em 2014 ocorreu a mostra da chaminé do Hotel Majestic, conforme imagem a seguir:

Figura 11 – Exposição da chaminé do Hotel Majestic

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Neste andar tem-se um jardim, inaugurado em setembro de 2011. Foi idealizado por Marcos Barreto, quando dirigiu a Casa e finalizado por Paulo Wayne. As espécies escolhidas para o projeto de paisagismo foram indicadas por Edgar Salla, biólogo e paisagista, a saber:

cactos, euphorbias, yuccas, agaves e suculentas. O espaço fica entre as duas cúpulas, com vista para o Lago Guaíba.

Figura 12 – Jardim do 7º Andar da Casa de Cultura Mário Quintana

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.1.2 6º Andar

No sexto andar, encontra-se o Teatro Bruno Kiefer, com 240 m², o espaço destinado a apresentações musicais, dança e artes cênicas com capacidade para 200 pessoas. Bruno Kiefer foi musicólogo, um dos fundadores da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e também professor do Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Figura 13 – Teatro Bruno Kiefer

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 14 – Teatro Bruno Kiefer (parte interna)

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

Em frente ao Teatro está a Galeria Sotero Cosme com 282,3 m², um espaço do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS) destinado a exposições de artes

plásticas. Sotero Cosme foi desenhista e caricaturista considerado como um dos melhores desenhistas do país entre as décadas de 1920 e 1930, no estilo Art Déco[28].

Figura 15 – Galeria Sotero Cosme

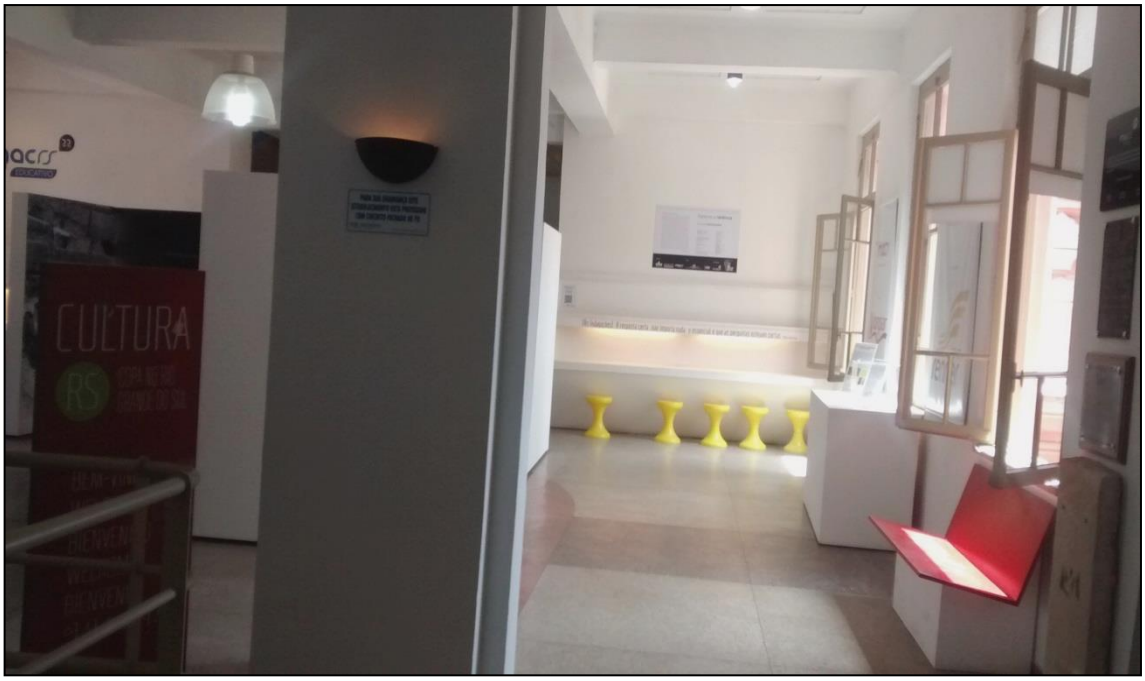
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

[28] Art Déco é um estilo artístico com caráter decorativo. Surgiu na Europa na década de 1920, logo também nos Estados Unidos e outros países do mundo na década de 1930.

No mesmo piso, no *hall*, localiza-se o Espaço Vasco Prado, local voltado a exposições de artes plásticas. Conforme informações de Alexandre Veiga (Coordenador da Casa) Vasco Prado foi um dos escultores mais importantes do Brasil. Nasceu em Uruguaiana (RS), foi professor de escultura e desenho em seus ateliês, no Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre, na Universidade de Caxias do Sul e no (MARGS).

Possui obras espalhadas tanto pelo Brasil quanto pelo exterior. Em Porto Alegre encontram-se algumas delas, como: O Modelo em Repouso (Bronze), no acervo do MARGS; Tiradentes (Aço Inox) no jardim da Assembleia Legislativa.

Figura 16 – Espaço Vasco Prado



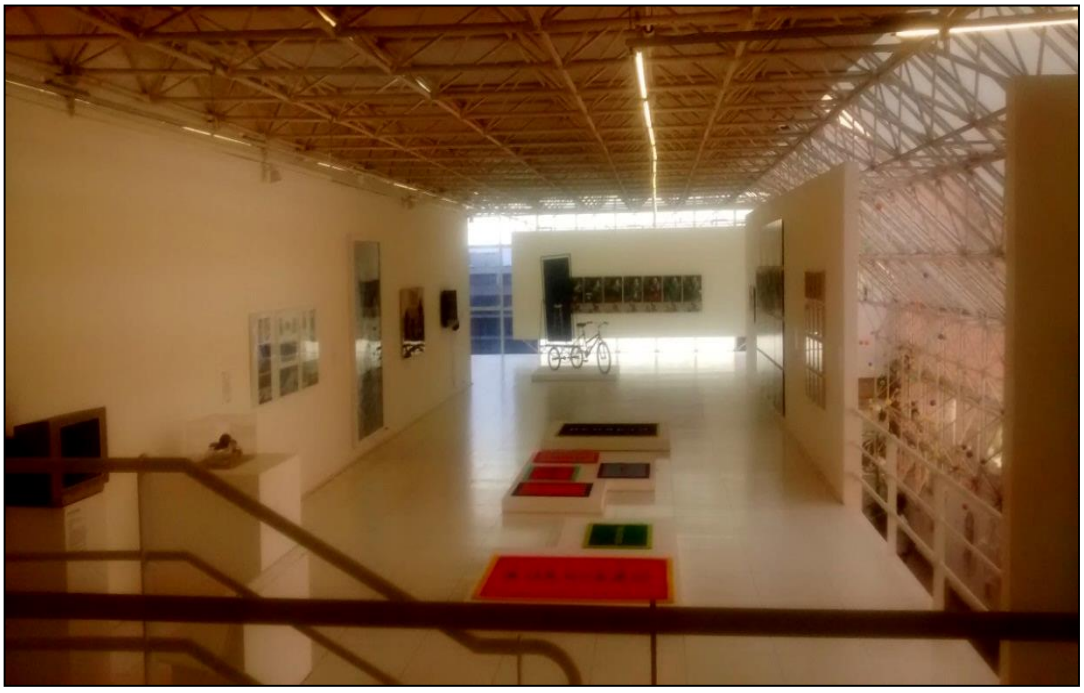
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Ainda no 6° andar, localiza-se a Galeria Xico Stockinger com 215,0², o local é destinado para exposições de artes plásticas. Xico Stockinger foi um escultor, gravurista e chargista austríaco naturalizado brasileiro. Chegou a Porto Alegre em 1954 depois de passar por São Paulo e Rio de Janeiro. Foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa por dois anos. Também fundou e coordenou, na década de 1960, o ateliê livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e foi diretor do MARGS.

Este escultor realizou uma homenagem (a partir de estatuária) ao poeta Mário Quintana e a Carlos Drummond de Andrade que hoje se encontra na Praça da Alfândega no

Centro Histórico de Porto Alegre[29].

Figura 17 – Galeria Xico Stockinger



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.1.3 5º Andar

No quinto andar, encontra-se a Biblioteca Lucília Minssen. O nome foi em homenagem, à professora e primeira mulher a se tornar diretora da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. Trabalhava com ênfase em obras de literatura infanto-juvenil junto com sua equipe, na organização e catalogação, de cerca de 40 mil volumes, compostos por livros, folhetos, periódicos, jogos e discos, entre outros.

A Biblioteca desenvolve atividades culturais e de lazer, como oficinas, hora do conto, jogos e teatro. O local também disponibiliza auxílio a professores e estudantes da literatura infanto-juvenil.

[29] Para saber mais sobre Xico Stockinger, ver Hammerschmitt, 2014.

Figura 18 – Biblioteca Lucília Minssen

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Em frente à Biblioteca Lucília Minssen, encontra-se um espaço com mesas, disponível para ser utilizado pelos visitantes para leitura ou para pesquisa. Conforme informações dos coordenadores, a Casa de Cultura disponibiliza acesso à Internet sem fio para os visitantes.

Figura 19 – Espaço destinado aos visitantes

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No mesmo andar, encontram-se salas para oficinas de teatro, entre outras atividades infantis. Este espaço com 84 m² com capacidade para 70 pessoas chama-se: Lili Inventa o Mundo nome de obra publicada por Mário Quintana no ano de 1983.

Figura 20 – Espaço Lili Inventa o Mundo

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No mesmo andar, próximo ao espaço Lili Inventa o Mundo, encontra-se a Ludoteca, um local que disponibiliza brinquedos e jogos, proporcionando aprendizagens de forma lúdica para crianças e adultos.

Figura 21– Espaço da Ludoteca

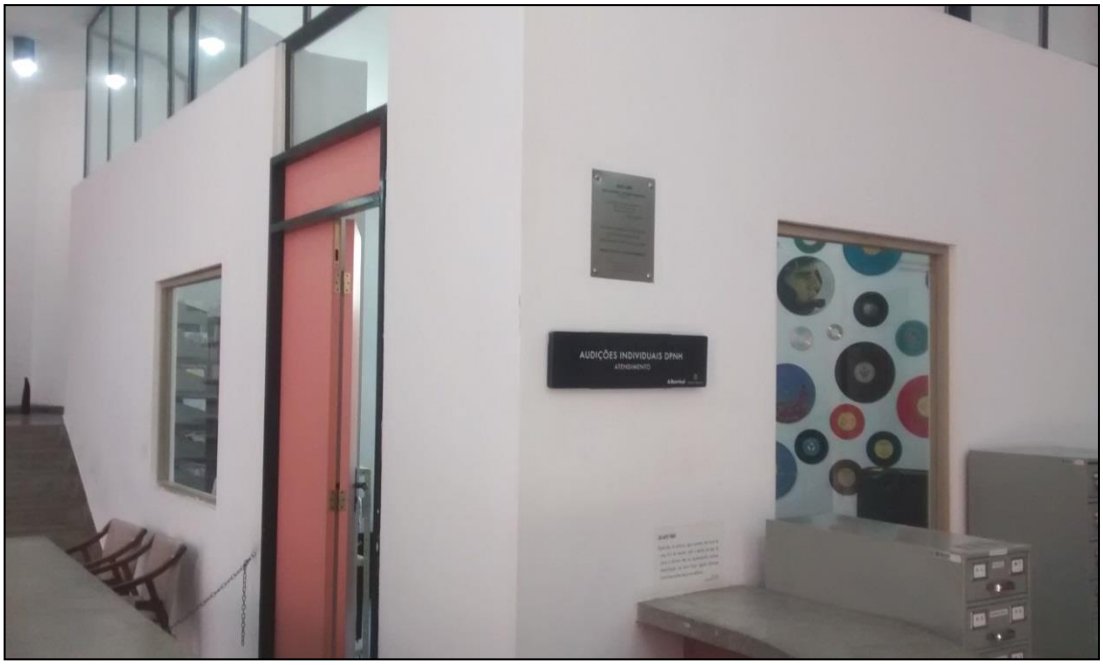
Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

4.1.4 4º andar

No quarto andar, ainda na Ala Leste, localiza-se a Discoteca Nato Henn, local com amplo acervo formado por discos, gravações em áudio e vídeo, livros e partituras. O objetivo é preservar, organizar e divulgar a produção musical nacional e internacional em diferentes suportes. Neste espaço acontecem algumas atividades como audições individuais, audições comentadas e oficinas.

O espaço é destinado a pesquisadores, músicos e público em geral. Aos visitantes são oferecidas várias atividades, como audições individuais e encomendadas, oficinas, exposições, recitais e conferências. Foi o compositor e pianista nascido em Quarai, Nathalio Rodrigues Henn, quem criou a Discoteca. O Espaço Lupicínio Rodrigues e a Biblioteca Armando Albuquerque fazem parte do complexo da discoteca.

Figura 22 – Discoteca pública Natho Henn



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A Biblioteca Armando Albuquerque possui, em seu acervo, folhetos, partituras nacionais e internacionais. O nome que esta biblioteca recebeu é em homenagem a musicólogo, professor, compositor, pianista e violinista o qual foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea e lecionou no curso de Música do Instituto de Belas Artes. Teve muitos alunos, incluindo Celso Loureiro Chaves, que em 1994 gravou suas composições no disco "Uma ideia de café"; e João Gilberto que aprimorou com Armando Albuquerque seu conhecimento musical durante período que esteve em Porto Alegre. Também foi membro da Academia Brasileira de Música e em 1985, aos 84 anos de idade, lançou o disco *Mosso*[30].

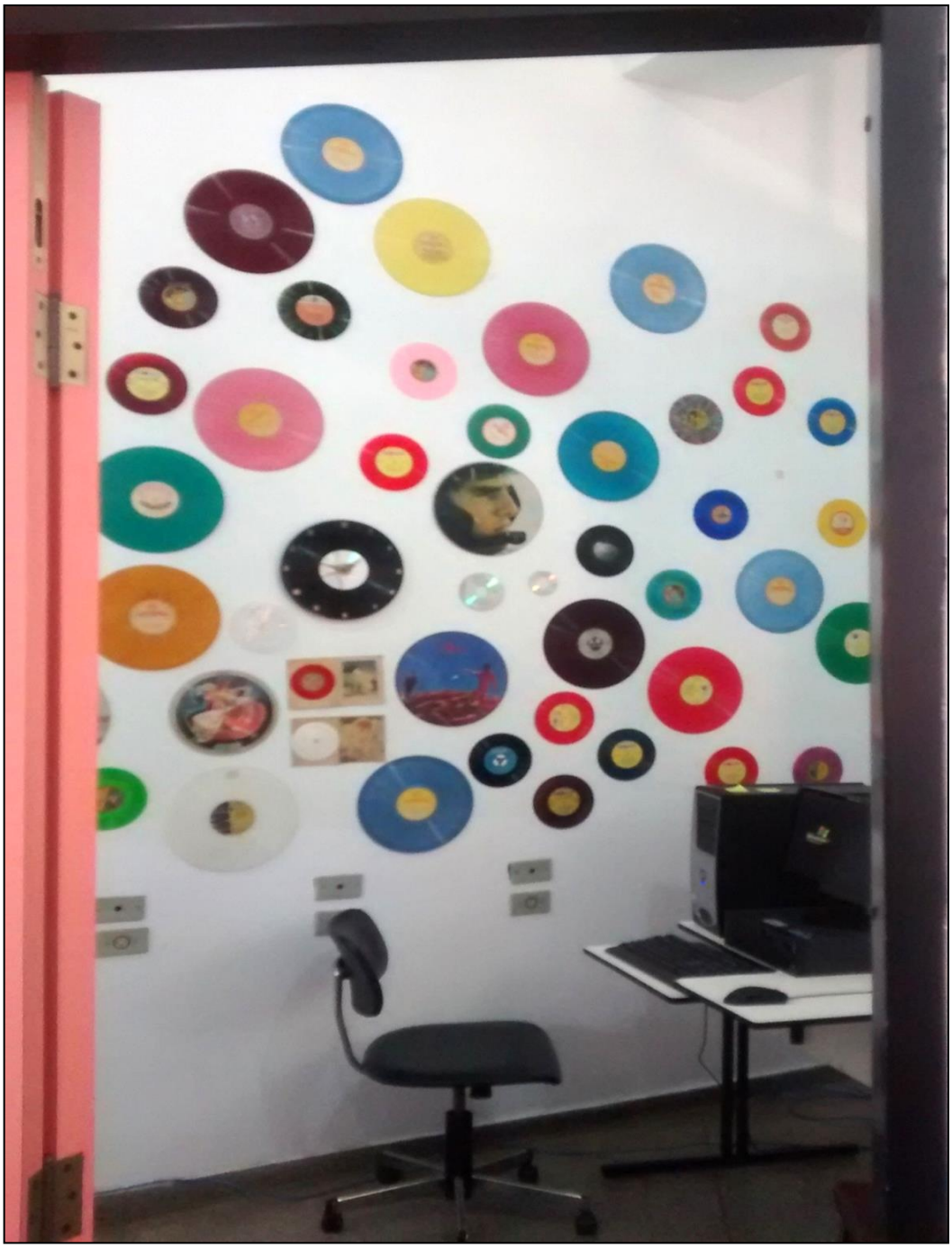
[30] Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/espacos-da-casa/espacos-da-discoteca-publica-natho-henn/biblioteca-armando-albuquerque/>. Último acesso em: abr. 2015.

Figura 23 – Biblioteca Armando Albuquerque

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Espaço Lupícinio Rodrigues localiza-se na parte interna da Discoteca Natho Henn**.** Lupe, como era chamado desde pequeno, compôs marchinhas de carnaval e sambas-canção, músicas que expressam muito sentimento, principalmente a melancolia por um amor perdido. Escreveu o hino do time do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 1953.

Figura 24 – Espaço Lupicínio Rodrigues



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.1.5 3º Andar

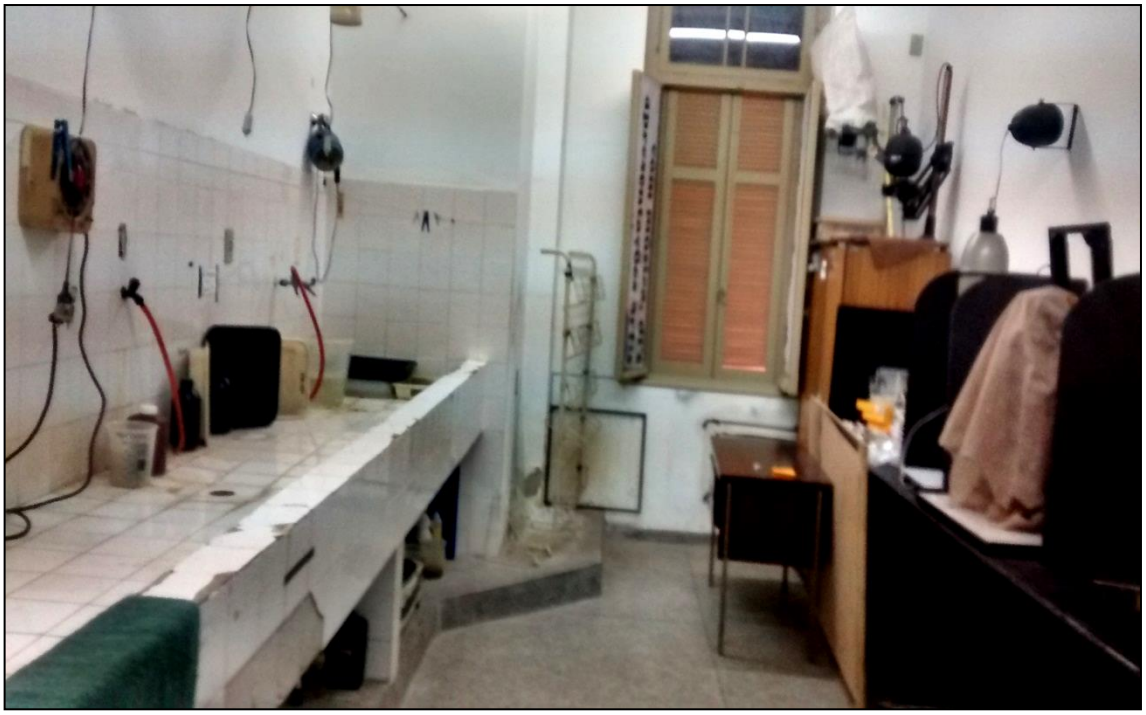
No terceiro andar, Ala Leste, localiza-se o espaço Núcleo de Artes Cênicas, que homenageia vários atores com fotografias em galerias ao longo dos corredores.

Figura 25 – Espaço Núcleo de Artes Cênicas

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Próximo ao Núcleo de Artes Cênicas encontra-se o Laboratório de Fotografia com 37 m² que promove oficinas permanentes de fotograma, quimiograma, pinhole, revelação e ampliação. As oficinas de fotografia são gratuitas e abordam técnicas fotográficas artesanais e princípios da linguagem fotográfica com atividades práticas. Também ensinam conceitos básicos, construção de uma câmera com objetos reciclados como latas e caixas, fotografia e processamento.

Figura 26 – Laboratório de fotografia

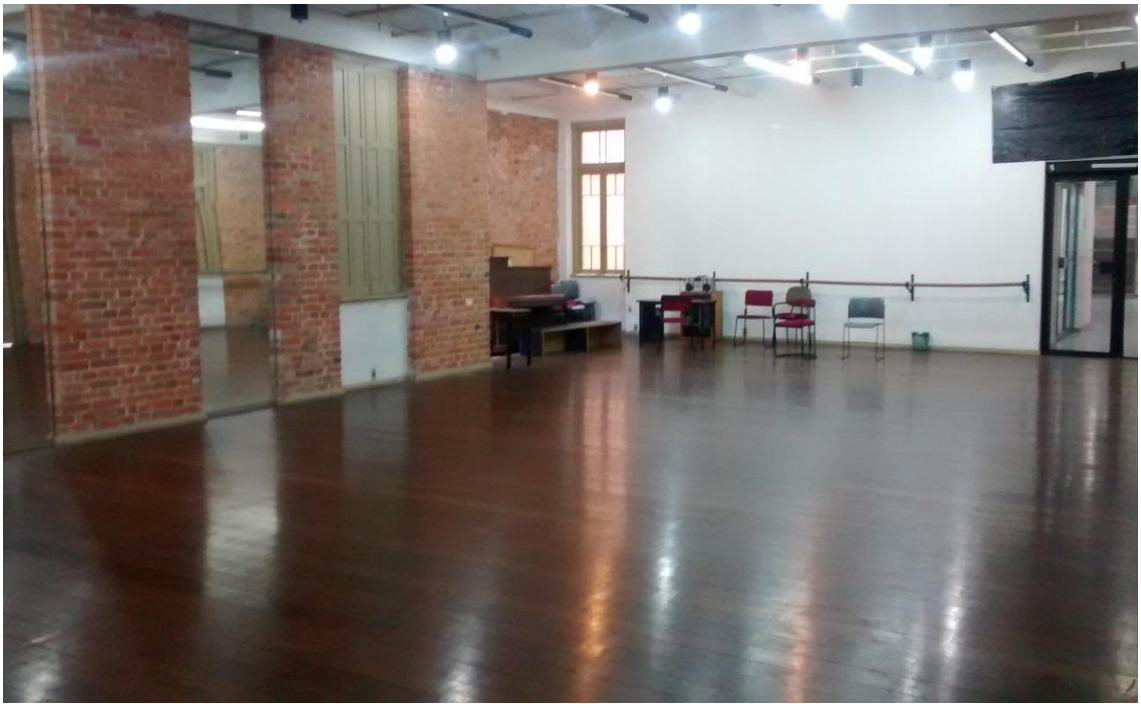


Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Ainda neste andar, encontra-se a Sala Cecy Frank, espaço com 136,4 m² e capacidade para 100 pessoas. Nesta sala acontecem ensaios de grupos de dança e oficinas de tango, dança de salão e outras modalidades. O nome da sala foi dado em homenagem à uma professora, bailarina e coreógrafa. Foi precursora na dança moderna e contemporânea no Rio Grande do Sul. Cecy Frank integrou o Porto Alegre Ballet, companhia criada em 1959 por Tony Petzhold e Elbio Consentino[31].

[31] Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/espacos-da-casa/salas/sala-cecy-frank/>, ultimo acesso abril/2015.

Figura 27 – Sala Cecy Frank



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Ao lado da Sala Cecy Frank encontra-se a Sala Marcos Barreto. Nesta acontecem ensaios de grupos de dança, teatro e música, oficinas artísticas, palestras etc. O espaço possui 112 m² e 90 lugares. Marcos Barreto foi ator e diretor de teatro e, em 2011, assumiu a direção da Casa de Cultura Mário Quintana.

Sua carreira teve início em 1976, morou um período no Rio de Janeiro e retornou para Porto Alegre em 1991. A partir daí dirigiu algumas peças de sua autoria, participou de várias produções audiovisuais como o filme "Anahy de Las Missiones", de Sérgio Silva e a minissérie "A Casa das Sete Mulheres", produzida pela Rede Globo e exibida em janeiro de 2003. Os últimos trabalhos de Marcos Barreto foram os longas "Cilada" e "O Carteiro", os quais foram apresentados no 39° Festival de Cinema de Gramado[32].

[32] Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/espacos-da-casa/salas/sala-marcos-barreto/>. Último acesso em: abril/2015.

Figura 28 – Sala Marcos Barreto

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.1.6 2º Andar

No segundo piso, encontra-se o Memorial Majestic, com exposição de plantas da construção, peças originais da época do hotel e fotografias.

Figura 29 – Acervo do Hotel Majestic

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Encontra-se, também, no mesmo piso o Quarto do Poeta que reproduz o espaço onde viveu Mario Quintana, remetendo à presença do escritor. A reconstituição foi realizada pela sobrinha do poeta, Elena Quintana.

Figura 30 – Quarto do Poeta Mário Quintana

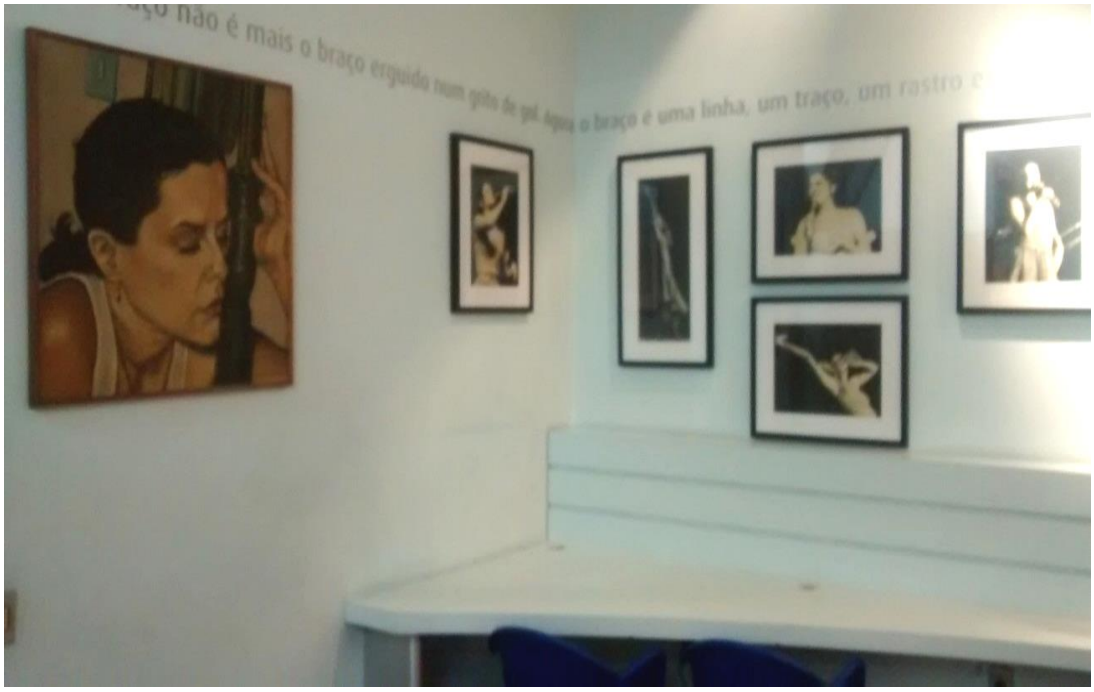
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Também neste andar tem-se o espaço que guarda o Acervo Elis Regina composto por documentos e matérias sobre a vida e obra da artista, um ícone da arte de cantar e interpretar a música brasileira. Este espaço é utilizado para exibição de audiovisuais, audições de CDs, exposições temáticas, etc.

Figura 31 – Acervo Elis Regina

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 32 – Acervo Elis Regina



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A sala Cláudio Heemann com 73,7² e capacidade para 60 pessoas abriga apresentações

e ensaios de teatro. Homenageia ator, diretor e pesquisador, considerado um dos mais destacados críticos teatrais do período 1960-início dos anos1990, pela imprensa sul-rio-grandense. Foi professor de interpretação do curso de arte dramática da UFRGS, assessor cultural da CCMQ e escreveu sobre teatro para os jornais Correio do Povo, Diário de Notícias e Zero Hora.

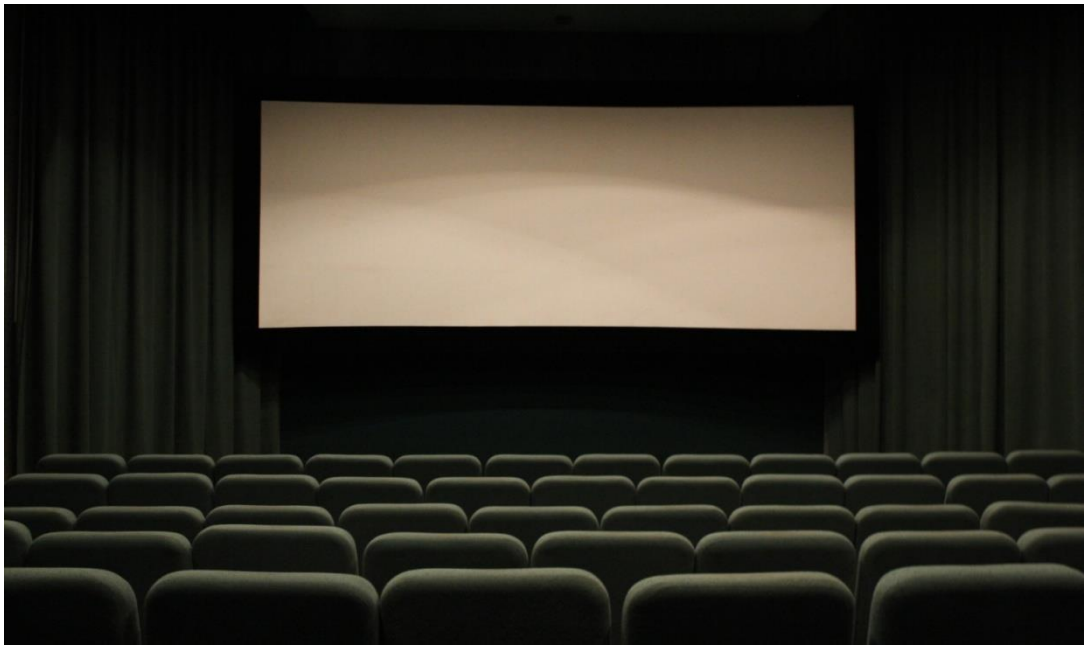
Figura 33 – Sala Cláudio Heemann

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.1.7 Térreo

Neste piso está a Sala de Cinema Eduardo Hirtz com 118 m² que faz parte do complexo Cinemateca Paulo Amorim, com capacidade para 98 pessoas. A Cinemateca apresenta filmografia não comercial, produção independente e produção autoral e ou de arte. Seu nome homenageia Eduardo Hirtz, cineasta alemão que, em sua passagem pelo cinema gaúcho, destacou-se nas áreas da exibição, produção e distribuição de filmes. Fez seu primeiro filme de ficção no Rio Grande do Sul com o título de Ranchinho do Sertão. Participou da construção do Cinema Coliseu e do Cine-Teatro Apollo.

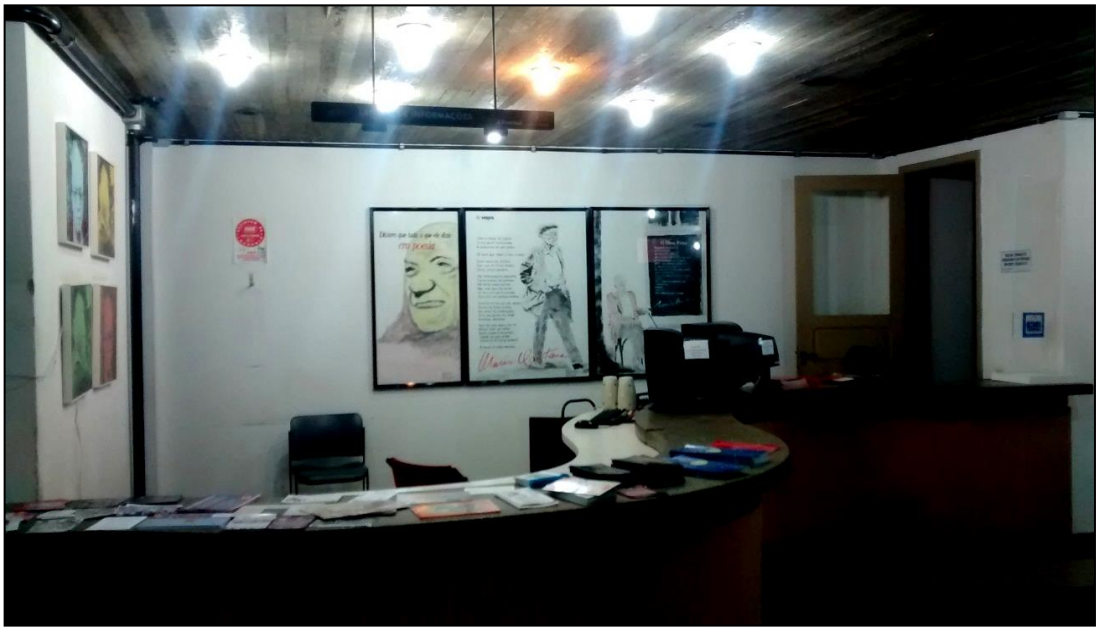
Figura 34 – Sala Eduardo Hirtz



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No térreo fica a Central que informa sobre a programação diária da Casa, localização de espaços e encaminhamento de público para os setores desejados. Também, presta suporte aos visitantes da Casa de Cultura Mário Quintana e aos turistas sobre pontos turísticos de Porto Alegre.

Figura 35 – Central de Informações da Casa de Cultura Mário Quintana



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.2 Ala Oeste

4.2.1 5º Andar

Na Ala Oeste, no quinto andar, encontra-se a Oficina de Arte Sapato Florido criada em 1985 com atividades e ações voltadas para o público infanto-juvenil. Oferece oficinas regulares com arte-educadores e o espaço expositivo Sapato Florido, que apresenta mostras de trabalhos de alunos das oficinas e de grupos que lidam com o público alvo do espaço. Também, integra o Jardim Sapato Florido (criado em 2012[33]).

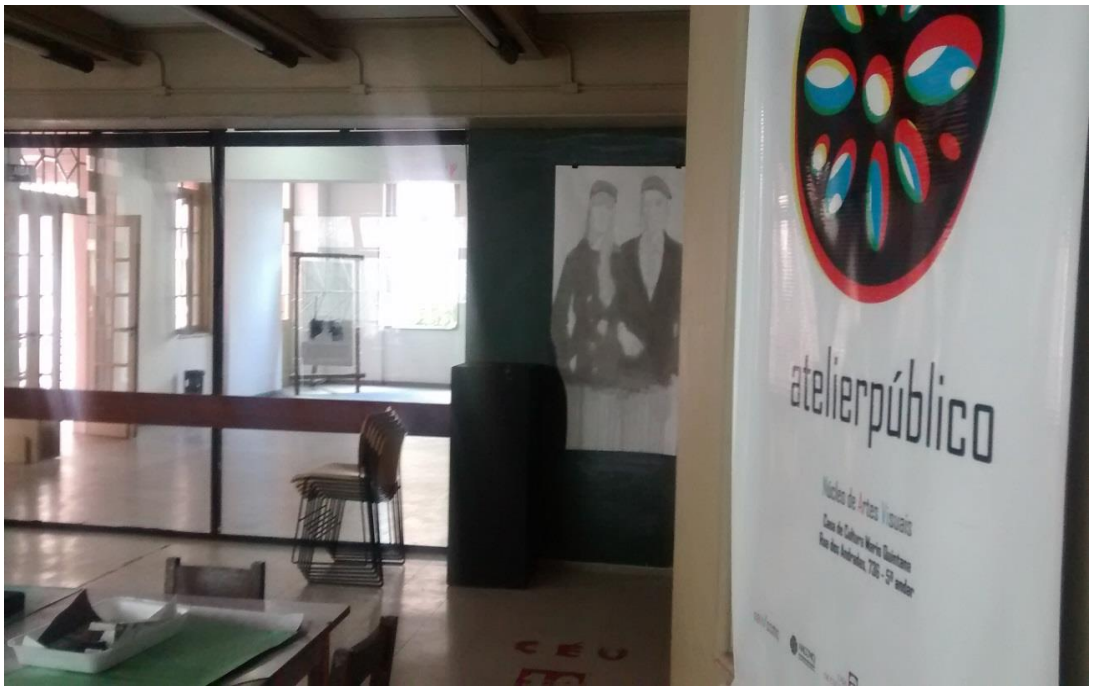
Figura 36 – Espaço da Oficina de Arte Sapato Florido

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

[33] É importante destacar que a obra de Mário Quintana, Sapato Florido, foi publicada em 1948 pela Editora Globo.

Seguindo adiante das salas de oficina de arte, encontra-se o Ateliê Público, que é uma sala com paredes em vidro para o visitante contemplar a produção das obras pelos artistas.

Figura 37 – Ateliê Público



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Próximo às Oficinas de Arte Sapato Florido está o espaço Jardim Lutzenberger[34], este espaço simboliza a origem da vida e a diversidade da paisagem dos ecossistemas aquáticos da Terra. O Jardim possui quatro banheiras originais do antigo Hotel Majestic formando pequenos lagos que representam os ambientes de banhados, lagos e lagoas do planeta. As espécies que estão neste ambiente são: ninféia, aguapé, utriculária, papirinho e salvínia.

[34]José Lutzenberger foi um importante engenheiro agrônomo e ambientalista; também fundou a AGAPAM – Associação Gaúcha de Proteção Ambiental e a Fundação GAIA que promove a conscientização ecológica.

Figura 38 – Jardim Lutzenberger

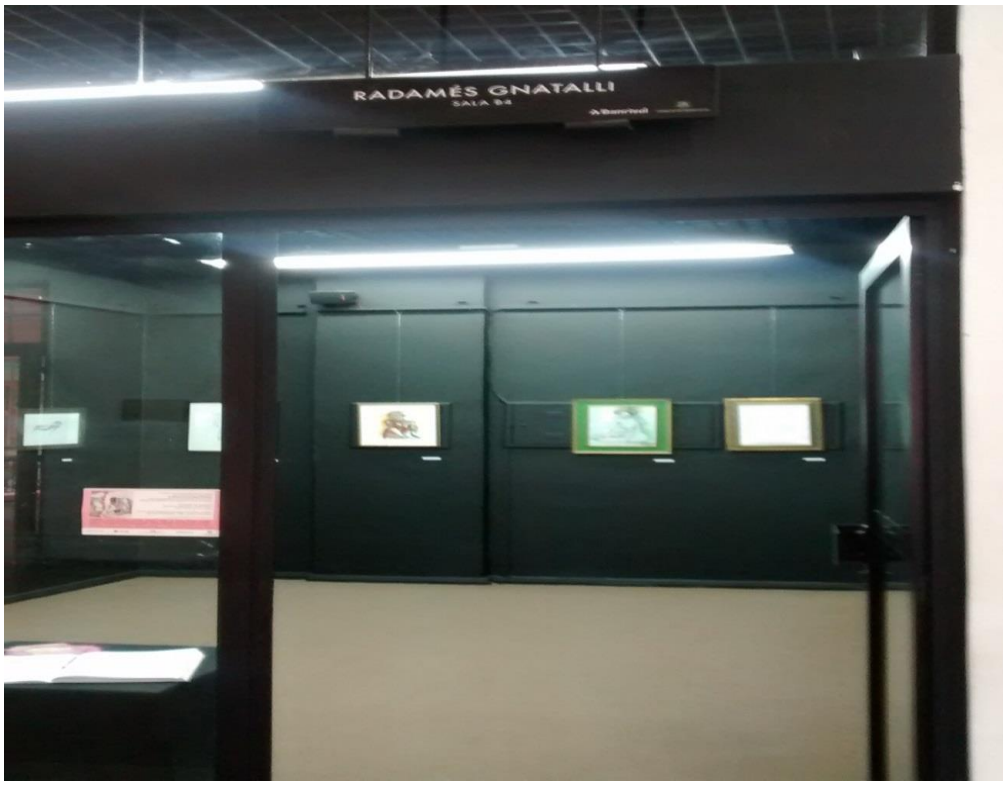
Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

4.2.2 4º Andar

No quarto andar da Ala Oeste, está localizada a Sala Radamés Gnattali com 17,0², destinada a exposições sobre músicos. Gnattali foi pianista, filho de um italiano chamado Alessandro Gnattalli e da sul-rio-grandense Adélia Fonseca Gnattalli, ambos pianistas. Foi o autor da parte orquestral de gravações célebres como a do cantor Orlando Silva para a música

“Carinhoso”, de Pixinguinha e João de Barro, e também da famosa gravação original de Aquarela do Brasil (Ary Barroso) e de Copacabana (João de Barro e Alberto Ribeiro).

Figura 39 – Sala Radamés Gnattali



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

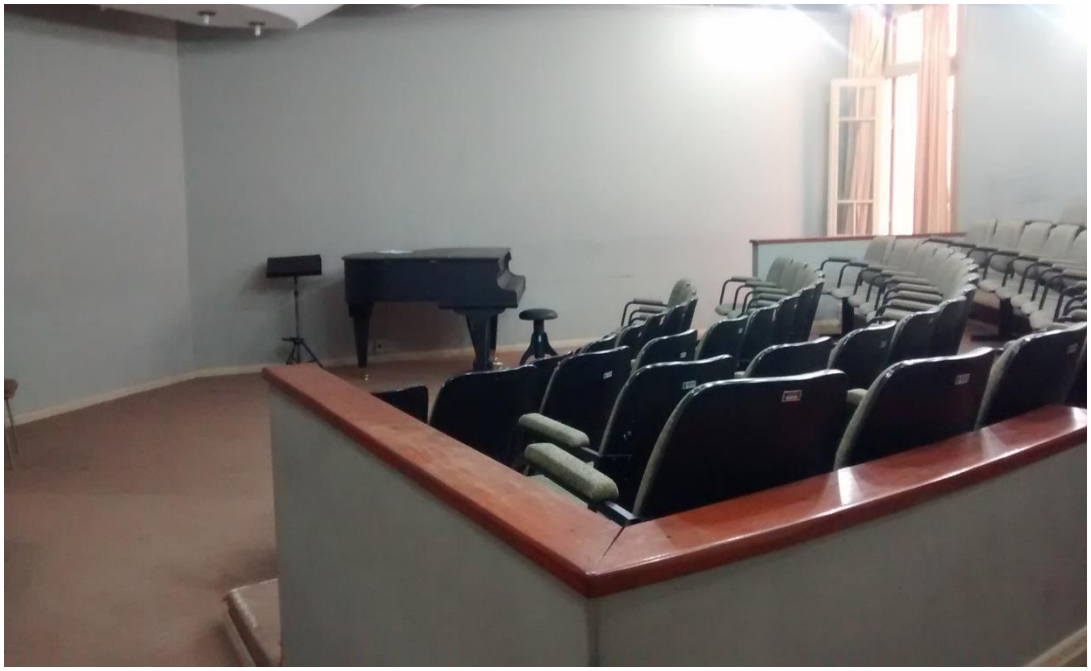
No mesmo andar, tem-se a sala Irmãos Moritz, espaço onde ocorrem oficinas e *workshops* relacionados com a música. Também é utilizada para encontros musicais. Maria Moritz era professora e coordenou o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura (SEC) na década de 1960 e Paulo Antônio Moritz foi jornalista, crítico de artes e incentivador da música lírica.

Figura 40 – Sala Irmãos Moritz

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Auditório Luis Cosme é uma sala para 120 lugares, onde acontecem apresentações musicais, palestras, conferencias e outros. Luís Cosme foi compositor, violinista e musicólogo natural de Porto Alegre.

Figura 41 – Auditório Luís Cosme



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.2.3 3º Andar

No terceiro andar da Ala Oeste localiza-se a Galeria Augusto Meyer, espaço com 94 m² para exposições de artes plásticas e outras modalidades artísticas. Augusto Meyer foi jornalista, ensaísta, poeta, memorialista e folclorista brasileiro. Seu trabalho foi exemplo na poesia modernista. Seu livro, Poemas de Bilu, ganhou destaque em 1929. Ganhou alguns prêmios como o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra literária[35].

Figura 42 – Galeria Augusto Meyer

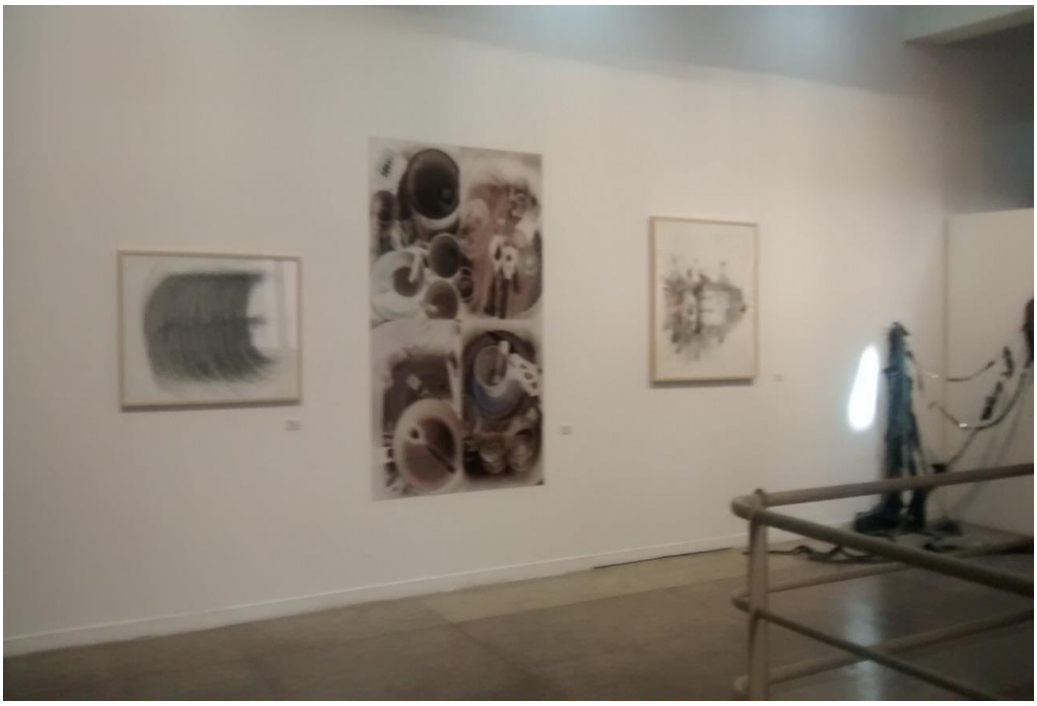
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No 3º andar da Ala Oeste, encontra-se o Espaço Mauricio Rosenblatt, local destinado para exposições de artes plásticas e outras modalidades de exibições e mostras, além de

[35] Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/espacos-da-casa/espacos-para-exposicoes/sala-de-arte-augusto-meyer/>. Último acesso em: abril 2015.

lançamento de livros. O local recebe o nome de Mauricio Rosenblatt patrono da 30ª Feira do Livro de Porto Alegre[36].

Figura 43 – Espaço Maurício Rosenblatt



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A Biblioteca Erico Veríssimo disponibiliza grande acervo de obras e é especializada em literatura rio-grandense e brasileira. Érico Veríssimo foi um escritor nascido em Cruz Alta, considerado o maior ficcionista brasileiro. As obras que ganharam destaque ao longo de sua trajetória foram: O Tempo e o Vento, Caminhos Cruzados entre outras.

Ao fundo da Biblioteca Érico Veríssimo existe um espaço chamado Biblioteca Romeu Grimaldi que na verdade é uma sala de estudos com obras do crítico e cinéfilo Romeu Grinaldi, primeiro diretor da Cinemateca Paulo Amorim. Atualmente o espaço esta passando por modificações.

[36] Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/espacos-da-casa/espacos-para-exposicoes/espaco-mauricio-rosenblatt/>. Último acesso em: abril 2015.

Figura 44 – Biblioteca Érico Veríssimo

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.2.4 2º Andar

No Mezanino do 2º andar da Ala Oeste, encontra-se o Buraco do Cabaré, espécie de espaço ao ar livre que serve de galeria para artistas convidados para o evento mensal denominado Mostra Artística Cabaré do Vento.

Figura 45 – Buraco do Cabaré

Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-3Y_lvkMjH-0/UulBeXD9KmI/AAAAAAAAANo/MjvylEUwut4/s1600/PA22 4633.JPG>.

As Salas de Convenções A2B2 com 96 m² possuem capacidade para 80 pessoas, a sala C2 com 96 m², capacidade para 80 pessoas e a sala C3 com 114 m², capacidade para 95 pessoas. A sala Claudio Heemann com 73,7 m² tem capacidade para 60 lugares. Todas estão localizadas no 2º andar e são espaços onde acontecem ensaios de dança, teatro, música, palestras e seminários.

Figura 46 – Sala de Convenção A2B2

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 47 – Sala de Convenção C2

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Ainda no segundo piso, na ala Oeste encontra-se o Teatro Carlos Carvalho com 120 m², com capacidade para 100 pessoas, destinada para apresentações de todo os gêneros. Carlos Carvalho foi um porto- alegrense, jornalista, dramaturgo, ator, diretor teatral, contista e poeta.

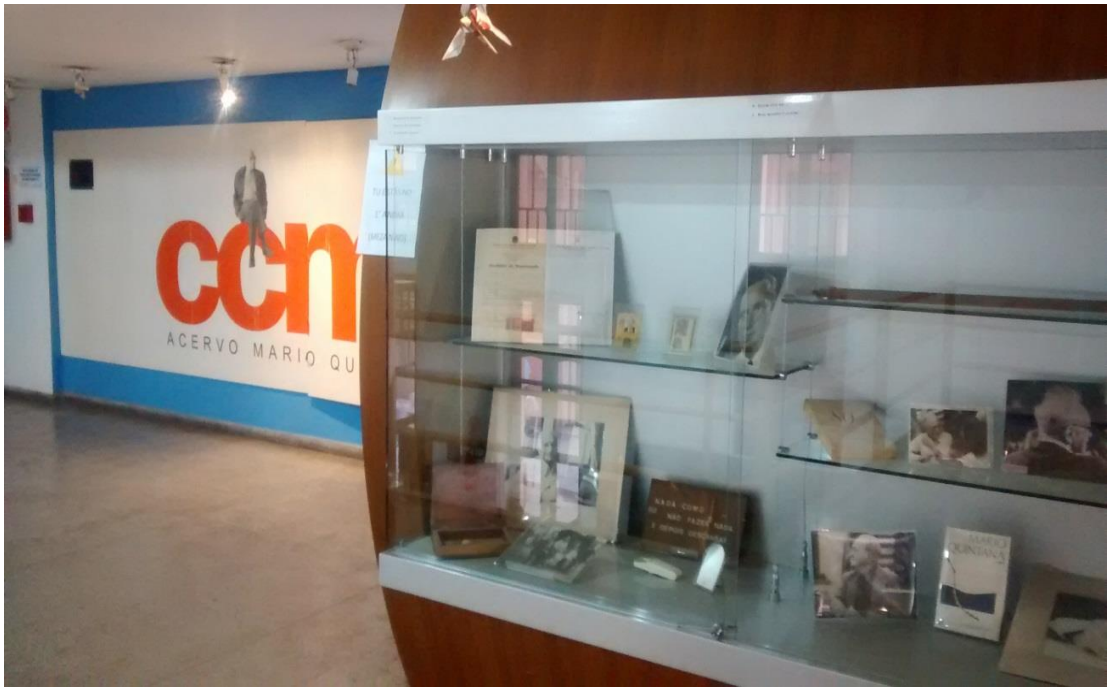
Figura 48 – Teatro Carlos Carvalho

Fonte: Disponível em: <http://www.ccmq.rs.gov.br/novo/principal/fotos/carloscarvalho1.jpg>.

Bem próximo do teatro, no mesmo andar, encontra-se o Mezanino na Ala Oeste com o Acervo Mário Quintana que destaca a trajetória literária do poeta que deu nome à Casa de Cultura. Neste espaço estão algumas fotos, coleção de pôsteres doados por agências de publicidade e inspirados nas obras do poeta, ilustrações, pinturas, caricaturas e poemas gravados em fitas cassete, LP e CD, além de depoimento e entrevista em VHS.

Estão disponíveis os originais de poemas, notícias de jornais e o mapa astral do escritor, interpretado por Liderman. O local possui espaço com mesas para estudantes e visitantes interessados em utilizá-lo, uma vez que possui toda obra do poeta, incluindo algumas traduções.

Figura 49 – Acervo Mário Quintana



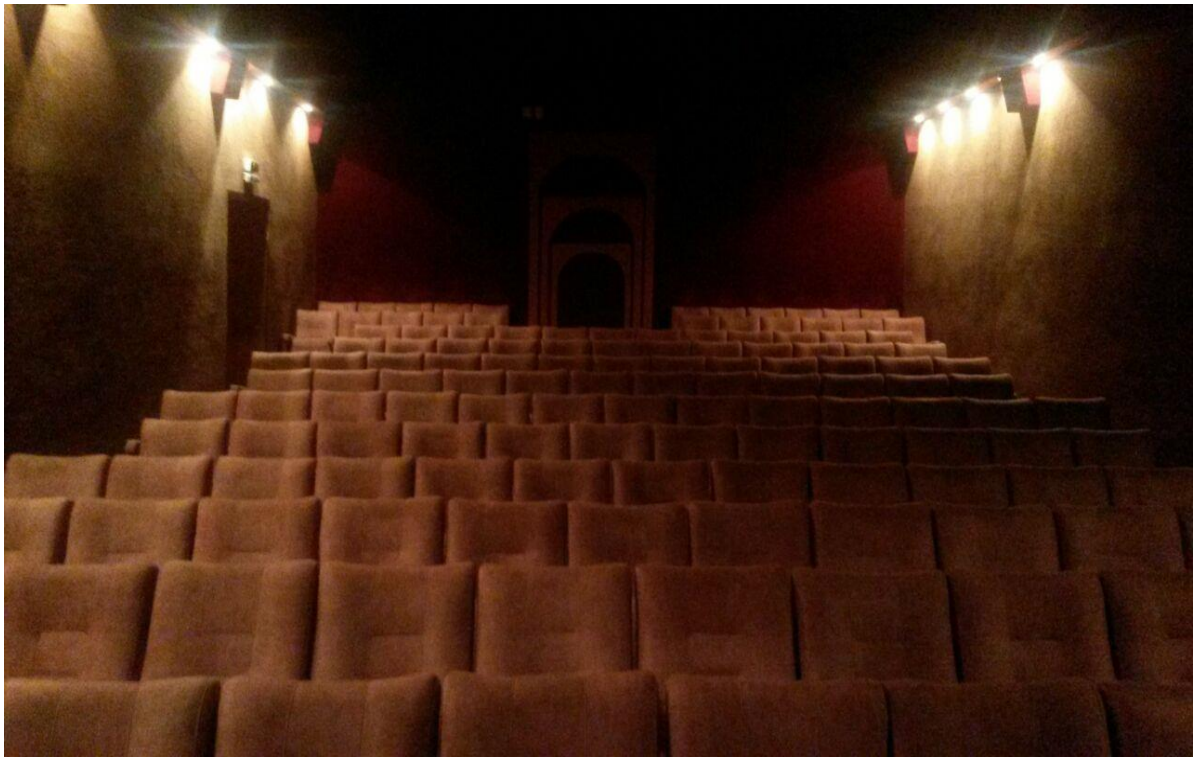
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.2.5 Térreo

No térreo estão mais duas salas da Cinemateca Paulo Amorim, as Salas de Cinema Paulo Amorim e Norberto Lubisco. A primeira com 178 m² e capacidade para 148 lugares e seu nome homenageia um jornalista que trabalhou nos jornais Zero Hora (ZH) e Correio do Povo. Na década de 1970, dirigiu a Divisão de Cultura da hoje extinta Secretaria de Educação e Cultura (SEC). A segunda, Sala Norberto Lubisco com 61 m² e capacidade para 51 lugares, com entrada pela Rua dos Andradas. Homenageia fotógrafo que marcou por mais de três décadas a produção cinematográfica. Conforme conversa com os coordenadores, foi reconhecido pelos seus trabalhos sendo algumas vezes premiado com o Kikito[37] de melhor direção de fotografia no Festival de Cinema de Gramado.

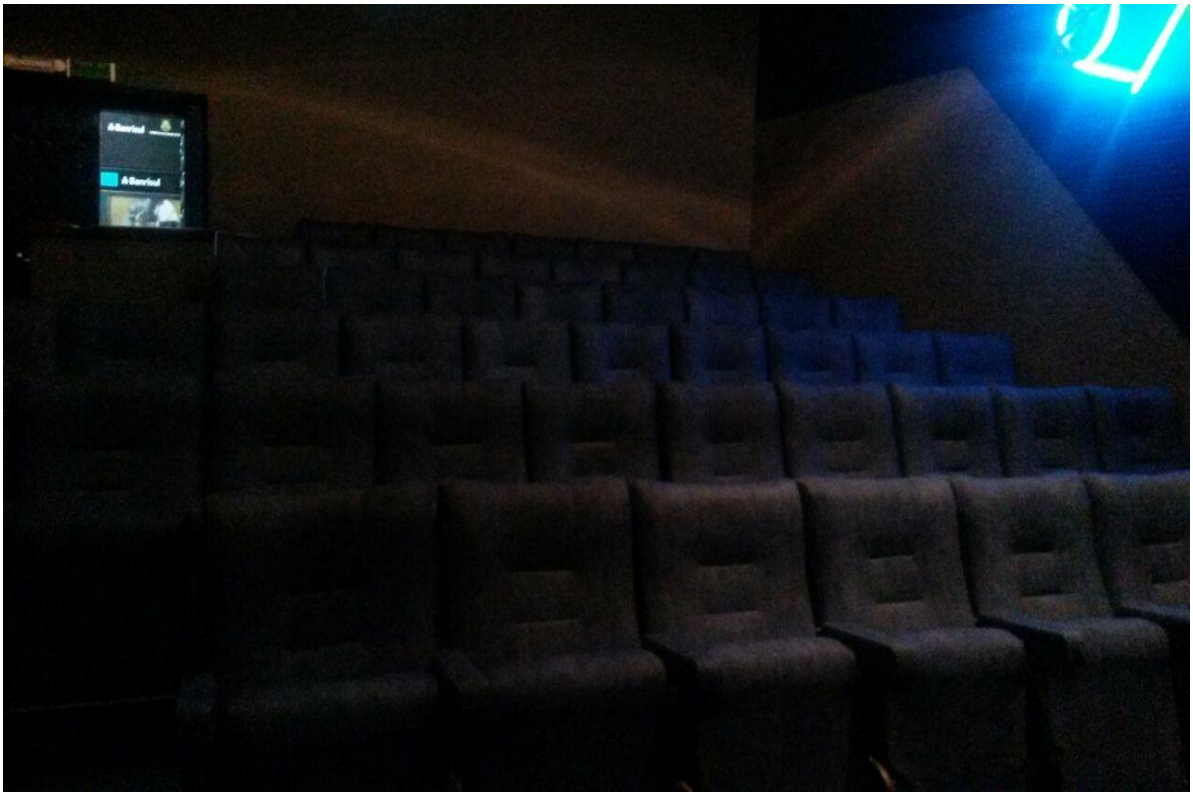
[37] Nome dado ao Troféu do Festival de Cinema de Gramado, RS. Trata-se de estatueta criada pela artista Elisabeth Rosenfield, em torno de 1966, para ser o símbolo da cidade de Gramado e que ao final de 1970 tornou-se o troféu do Festival. FESTIVAL de Cinema de Gramado. Disponível em: <http://www.festivaldegramado.net/inscricao/index.php>. Acesso em: fev. 2015.

Figura 50 – Sala Paulo Amorim



Fonte: Disponível em: http://www.ccmq.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Sala-Paulo-Amorim-2.jpg.

Figura 51 – Sala Norberto Lubisco



Fonte: Disponível em: https://cinematecapauloamorim.files.wordpress.com/2011/10/img_5839.jpg?w=468

O Café dos Cataventos está aberto diariamente, serve refeições, cafés e petiscos. No Buffet especial é servida a Feijoada Cataventos.

Figura 52 – Café Cataventos

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Bomboniere Delícias do Poeta está localizada no térreo da casa, na saída da travessa para a Rua dos Andradas. Ali são encontrados doces, sorvetes, café tradicional, capuccino, chocolate quente feito instantaneamente por máquina.

Figura 53 – Bomboniere Delícias do Poeta

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No térreo da Casa, Ala Oeste, tem-se a Livraria Kaçula, com entrada pela Rua dos Andradas. Comercializa obras de Mário Quintana e outros escritores, além de materiais de escritório para estudantes e produtos diversos do segmento.

Figura 54 – Livraria Kaçula

Fonte: Disponível em: http://www.ccmq.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Livraria-Ka%C3% A7ula .jpg.

Ainda no térreo encontra-se a Arteloja, local que reúne trabalhos de artistas gaúchos contemporâneos e novos talentos. Comercializa objetos de decoração e design, acessórios de moda e utilitários. O foco da loja é oferecer artigos que ilustrem a cidade de Porto Alegre, bem como produtos feitos a partir do reaproveitamento de materiais e resíduos industriais, incentivando e valorizando os que fazem uso da matéria prima reciclada.

Figura 55 – Arteloja

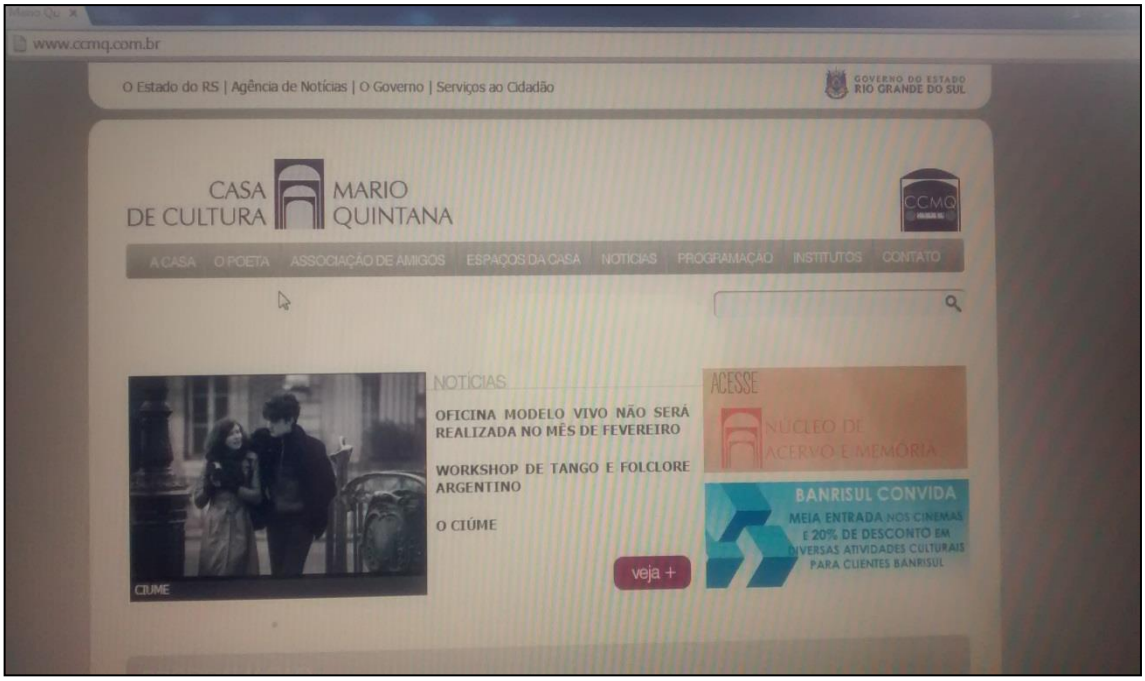
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

4.3 Página na Internet

A casa de Cultura Mário Quintana possui página na internet, com acesso às informações por meio de links, que direcionam para as áreas de interesse do visitante. Conteúdos sobre o poeta; histórico da edificação e espaços da casa vem sendo dispostos desde 2011. No entanto, alguns espaços que não existem mais ou foram transformados ou integrados a outros locais, ainda constam no site. No campo das notícias, é destacado o que ocorre nos espaços da Casa. No ícone veja mais, têm vídeos e fotos de saraus, peças teatrais e shows musicais que acontecem nos espaços da Casa de Cultura.

A página disponibiliza as informações e programações de dança, teatro, música, cinema, literatura, oficinas, exposições, atividades infantis e seminários de forma acessível, com *layout* simples, sendo possível a realização de pesquisas em seu conteúdo. Seria importante que alguns ajustes fossem feitos atualizando as informações.

Figura 56 – Layout da página da Casa de Cultura Mário Quintana



Fonte: Imagem do Acervo da pesquisa da pesquisadora, 2014.

Quanto às exposições, parte das mesmas são organizadas pelo Museu de Arte Contemporânea (MAC), no 6° andar da Casa de Cultura. Outras exposições são organizadas pelo Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAV) e outras a própria Casa de Cultura organiza. São negociadas junto aos expositores, alguma contrapartida, como por exemplo, alguma melhoria para o local. Existe a possibilidade de acontecer um edital a cada seis meses para organizar a agenda dos espaços e fazer as programações do ano. Já os espaços dos auditórios e salas de ensaios são coordenados pelo Núcleo de Artes Cênicas. Neste caso, conforme informação de Alexandre Veiga, responsável pelo setor de Núcleo de Acervo Memória e Pesquisa, poderá ser cobrado um valor pela diária de utilização do espaço para despesas de limpeza, luz etc. Ou também acontece um edital para organizar a ocupação por temporada no caso de um grupo de teatro por exemplo. Outra forma é a chamada pública, quando os grupos de dança ou de teatro preenchem um formulário com dados completos e a Casa de Cultura faz uma seleção. Neste caso, a contrapartida é o grupo oferecer uma oficina de teatro ou dança, uma apresentação ou ensaio aberto ao público.

A Casa de Cultura é um local que apresenta grande potencial de atratividades, são muitas as opções para visitação, desde oficinas de arte a espaços para exposições, auditórios, cinemas etc. Com público muito diversificado, conforme informado pelos funcionários e por

estar localizada no Centro Histórico da cidade se justifica este público eclético. Uma fragilidade da Casa de Cultura é o atendimento, pois a recepção tem dificuldades em atender aos visitantes, pois não demonstra conhecimento de todos os espaços que existem no lugar. Um centro cultural é um local que deve acolher as pessoas e a Casa de Cultura possui esta deficiência, justo neste serviço.

5 SANTANDER CULTURAL

O Santander Cultural é um centro cultural que iniciou suas atividades em 21 de agosto de 2001, com a exposição “Sem Fronteiras” que traduziu a sua orientação, ou seja, constituiu-se como espaço que visa ao incentivo da arte contemporânea, nas suas mais diversas expressões como artes visuais, música e cinema e promoção, tanto de artistas locais quanto estrangeiros. Segundo Bom,

> [...] apresenta exposições inovadoras que se utilizam das peculiaridades do espaço [...] e se apropriou de elementos como videoarte, ciberarte, grafite, skate, entre outros para compor suas exposições. Além disso, suas mostras costumam instigar a participação ativa do visitante com obras interativas [...] (2011, p. 514).

A programação da sua abertura, também trazia o conceito “sem fronteiras”, pois oferecia ao público mostra de obras do espanhol Antoni Abad, do paulista José Wagner Garcia, da suíça Pipilotti Rist, da artista sul-rio-grandense Vera Chaves Barcellos, dos mineiros Eder Santos e de Ronaldo Kiel, nascido no Rio Grande do Sul, mas residente em New York. Também diversificadas foram à programação musical, a de cinema e os seminários, dentro do Programa Reflexão.

O Santander Cultural foi abrigado no prédio do Banco Santander[38], nas esquinas das Ruas Sete de Setembro com General Câmara, no complexo da Praça da Alfândega, onde já haviam funcionado o Banco Nacional do Comércio[39], Sulbrasileiro e Meridional. O projeto inicial para o prédio foi elaborado por Theo Wiederspahn, sendo depois modificado e assumido pelos arquitetos Stephan Zobczak e Fernando Corona e sua construção durou de 1927 a 1932. Segue o estilo neoclássico francês, utilizando revestimento de mármore e com vitrais na claraboia que expressam uma alegoria a qual representa os temas do comércio, agricultura, justiça e fortuna. A edificação foi tombada em 17 de março de 1987 e inscrito no Livro Tombo em 21 de dezembro de 1992[40] pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Adquirido pelo Banco Santander em 2000, logo foi iniciada a instalação do Centro Cultural, sendo realizada intervenção de restauração, cujas obras começaram em 2000 e foram finalizadas em 2001. Foi criado um “átrio no antigo poço de iluminação dos

[38] Instituição financeira sediada na Espanha, mas com atuação em vários países.
[39] O Banco Nacional do Comércio fundiu-se com o Banco da Província e o Banco Industrial e Comercial do Sul, dando origem ao banco Sulbrasileiro (CORAZZA, 2002).
[40] Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15900>. Último acesso em: abr. 2015.

vitrais, acerca de 40 metros acima do hall central. Assim, o piso de vidro reflete a luz dos vitrais, que podem ser apreciados de cima para baixo" (GANZER, 2007, p. 65).

De acordo com Carneiro e Rocha (2010) o Santander Cultural foi resultado da ação do Grupo Santander, para estimular atividades culturais na cidade de Porto Alegre. Balem informa que

> As políticas de relacionamento do Santander têm como premissa apoiar o conhecimento e o desenvolvimento econômico, criando valor para todos os públicos com os quais a instituição se relaciona. Consciente de que as ações pautadas na cultura são ferramentas potencialmente transformadoras tanto da cultura local quando do amadurecimento das questões socioeconômicas, o Grupo Santander percebeu através de estudos e pesquisas aplicados na realidade brasileira que a gestão cultural deveria ser a estratégia para sua atuação no país. (2010, p. 111).

Vale recordar que o Banco Santander, no início da década de 2000 havia adquirido o controle acionário do Banco do Estado de São Paulo (Banespa) e o Banco Meridional S.A., tornando-se o terceiro maior banco privado do Brasil[41]. O Centro Cultural foi inaugurado no período em que ainda se davam amplas discussões entre Banco e o Sindicato dos Bancários. Esse se constituiu como ferramenta de inserção da instituição bancária na sociedade sul-rio-grandense. Para Balem, o Santander Cultural é "um agente cultural que se constrói com a sociedade e a partir dela" (2010, p. 112).

A estrutura da gestão do Santander Cultural se apresenta da seguinte forma: um diretor-presidente, um diretor vice-presidente, um diretor executivo e um diretor superintendente. Possui três conselheiros e três conselheiros fiscais. Ainda tem um coordenador geral, dois coordenadores institucionais, dois coordenadores de comunicação, dois assistentes institucionais, dois funcionários que trabalham na assessoria de imprensa, um funcionário analista financeiro, dois coordenadores da ação educativa, quadro mediadores, dois coordenadores de operação, dois assistentes de operação, quatro funcionários na equipe de atendimento, três funcionários na equipe técnica, um funcionário na Biblioteca Santander Cultural, dois coordenadores de segurança, dois funcionários na equipe de recepção corporativa, quatorze funcionários na equipe de manutenção e seis funcionários na equipe da limpeza.

---

41 Isto em função das seguintes aquisições: Banco Geral do Comércio S.A. (1997); Banco Noroeste S. A. (1998); Banco Meridional (2000); Banespa (2000). SANTANDER compra Banespa. 20/11/2000. Disponível em: <http://www.terra.com.br/economia/2000/11/20/047.htm>. Acesso em: mar. 2015.

Figura 57 – Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2014.

Os espaços do Santander Cultural estão discriminados no Quadro 4 a seguir. Ver plantas no Anexo D.

Quadro 4 – Espaços do Santander Cultural (2014/15)

ANDAR	ESPAÇO
SUBSOLO	Recepção Sala de cinema (na caixa forte) Galerias para exposições Museu da Moeda Café (cofre menor) Restaurante (cofre menor) Bar Adega Biblioteca Elevadores
TÉRREO	Salas de exposição Átrio Central Administração do Centro Cultural Presidência Centro Cultural Sala de Reuniões do Centro Cultural

	Salões laterais Loja Livraria Hall de entrada Elevadores
GALERIAS	Sala multiuso Leste/Auditório Sala multiuso Oeste/Auditório Hall Galerias Elevadores CPD/Site

Fonte: Elaborado pela Autora, 2014/2015.

O acesso para idosos e deficientes foi beneficiado com intervenção quando da restauração do prédio. Foram instalados novos elevadores, um deles panorâmico e rampa que inicia na Praça da Alfândega, facilitando a passagem ao subsolo.

Figura 58 – Entrada lateral que inicia na Praça da Alfandega

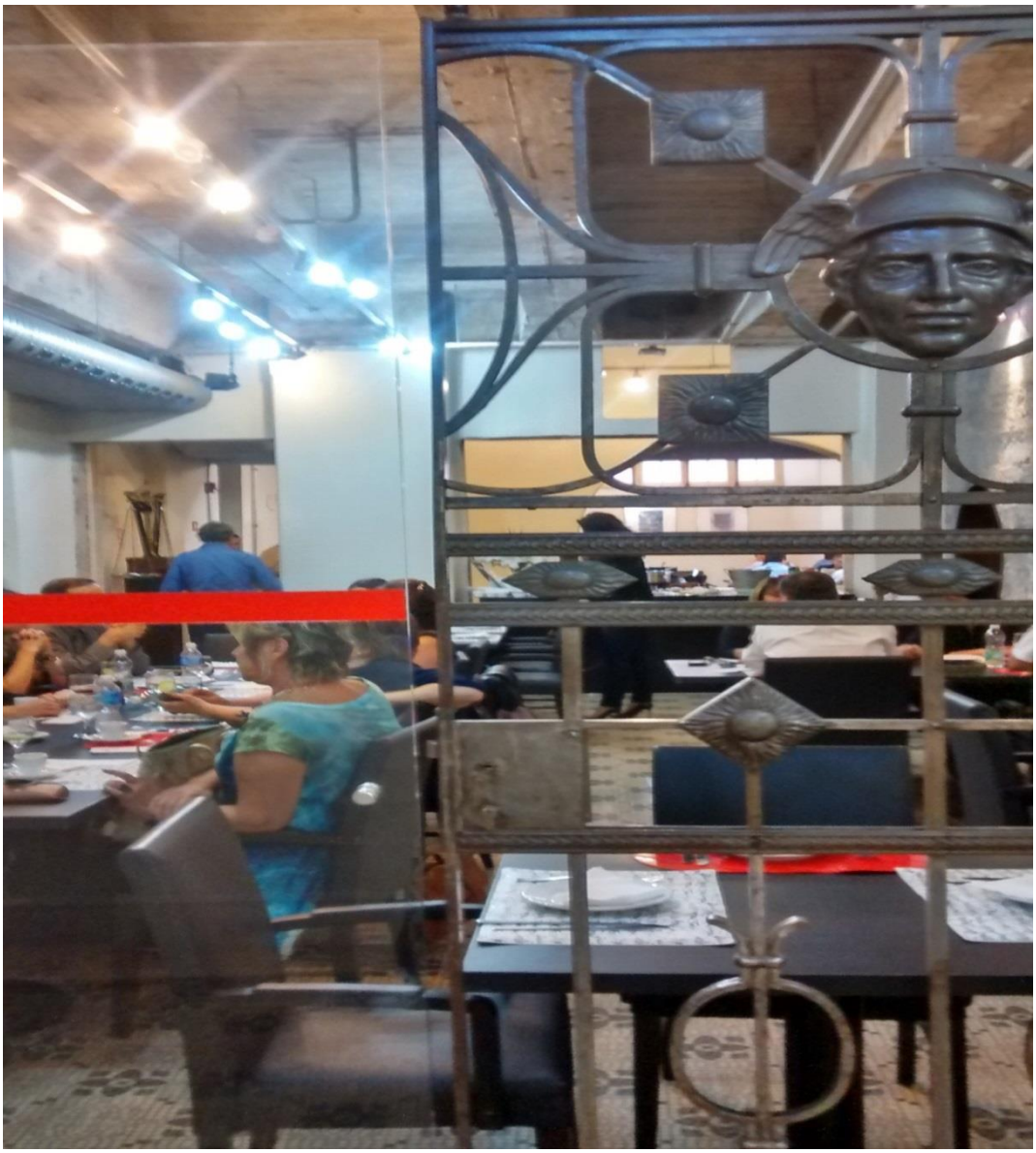
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

5.1 Subsolo

Neste espaço, os antigos cofres da instituição bancária foram transformados em sala de cinema, café, bar e restaurante. Ali também estão os sanitários, hall dos elevadores e Recepção.

O Moeda Bar e Restaurante, com 196 m² com capacidade para 120 pessoas e 200 pessoas em pé, além do cardápio variado e bufê, oferece galeria com obras de arte para seus usuários.

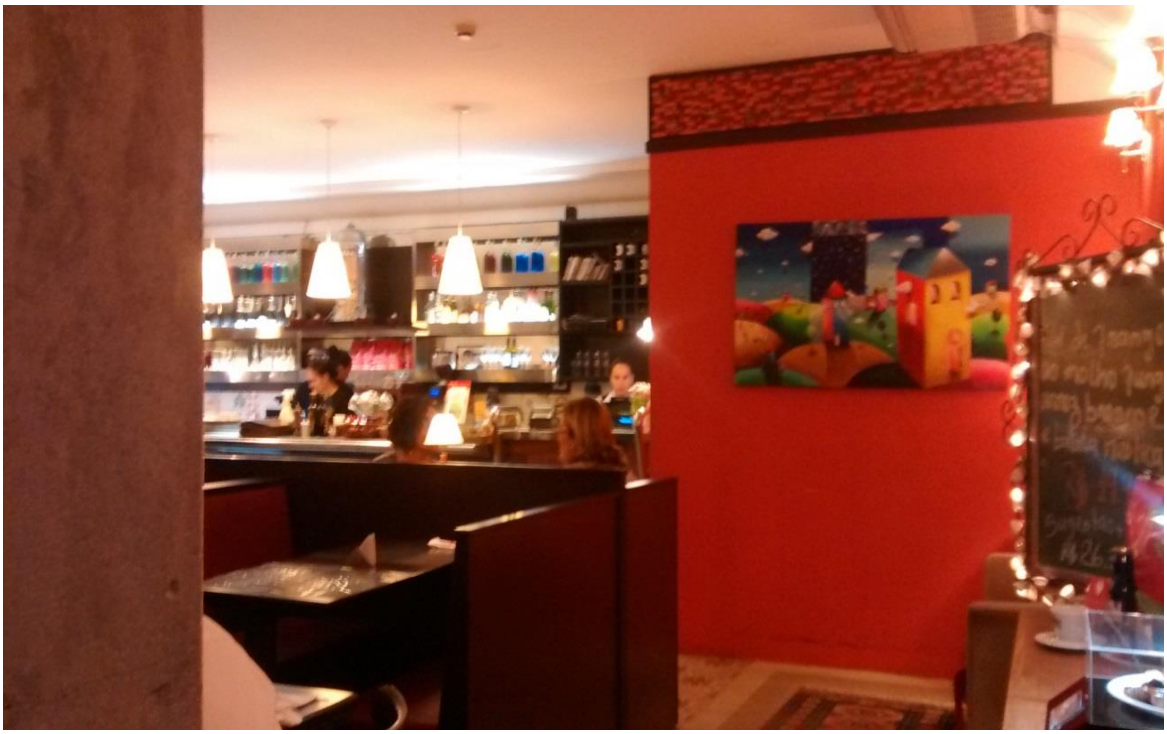
Figura 59 – Moeda Bar e Restaurante



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Café do Cofre recebeu esta denominação, pois literalmente está situado dentro do espaço onde ficava o cofre menor do antigo banco. Possui 98,81 m² com capacidade para 47 pessoas e de 80 a 100 pessoas em pé.

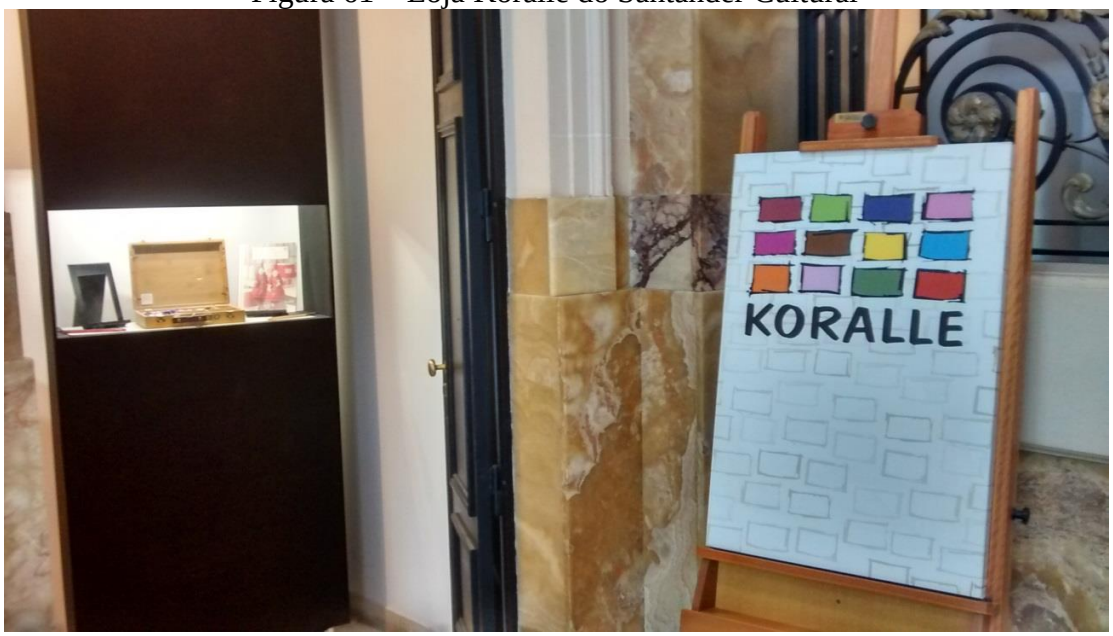
Figura 60 – Café do Cofre



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Próximo do Restaurante encontra-se a loja Koralle que foi instalada, inicialmente, com o intuito de disponibilizar materiais de qualidade aos artistas plásticos. Porém, conforme as demandas foram crescendo, a loja passou a atender, também, aos profissionais da área da arquitetura, engenharia, moda e design. É possível fazer cursos nas áreas de ilustração, pintura, desenho, fotografia, restauração entre outros no local.

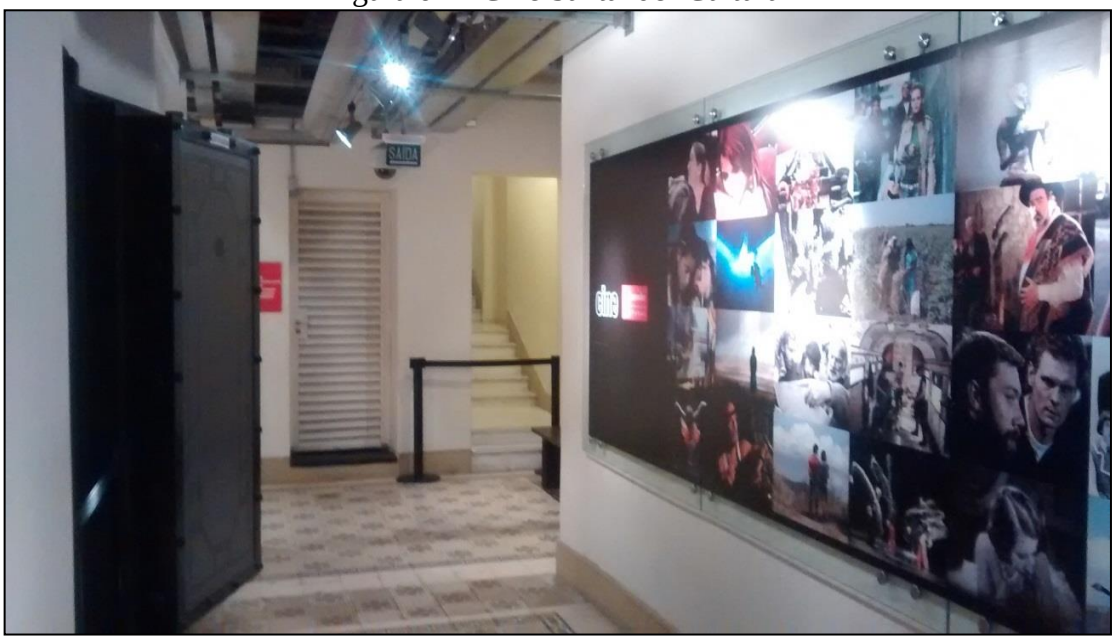
Figura 61 – Loja Koralle do Santander Cultural



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Santander Cultural possui sala de cinema com capacidade para 85 pessoas e com 125,49 m². Conforme a coordenadora Maria Luisa Belan por uma questão de segurança não é permitido cadeiras extras ou espectadores sentados no chão. A programação abrange a produção do cinema brasileiro e mundial, com foco em mostras, sessões comentadas, pré-estreias, lançamentos e festivais, muitas vezes com a presença de elenco, diretores e autores.

Figura 62 – Cine Santander Cultural



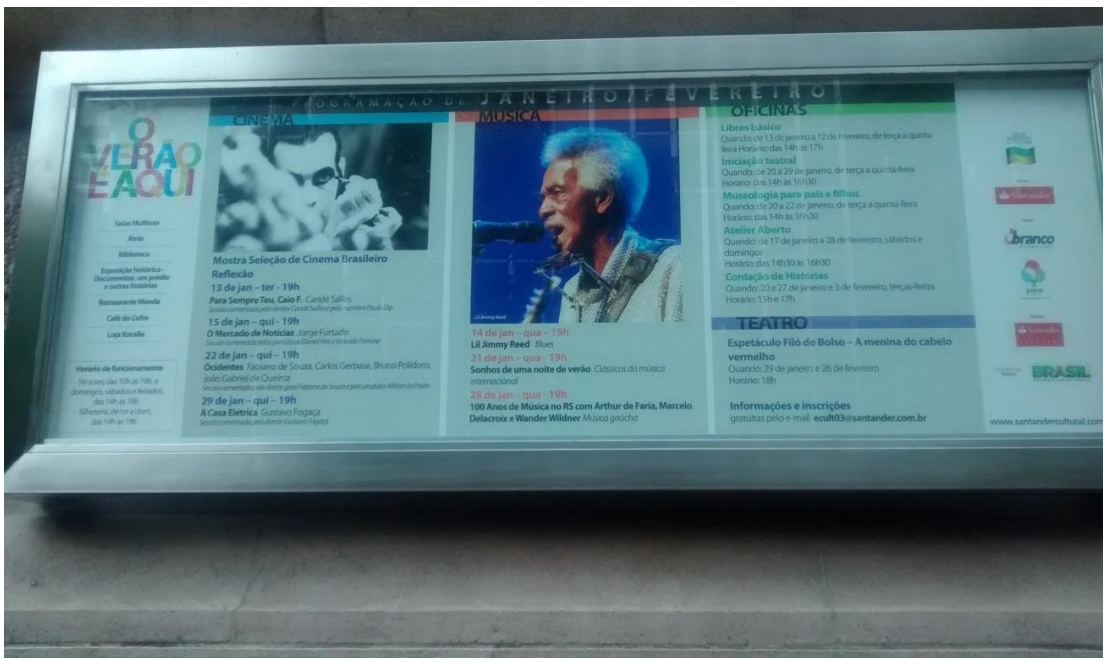
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 63 – Cine Santander Cultural (parte interna)

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

As programações das sessões são divulgadas na página, em painéis nos espaços internos, na fachada e ao longo dos corredores do centro cultural.

Figura 64 – Programações das sessões de cinema na fachada do prédio



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 65 – Programações das sessões de cinema divulgadas no subsolo do Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Santander Cultural possui um acervo constituído por documentos e outros artefatos originários dos três bancos mais importantes da história bancária do Rio Grande do Sul: o Banco da Província, o Banco Nacional do Comércio e o Sulbrasileiro. Compreende material de registro de atividades bancárias e de documentação que permite reconstruir parte da história financeira do Estado e a do próprio Banco Santander. Parte do acervo está exposto em galerias dos corredores do subsolo, relacionando o contexto histórico com as relações econômicas e as práticas bancárias ao longo dos tempos.

Figura 66 – Exposição histórica do Santander Cultural

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

O Museu da Moeda, também faz parte do núcleo histórico da instituição, com acervos numismáticos que mostram a evolução da moeda brasileira.

Figura 67 – Exposição histórica do Santander Cultural

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

5.2 Térreo

Pela entrada da Rua Siqueira Campos, tem-se acesso ao térreo onde estão: o Átrio com 390 m², capacidade para 600 pessoas em pé, 200 pessoas sentadas em auditório e 120 em formato de jantar; e as Galerias onde ocorrem as grandes exposições com 781,77 m² com capacidade para receber 800 pessoas em pé.

Figura 68 – Recepção do Santander Cultural (Rua Siqueira Campos)

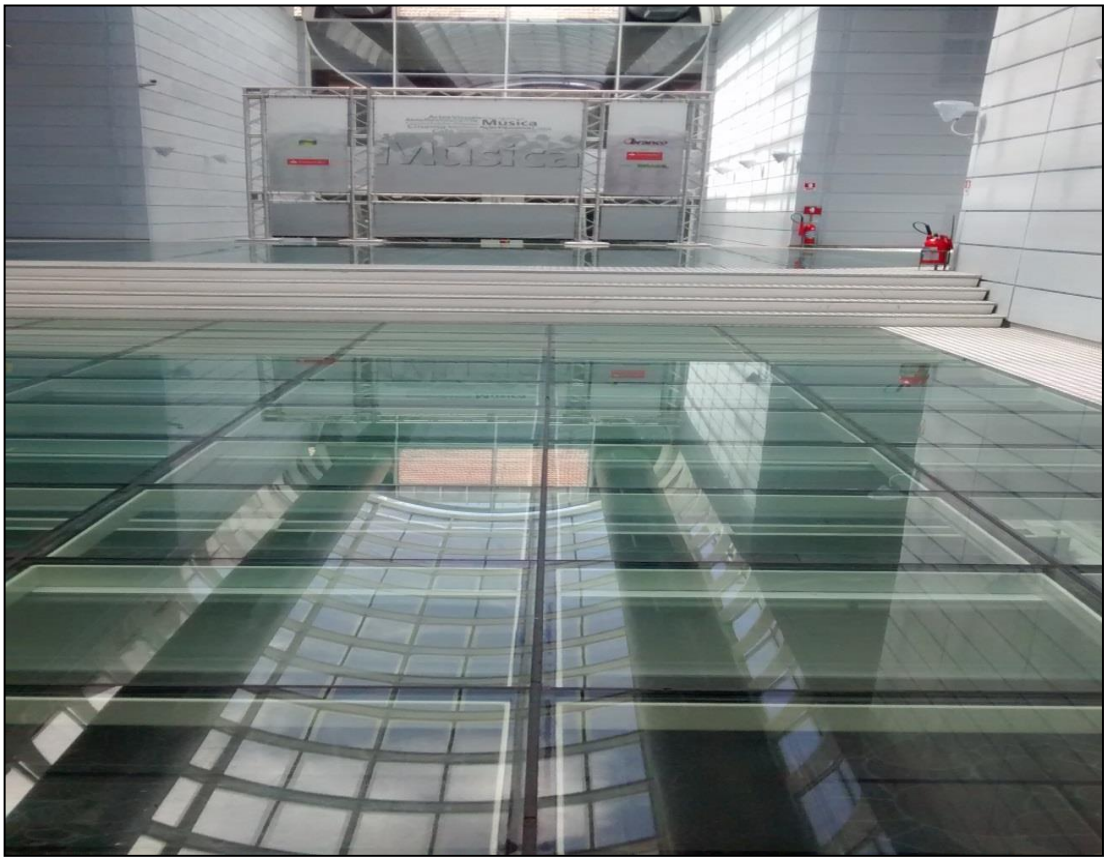
Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No período de janeiro e fevereiro, o centro cultural oferta programação especial que se concentra no espaço do Átrio, durante a semana, com mostra de cinema, shows de música, oficinas e apresentações de teatro.

Figura 69 – Átrio

Fonte: Disponível em: <http://www.copa2014.rs.gov.br/upload/modal_20111017175209santander8515cd3_00911.jpg Acesso em abril 2015>.

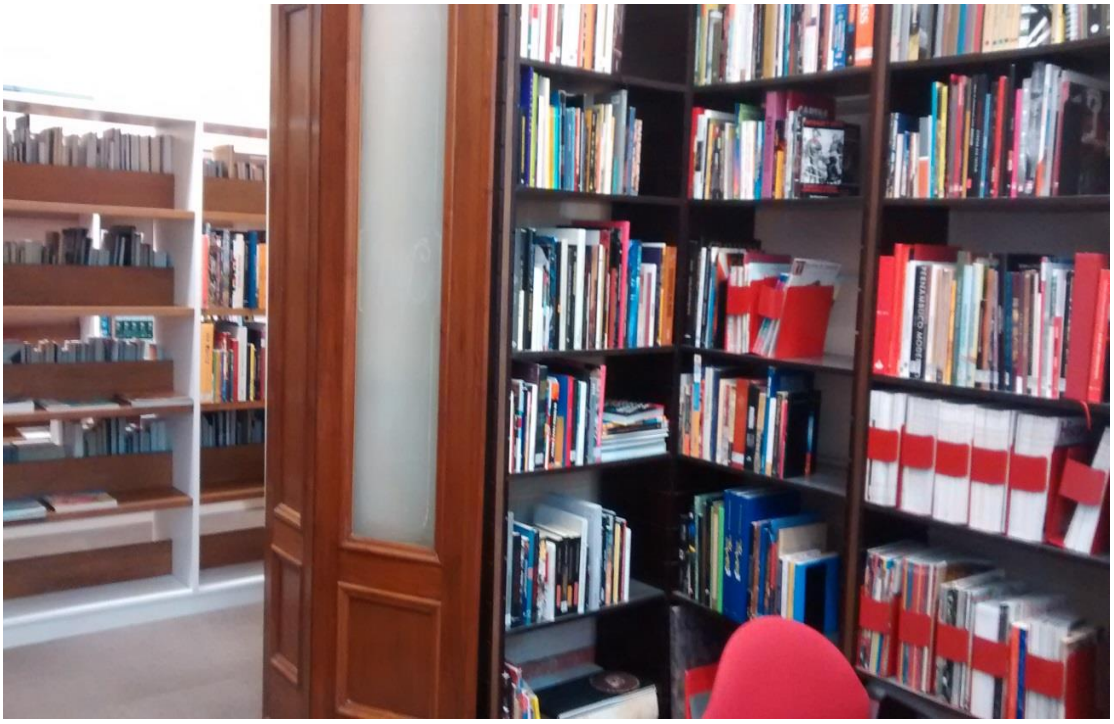
Figura 70 – Salão Átrio do Santander Cultural



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A Biblioteca disponibiliza jornais, diários, revistas nacionais e internacionais e um acervo de mais de dois mil itens, entre livros, catálogos de arte editados pelo Santander Cultural de outras editoras, além de CDs e DVDs. Também ocorrem sessões de “contação” de histórias para o público infanto-juvenil e escolares (conforme agendamento). Sua área é de 108,72 m² com capacidade para 22 pessoas sentadas e 40 pessoas em pé.

Figura 71 – Biblioteca do Santander Cultural



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 72 – Espaço Biblioteca do Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

No mesmo andar estão localizadas as salas Oficina da Ação Educativa 1 e 2. A Ação Educativa promove atividades para todos os públicos como oficinas de *flip book*, quadrinhos, cordel, contos e restauração de livros, entre outros. Também, conta com Centro de Capacitação Digital que estimula a inclusão digital para a terceira idade. Nos finais de semana e aos sábados a equipe educativa acompanha os visitantes ao longo do espaço onde se localiza o acervo histórico do Santander Cultural.

Figura 73 – Sala Ação Educativa Ateliê 1

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

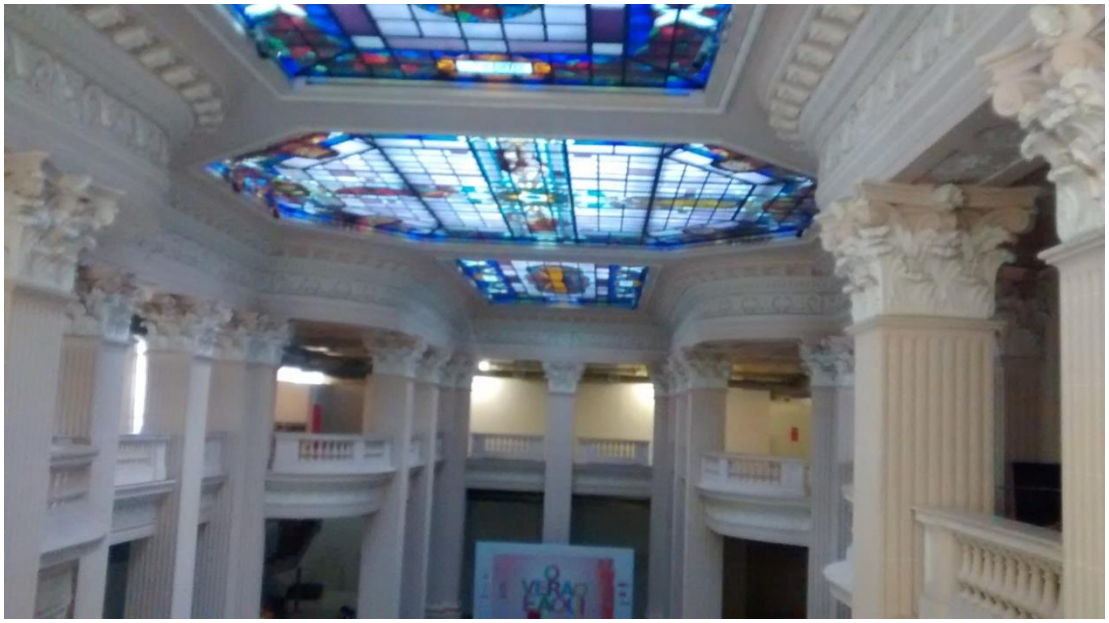
Figura 74 – Sala Ação Educativa Ateliê 2

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

5.3 2º Andar

Neste pavimento estão as Galerias que comportam exposições, pequenas mostras, ou ainda, serem de apoio para as grandes exposições que ocorrem durante cada ano.

Figura 75 – Galerias do segundo andar Santander Cultural



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 76 – Galerias do segundo andar Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Também no segundo andar estão localizadas as Salas Multiuso (Leste e Oeste), onde ocorrem palestras, seminários, cursos de teatro e cinema, encontros musicais[42] e outros, programações da Feira do Livro de Porto Alegre e de outras instituições/entidades. Como a própria denominação das salas informa, estes são espaços que se adaptam ao tipo de atividade que se pretende realizar. O espaço da Sala Leste é de 100,66 m² com capacidade para 80 lugares para palestras e 75 lugares para shows. A Sala Oeste também tem 100,66 m² de área e se destina somente para palestras com capacidade para 90 lugares.

Figura 77 – Sala Multiuso leste Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

[42] A programação musical de 2014 teve dois grandes projetos: o Fazendo Música, que possibilita encontros entre cantores e instrumentistas, oferecendo oficinas e cursos diversos; o Ouvindo Música com shows e concertos nacionais e internacionais.

Figura 78 – Salas Multiuso oeste Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A imponência do prédio somado a programações intensas de sessões de cinema, exposições de artes visuais durante o ano todo e os ciclos de oficinas permanentes proporcionam ao Santander Cultural reconhecimento por parte da comunidade: em 2008, o equipamento cultural foi escolhido pela população local e por júri especializado constituído por arquitetos urbanistas, por meio de votação organizada pelo Jornal Zero Hora, como patrimônio arquitetônico significativo de Porto Alegre.[43] Segundo Liliana Magalhães, superintendente do Santander Cultural na época, o resultado certificava "[...] mais uma vez o grande valor estético, afetivo e simbólico do prédio junto ao povo gaúcho e, principalmente, sua incorporação como espaço de convívio público e patrimônio cultural vivo de Porto Alegre" (SANTANDER..., 2008).

5.4 Página na Internet

O Centro Cultural em questão possui página na internet conforme endereço www.santander.com.br exibindo os espaços, fotos com atividades já realizadas e programações. O site atende tanto aos usuários e visitantes do equipamento cultural, como

[43] O evento fez parte das festividades comemorativas pelos 236 anos da cidade.

também aos clientes do Banco Santander. São dois links com informações, que apresentam: (1) as atividades que acontecem no centro cultural em termos de música, artes visuais, cinema e fotos de todos os espaços; (2) o acervo cultural explicando sobre o local, o objetivo de preservar o patrimônio artístico e cultural, possibilitando encontros, seminários, oficinas, palestras etc. Neste link constam, também, informações sobre a participação do centro cultural na gestão de memória institucional dos bancos incorporados. Os demais links são relacionados ao internet banking.

Figura 79 – Layout da página da internet do Santander Cultural

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Na página há indicativo do projeto de memória institucional do Banco Santander incentivando a participação de funcionários e ex-funcionários, correntistas, etc. a narrarem suas histórias de vida com o objetivo de despertar uma nova forma de relatar as memórias institucionais e promover a inclusão social por meio da cultura[44].

[44]Fonte: Disponível em: <http://www.santander.com.br/portal/wps/script/templates/GCMRequest.do?page=6875&entryID=7811>. Último acesso em: abr. 2015.

6 CENTRO CULTURAL CEEE ÉRICO VERÍSSIMO

O prédio, situado na Rua dos Andradas, nº 1223, foi construído pelo Engenheiro Adolfo Sterne, em estilo eclético, mas com forte influência francesa, entre 1926 e 1928 e inaugurado em 30 de abril de 1929. Autores como Monteiro (2006) informam que as obras possuíam como objetivo inicial ampliar o prédio do Clube ou Centro dos Caçadores com entrada pela Rua Andrade Neves (Rua Nova na época), frequentado por políticos e intelectuais, "[...] gente bem e pelos barões estancieiros" (FONSECA, 2006, P. 44). A rua e o Clube possuíam má fama: "[...] nos anos trinta; cheia de pensões de mulheres dos mais variados níveis, destacava-se, no meio delas, o famoso "Clube dos Caçadores", passarela maior de vida noturna da cidade" (SÁ JÚNIOR, 2007, p. 73). Na Revista Máscara (apud LUCKOW, 2011, p. 39) anunciava-se "artistas de real merecimento, procedentes das capitaes platinas, Rio, S. Paulo, etc.". O Clube dos Caçadores aparece em anúncio do Correio do Povo de 12/03/1916, com convite para seu baile de Carnaval (apud LUCKOW, 2011, p. 48). Além do Clube (1916-1927), no qual muito pouco se tratava do esporte do tiro, e da casa de espetáculos, funcionava sala de jogos, o que auxiliou ser a edificação antiga conhecida como "Palácio das Lágrimas" (CARNEIRO; PENNA, 1992, p. 106), em função daqueles que se desesperavam ao perder grandes somas de dinheiro nas apostas.

Segundo LUCKOW (2011, p. 49) "[...] a intendência municipal havia decidido seu fechamento em 1924, na gestão de Otávio Rocha (9ª Federação, 3 dez. 1924, p. 3), como medida de '*embelezamento e higiene'* da cidade". O Clube também é lembrado em trecho da obra O Tempo e o Vento de Érico Veríssimo, quando o personagem Rodrigo Cambará diz ao seu irmão Toríbio: "O que me tem aliviado o tédio é essa deputação, os meses que todos os anos tenho de passar em Porto Alegre....Nossa capital é ainda uma aldeia grande, mas lá já se vive. Precisavas conhecer o Clube dos Caçadores" (VERÍSSIMO, 2004, p. 102).

Em 1927, foi alugado para a Foreign Light and Power, empresa norte-americana, que explorava a produção e distribuição de energia elétrica no Rio Grande do Sul. Esta empresa associou-se à Companhia Brasileira de Força Elétrica (conhecida como Força e Luz), que comprou o imóvel e iniciou obras de intervenção, adaptando o edifício para suas novas finalidades. A inauguração foi em abril de 1929 e o prédio tornou-se referência para a história da eletricidade no Estado, bem como foi uma das primeiras edificações exclusivas para escritórios em Porto Alegre. Em 1943 o governo do Rio Grande do Sul criou a Comissão Estadual de Energia Elétrica (antecessora da CEEE), passando paulatinamente a assumir toda

a geração de energia elétrica do estado, quebrando o monopólio da empresa norte-americana e da Companhia Brasileira de Força Elétrica em 1947. Em 1951 esta sofreu intervenção, passando seus serviços para a Comissão Estadual de Energia Elétrica (FRANCO, 2006). A Companhia Estadual de Energia Elétrica passou a existir com este nome a partir de 13/09/1961 com a sigla CEEE.

O prédio passou por várias reformas e intervenções que o descaracterizaram internamente e em 1994 foi tombado pelo IPHAE pela Portaria 10/94 de 31/05/1994 e inscrito no Livro Tombo em 26/08/1994. Seu tombamento, deu-se pela importância das "suas fachadas e seu valor como referência histórica" (KIEFER, p. 30). Nesta época abrigava o MERGS - Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul, bem como uma loja comercial da CEEE no pavimento térreo. Em 2002 o prédio foi restaurado e adaptado para seu novo uso como centro cultural. Quanto à dimensão, possui seis andares, num total de 2.775 m². A capacidade, de acordo com as normas do Plano de Prevenção e Controle de Incêndios é de 809 pessoas no total.

A seguir, os espaços no Quadro 5. Ver plantas no Anexo D.

Quadro 5 – Espaços do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo (2014/15)

ANDAR	ESPAÇO
Térreo	Recepção Espaço institucional CEEE Café (mezanino) Sala de exposições O Arquipélago Elevadores
2º Andar	Museu da Eletricidade (MERGS) Sala o Tempo e a energia Sala Noé de Mello Freitas Elevadores
3º Andar	Elevadores Memorial Érico Veríssimo Área Técnica Acesso ao palco do Auditório do 4º Andar
4º Andar	Auditório Barbosa Lessa Foyer do Auditório Sanitários Sala Multiuso O Retrato
5º Andar	Salas para atividades administrativas Arquivos dos acervos
6º Andar	Biblioteca O Continente Memorial Érico Veríssimo Sala de cursos e oficinas Administração
Cobertura	Casas de máquinas, reservatórios, gerador

Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

Figura 80 – Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo é suporte da memória da eletricidade no Rio Grande do Sul, como também de Érico Veríssimo um dos mais destacados escritores sul-rio-grandenses. Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta em 17 de dezembro de 1905, ali residindo até os 25 anos, mudando-se para Porto Alegre em 1931. Escreveu 36 obras entre romances, novelas, contos, narrativas infanto–juvenis e de viagens. Os painéis de Leandro Selister no 3º andar, narram, a partir de imagens, momentos da vida do escritor. Na Biblioteca (6º andar) do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, também em painéis, é apresentada aos visitantes a biografia resumida e informações sobre seus escritos[45]. Trata-se de autor conhecido no exterior, com obras editadas em mais de 15 idiomas[46].

[45] Disponível em: <http://www.cccev.com.br/index.php/sobre-o-memorial>. Acesso em: abr. 2015.
[46] Disponível em: <http://www.cccev.com.br/index.php/biografia>. Acesso em: abr. 2015.

A gestão do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo é composta por uma equipe de dez funcionários, no setor de planejamento; produção (Backstage) com cinco funcionários, um curador, um funcionário na coordenação de conteúdo; um funcionário na parte da coordenação técnica e um na consultoria de arquitetura; um funcionário responsável pela conservação de acervo e sistema acervo online; e a assessoria de imprensa que é realizada pela coordenadoria de comunicação do grupo CEEE.

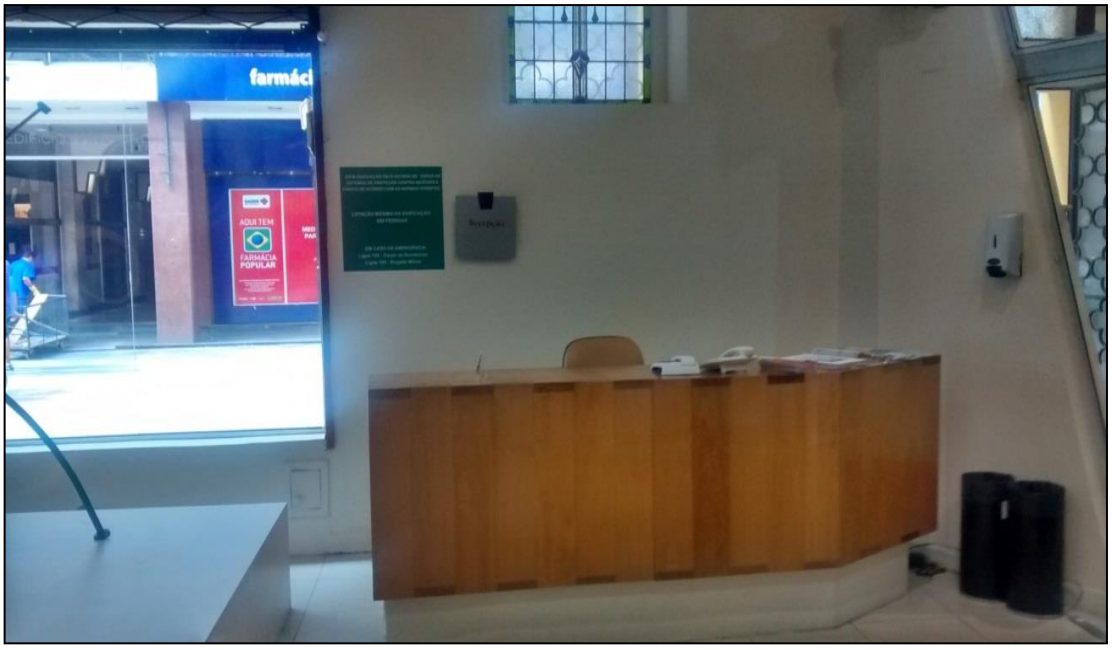
O Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo disponibiliza ao público, ao longo do ano, atividades como oficinas literárias, de contação de histórias, de literatura francesa, de formatação de projetos culturais, entre outras. Na última sexta-feira de cada mês, ocorre um sarau poético denominado "Sexta em Verso".

Outra atividade ofertada é a denominada "Arte nos Trilhos", que consiste em espetáculos gratuitos que são apresentados na Rua dos Andradas, em frente ao centro cultural, realizados por alguns membros e ou alunos de Institutos, Fundações e Universidades que possuem parceria com o equipamento cultural. O objetivo é proporcionar interação e acesso à cultura para aqueles que diariamente passam pelas imediações do prédio. Estes eventos são previamente agendados e incluídos na programação.

O horário de funcionamento é de terças as sextas das 10h00 até às 19h00 e sábados das 11h00 às 18h00[47]. Por meio de equipe de mediadores são recebidas visitas de escolares e grupos agendados. Desde 2004, o centro cultural disponibiliza três espaços para exposições, mediante concursos semestrais, com júri composto por representantes das artes visuais, com o intuito de receber seis diferentes exposições no período, duas para cada sala disponível[48]. Na Figura 81, tem-se imagem da recepção do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.

[47] Disponível em: < http://www.cccev.com.br/index.php/sobre-o-cccev>. Acesso em: abr. 2015.
[48]Disponível em: <http://www.ceee.com.br/pportal/ceee/Component/Controller.aspx?CC=1758/>. Acesso em: Jan. 2015.

Figura 81 – Recepção do Centro Cultural



Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

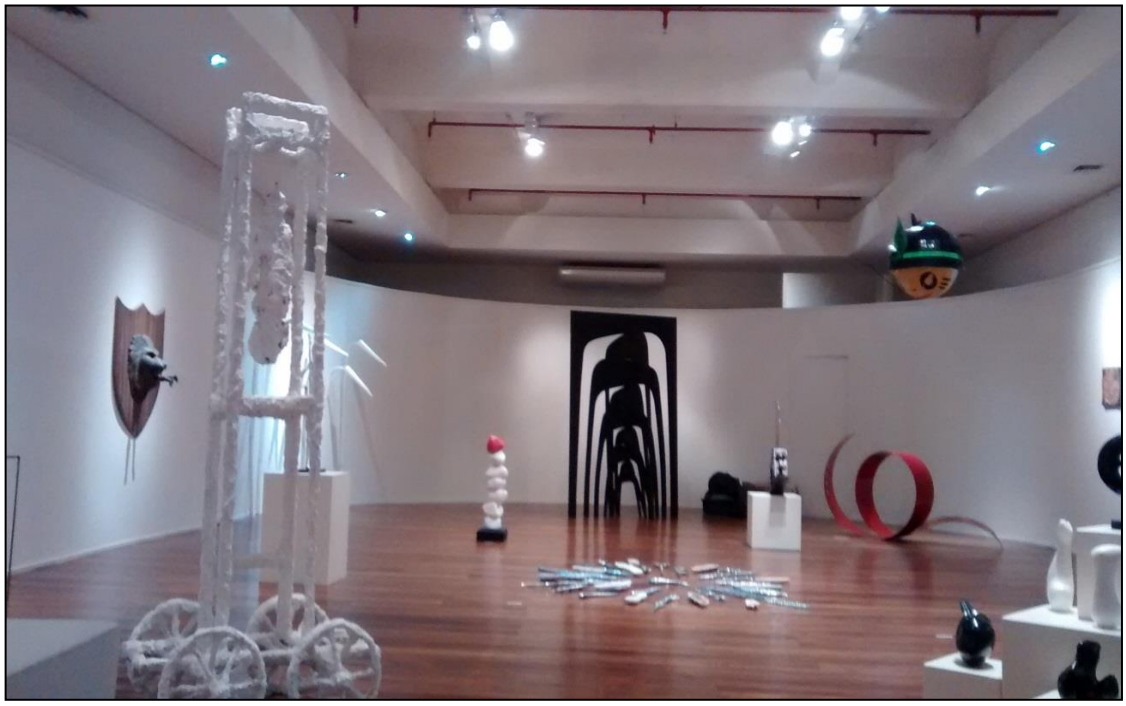
A seguir são descritos os espaços do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.

6.1 Térreo

Neste pavimento está a sala “O Arquipélago”, na qual ocorrem exposições mediante processo descrito anteriormente. A denominação remete ao Livro 3 da trilogia O Tempo e o Vento[49], de Érico Veríssimo no qual é narrado o retorno de Rodrigo Cambará à Santa Fé, após longo tempo no Rio de Janeiro ao lado do então presidente Getúlio Vargas, seu amigo e aliado. Nesse sentido, a família Terra Cambará, que possuía apenas poder local, passou a ter, durante a Era Vargas, expressão nacional. Com o fim do Estado Novo, Rodrigo Cambará volta à sua terra doente e derrotado politicamente. O personagem reluta em morrer, pois. “Cambará macho não morre na cama” (VERÍSSIMO, 2004).

[49] A obra é considerada a obra-prima do autor. Trata-se de trilogia composta pelos livros, O continente (1949), o Retrato (1951) e O Arquipélago (1961-1962). Apresenta os 200 anos do processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul durante o período de 1745 a 1945.

Figura 82 – Sala O arquipélago



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 83 – Sala O Arquipélago

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

No Caffè di Trento (mezanino), os visitantes, além de apreciarem os pratos ofertados, também podem participar dos saraus poéticos e de outras programações culturais que ocorrem no local. Além disso, os cardápios trazem contos, crônicas ou poemas de escritores sul-rio-grandenses.

Figura 84 – Caffè di Trento (mezanino) do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

6.2 2º Andar

No segundo pavimento encontra-se a sala Noé de Mello Freitas, Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul e a sala O Tempo e a Energia.

A sala Noé de Mello Freitas homenageia engenheiro que desenvolveu projetos, para o aproveitamento da vazão do Rio da Prata com o Rio das Antas em uma única hidrelétrica. Os estudos de Noé de Mello Freitas foram aproveitados pela CEEE que em 1945, mostrou a viabilidade técnica e econômica para quatro barragens, três no Rio das Antas e uma no Rio da Prata[50].

[50] Disponível em: <http://www.fepam.rs.gov.br/biblioteca/Taquari-Antas/pag21.html>. Acesso em: abril/2015.

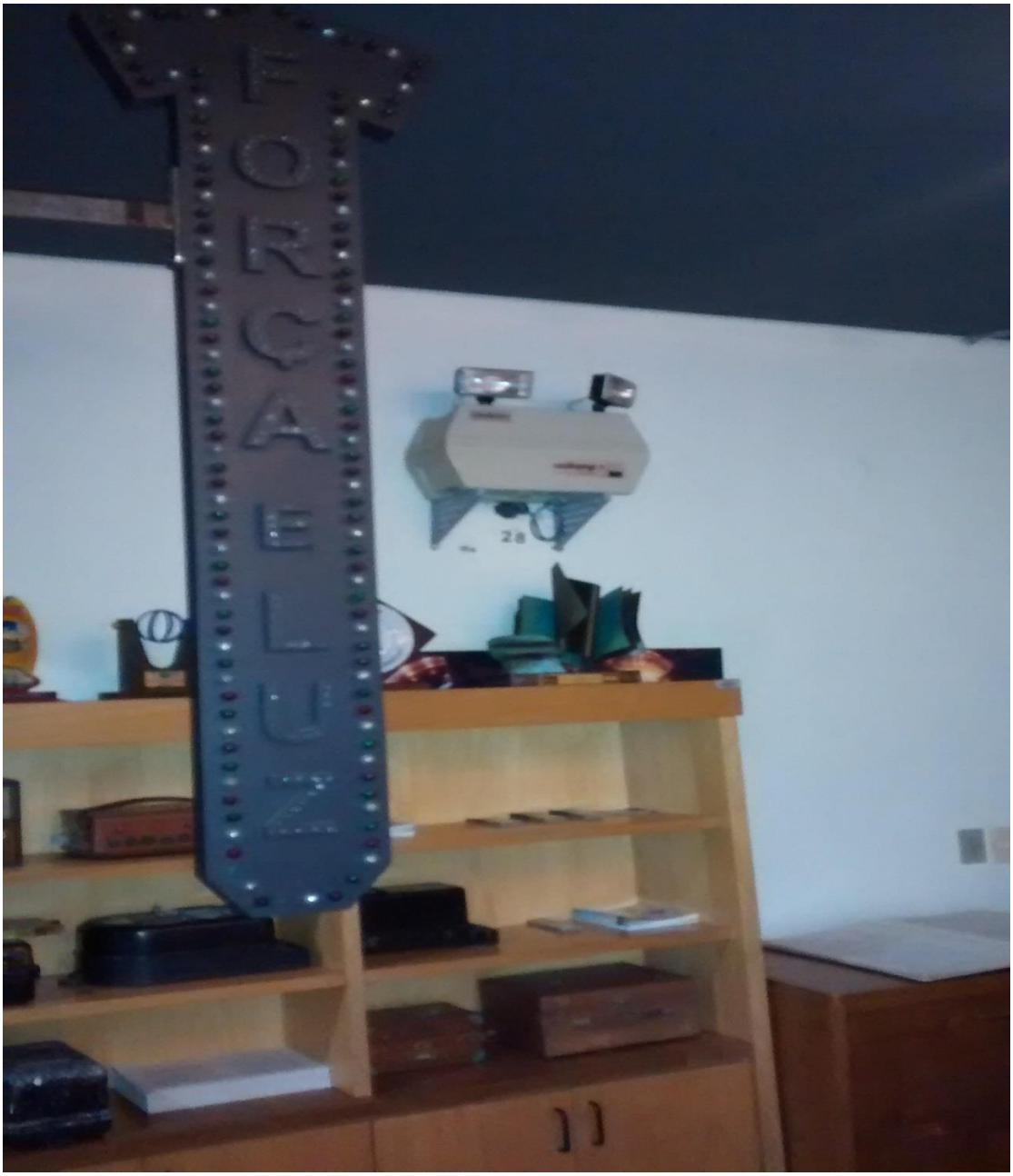
Figura 85 – Sala Noé de Mello Freitas

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul foi criado em 1º/02/1977 como órgão cultural da CEEE, constituindo-se como o primeiro do gênero no Brasil, abrindo caminho para que outras concessionárias de energia elétrica abrissem seus próprios museus. O MERGS, em sua exposição de longa duração, oferece possibilidade de os visitantes interagirem com experimentos projetados pelo arquiteto Pedro Mohr como o do funcionamento de uma pilha, o da dinâmica de um motor elétrico em funcionamento, entre outros.

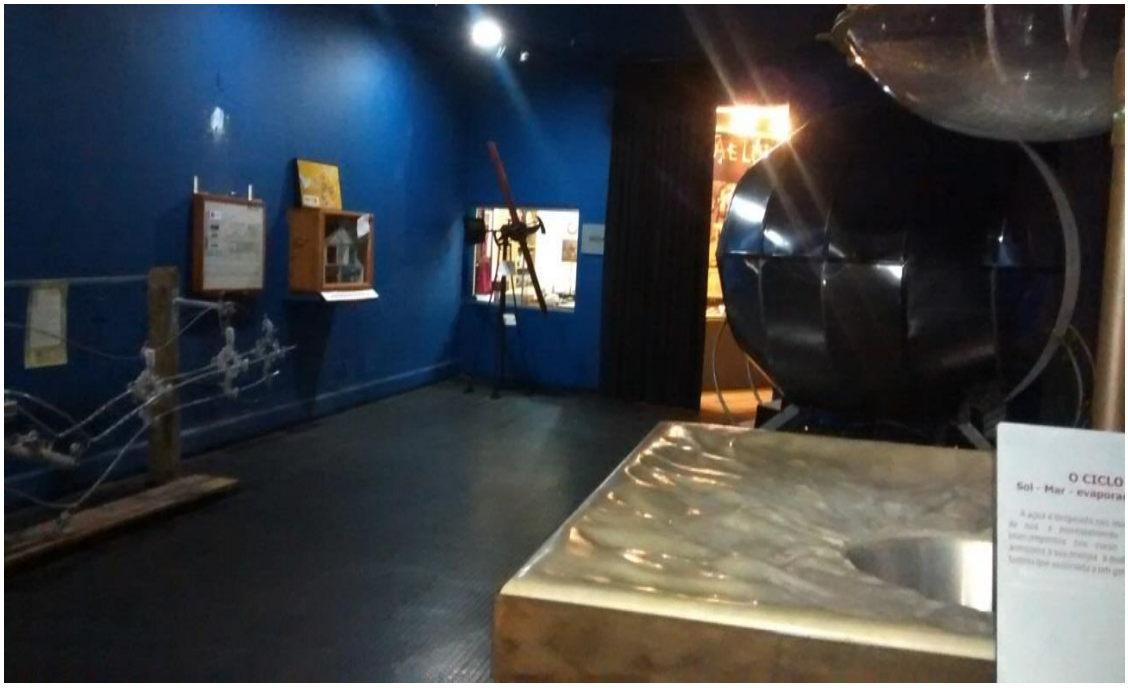
O acervo do Museu possui coleções de objetos oriundos de diferentes municípios do estado, como máquinas e equipamentos, utensílios, numismática, documentos, bibliografias e filmes. Também, mostra objetos que remetem aos primeiros tempos da iluminação por energia elétrica no Rio Grande do Sul.

Figura 86 – Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 87 – Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Figura 88 – Foto Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul – Acervo da CEEE

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Assim como as demais, a Sala O tempo e a Energia recebe exposições e mostras que integram a programação do centro cultural.

Figura 89 – Sala O Tempo e a Energia

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

6.3 3º Andar

No terceiro pavimento localiza-se o Memorial Érico Veríssimo, o qual apresenta objetos dos acervos adquiridos de Mário de Almeida Lima e de Flávio Loureiro Chaves, compostos por documentação produzida pelo escritor Érico Veríssimo: originais datilografados, cadernos de anotações, correspondências, fotografias e desenhos.

Figura 90 – Fotografia, reportagem e anotações manuscritas por Érico Veríssimo

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

O ambiente do Memorial foi idealizado para receber leitores de várias idades e interessados em conhecer mais sobre a vida e obra de Érico Veríssimo. Além dos objetos e painéis ilustrativos, são oferecidos recursos visuais, sonoros e táteis para os visitantes.

Figura 91 – Memorial Érico Veríssimo – Espaço dedicado às crianças

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

6.4 4º Andar

No quarto pavimento está o Auditório Barbosa Lessa, auditório para 158 lugares com condições de receber espetáculos diferenciados. Seu nome é homenagem ao escritor Barbosa

Lessa que produziu mais de 60 obras de diferentes gêneros, peças teatrais e revistas em quadrinhos.

Figura 92 – Auditório Barbosa Lessa

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A Sala para exposições O Retrato remete ao Livro 2 da Obra O tempo e o Vento, no qual, Érico Veríssimo mostra o personagem Rodrigo Terra Cambará retornando para sua cidade após terminar o curso de Medicina em Porto Alegre. Acompanha-se a decadência social de Santa Fé nos anos 1920 e o embate entre Rodrigo e seu pai Licurgo com a mediação do outro filho, Toríbio. O retrato de Rodrigo pendurado na parede do Sobrado mostra um homem idealizado por si mesmo em contraste com a sua transformação com o passar dos anos (VERÍSSIMO, 2004).

Figura 93 – Sala O Retrato

Fonte: Imagem do Acervo da pesquisadora, 2015.

6.5 5º Andar

O espaço deste andar é reservado para a administração do centro cultural.

6.6 6º Andar

Neste pavimento está localizada a Biblioteca “O continente” que abriga obras de coleções de escritores sul-rio-grandenses e de literatura brasileira e estrangeira. O acervo é formado por doações feitas por instituições e por colaboradores, como também a partir de eventos ou cursos quando o ingresso é trocado por um livro. Além de livros, a biblioteca possui revistas nacionais e estrangeiras, edições de obras em Braille, programações com leituras de libras, audiodescrição, entre outras. O nome da biblioteca homenageia o Livro 1 da trilogia O Tempo e o Vento. O Continente dá início à saga das famílias Terra, Caré, Cambará e Amaral, no início da formação do Rio Grande do Sul.

Figura 94 – Biblioteca O Continente

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

A biblioteca expõe as primeiras edições de algumas das obras do autor como: Saga, O prisioneiro, O Tempo e o Vento, Noite, Incidente em Antares e Senhor Embaixador.

6.7 Página na Internet

O Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo possui página na internet com acesso às informações e as programações. O conteúdo do site é bem organizado, contendo links institucionais: com a programação, informações sobre o Museu da Eletricidade, a Biblioteca O Continente e sobre o Memorial Érico Veríssimo. No link Memorial é possível fazer *download* do Catálogo do acervo. Ainda, é possível consultar os acervos de Mário de Almeida Lima e Flávio Loureiro Chaves, integralmente digitalizados, com exceção dos livros que são protegidos com direitos autorais. Segundo informações fornecidas pela coordenadora Larissa Maciel existe um cuidado especial e contínuo em manter o acervo atualizado.

Figura 95 – Layout da página da CEEE Érico Veríssimo

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Após ter apresentado as atratividades dos três equipamentos em estudo, passa-se, no capítulo a seguir, a tecer considerações sobre os mesmos.

PARTE IV – FUTURO CENTRO CULTURAL CENTRO CULTURAL LA SALLE: PROPOSIÇÃO DE ATRATIVIDADES

7 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS PESQUISADOS

Após o levantamento de atratividades oferecidas pela Casa de Cultura Mário Quintana, Santander Cultural e Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, traz-se considerações que apontam para seu caráter, orientação e relação com os referenciais elencados para centros culturais e casas de cultura. Inicia-se por informações sobre eventos e frequência de público, que podem ser verificados no Quadro 6, a seguir:

Quadro 6 – Informações sobre eventos e frequência de público nos equipamentos culturais estudados

INFORMAÇÕES	CASA DE CULTURA MÁRIO QUINTANA	SANTANDER CULTURAL	CENTRO CULTURAL CEEE ÉRICO VERÍSSIMO
N° de exposições (2014)	310(1)	6(2)	28(3)
Ciclos de cinema	8(4) ciclos	Flexíveis, de acordo com agendamento do espaço por parte de entidades, instituições e ou produtores culturais.	Não apresenta.
Saraus	Não apresenta.	1	48
Peças de teatro	380	2	80
Público estimado de visitante nos últimos 3 anos (2012/2013/2014)	440.000	1.200.000	140.000
Dia com maior afluxo de visitantes	De terça a sexta-feira.	Finais de semana. (5)	Finais de semana. (6)
Outras atividades	Shows musicais, eventos de dança, apresentações circenses, oficinas, encontros, cursos, etc.	Shows (aproximadamente 2 ou 3). Atividades educativas como a de Contação de Histórias, na Biblioteca.	Aproximadamente 2 espetáculos; cursos; oficinas; workshops; eventos de dança.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações dos coordenadores dos equipamentos culturais (2015).
Nota: (1) Contabilizando todos os espaços (MAC, IEAVI, Núcleo de Artes Visuais, Sapato Florido, etc).
Nota: (2) Contabilizando as exposições que acontecem no Grande Hall e nas Galerias do segundo piso.
Nota: (3) Contabilizando em todos os espaços para exposições do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.
Nota: (4) Contabilizando os de curta e os de longa duração.
Nota: (5) Porém, devem-se levar em consideração, exposições e ou programação da agenda cultural, que incidem em maior fluxo de público em outros dias da semana.
Nota: (6) Porém, devem-se levar em consideração, exposições e ou programação da agenda cultural, que incidem em maior fluxo de público em outros dias da semana.

O Quadro 6 evidencia a ocupação dos espaços dos equipamentos culturais em estudo e mostra a preponderância, em termos de público, do Santander Cultural. Isto em função das grandes exposições que apresenta ao longo do ano, atraindo um considerável número de visitantes, principalmente de escolares. Embora o Centro Cultural CEE Érico Veríssimo ofereça um número maior de exposições anualmente, estas não tem a mesma dimensão que as ofertadas pelo Santander. Tanto a Casa de Cultura Mário Quintana quanto o Centro Cultural CEE Érico Veríssimo, oferecem um número expressivo de espetáculos teatrais, assim como cursos, oficinas, eventos de dança, entre outros.

De acordo com Alexandre Veiga do Núcleo de Memória da Casa de Cultura Mário Quintana (2015), o público que a visita vem em busca das inúmeras atratividades que a mesma oferece, o que é um diferencial em relação aos demais equipamentos culturais, cuja visitação pode ser específica a um determinado evento ou exposição. É preciso, também, considerar algumas variáveis importantes em termos de quantidade de visitantes: têm-se os que frequentam as sessões de cinema, peças teatrais (algumas com cobrança de ingressos) e shows (cerca de 6 mil pessoas por mês); o público "itinerante", que visita a Casa por ter sido o local em que morou o poeta Mario Quintana, ou seja, pelo significado da Casa em si; e os visitantes que aproveitam o espaço para fruição do tempo (pessoas que trabalham nas imediações), usando as áreas disponíveis para leitura, lazer, etc., durante seu intervalo de almoço. Os frequentadores são pessoas de diferentes segmentos sociais e com diferentes perfis. A diversidade de alternativas que a Casa oferece acaba atraindo uma grande variedade de público. É interessante notar que alguns visitantes são contumazes, pois como conhecem bastante os recursos oferecidos pela Casa, acabam visitando-a com mais frequência, principalmente aqueles que moram no Centro da cidade e se deslocam a pé até a Casa de Cultura.

Nesse sentido, a Casa de Cultura Mário Quintana seguiu o modelo preconizado pelo projeto do então Conselho Federal de Cultura (1969-1972), já discutido neste trabalho (item *1.1.2*)[51] e pode ser entendida como um espaço que promove a convivência de diferentes públicos, com inserção na comunidade. Dois estudos confirmam essa premissa: Fetter e Goellner (2004) apontam que o consumo cultural remete a uma forte relação de identificação e pertencimento do público visitante com este equipamento; Betti e Valiati (2009), a partir de investigação realizada no ano de 2007, informam que a idade média dos visitantes na época,

51 Composta por biblioteca, filmoteca, discoteca, um pequeno museu, com sala de exposições, sala de projeção cinematográfica, sala para espetáculos teatrais, etc.

era de 39, 05 anos e o total de visitantes, estimado em torno de 350.000, 41% era de homens e 59% de mulheres. Ao aplicar o Método de Valoração Contingente[52], concluíram que

> cada pessoa que frequenta a CCMQ, ou seja, cada uma das pessoas que tem conhecimentos acerca das atividades da instituição, estaria disposta a pagar R$ 69,00 anualmente para manter a instituição em funcionamento em caso desta não ser mais financiada pela Secretaria Estadual de Cultura. Este valor, se multiplicado pela população de frequentadores, supera o custo de manutenção da Casa, o que justifica o investimento por parte do Estado no âmbito de fornecer este bem à sociedade (bem de mérito). (p. 12)

A variedade de atratividades, para além da pluralidade dos que as procuram, permite a construção de novas experiências e convivências, a partir daquilo que é oferecido. A Casa é um suporte de memórias no centro histórico de Porto Alegre que remete, entre outros, à figura de Mário Quintana, como já dito anteriormente, um dos mais expressivos poetas sul-rio-grandenses.

Quanto ao Santander Cultural, segundo os gerentes de operações Gunter Natusch Vieira e Maria Luisa Belan, tem um público em que predominam idosos e escolares. Quanto à sua programação, esta envolve artes visuais, cinema e música. Oferece visitas mediadas, oficinas, seminários, debates e palestras organizados em conjunto por Curadores e pela equipe de Ação Educativa. As escolas podem utilizar, inclusive, um serviço de transporte gratuito, mediante agendamento.

O Santander Cultural é apresentado em materiais institucionais como

> [...] voltado à integração e à difusão da diversidade das linguagens e dos conteúdos artístico-culturais, comprometido com a cultura contemporânea, com o conhecimento e com o desenvolvimento socioeconômico [...] preocupado com a inserção dos diversos segmentos sociais, em parcerias com as áreas de produção cultural brasileira e internacional (SANTANDER, 2008, p. 4).

Seu surgimento, segundo Catálogo da exposição "Sem Fronteiras", de Vera Chaves Barcellos, na abertura do espaço em 2001, teve como objetivo "projetar a arte do Rio Grande do Sul e ampliar o acesso dos mais diversos segmentos de público à produção cultural contemporânea nacional e internacional" (2001, p. 3).

Patrocinado pelo Banco Santander, o equipamento é instituição de caráter privado com a função de ser o braço cultural do Grupo Santander. Tem sido utilizado, segundo Balem (2010), como "estratégia para relacionar-se com a comunidade" (p. 27). Articula-se em rede

[52] Para saber mais ver: Reis (2003); Sanson de Bem e Giacomini (2011).

com outras instituições, o que lhe permite oferecer um calendário de programações bastante variado e articulado com a produção artística nacional e internacional. Balem (2010) apresenta o caráter e orientação da instituição como voltado "à gestão e ao marketing cultural com vistas à inovação, através de um modelo de parcerias" (p. 112); "como instrumento de responsabilidade social" (p. 112), promovendo "produtos culturais para vários públicos, através de atividades variadas, um *mix* cultural" (p. 113), tendo como eixo transversal, as artes visuais. A restauração do prédio do Santander Cultural, de certa forma, colaborou com o processo de revitalização[53] do centro histórico de Porto Alegre que valoriza seu patrimônio edificado e com a transformação destes em atrativos, o que, segundo Betti e Valiati (2009), os inclui nas estratégias de marketing do turismo cultural.

Em relação ao Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, este apresenta uma série de pequenas e grandes exposições ao longo no ano. Desde seu surgimento em 17 de setembro de 2000, vem adquirindo visibilidade, em função de seu potencial no cenário cultural porto-alegrense. Conforme informações da coordenadora Larissa Maciel Verônica, o perfil do público é diversificado, incluindo pessoas que estão em busca de exposições, visitantes interessados em conhecer a história de Érico Veríssimo, a partir de consultas no Memorial e na Biblioteca, escolares que têm interesse em todos os espaços e, em especial, no Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul.

O centro cultural disponibiliza seus espaços para diferentes agentes (instituições, entidades, artistas) e, em contrapartida, esses doam equipamentos e ou realizam alguma benfeitoria, o que auxilia na manutenção do espaço.

A partir dessas reflexões sobre os dois centros culturais em estudo, remete-se às funções básicas deste tipo de equipamento cultural, como traz Milanesi (1997) e Coelho Neto (1994), ou seja, a de oportunizar ao público interessado a participação em atividades culturais variadas e a promoção de conjuntos culturais consagrados, notadamente em termos de criações artísticas no campo das artes visuais, música e leitura pública.

Sincronicamente, conseguem desenvolver e oferecer atividades variadas para os visitantes e são, assim como a Casa de Cultura Mário Quintana, suportes de memória a partir de suas edificações consideradas como patrimônio cultural. Além disso, constituem-se em espaço para encontro de pessoas, conferindo-lhes legitimação identitária. Nesse sentido, é importante lembrar levantamento realizado em 1985 (citado por BETTI e VALIATI, 2009)

---

53 Para saber mais ver Projeto Viva o Centro. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=133>. Acesso em: jun. 2013.

que já apontava o Hotel Majestic (atual Casa de Cultura Mário Quintana) como uma das referências na Rua dos Andradas (mais conhecida como Rua da Praia). Os autores remetem à existência de um imaginário prévio ao prédio, o que se pode inferir para a edificação do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, antiga sede da Companhia Força e Luz. Já o Santander Cultural, segundo pesquisa de Felter e Goellner (2004), apesar do grande número de visitantes, não lhes provoca o mesmo sentimento de pertença que na Casa de Cultura. Os condicionantes do afastamento seriam o número de seguranças, o prédio em si e a marca da instituição bancária que o mantém.

8 PROPOSIÇAO DE ATRATIVIDADES PARA O FUTURO CENTRO CULTURAL LA SALLE

Primeiramente, apresentam-se elementos do projeto de restauração de autoria da Arquiteta Maria Lúcia Duarte Fuentefria, incluindo as motivações para sua elaboração e as indicações dos espaços a serem oferecidos pelo Centro Cultural La Salle, após, traz-se proposição de atratividades.

8.1 Projeto de restauração e de instalação do futuro Centro Cultural La Salle

Segundo Fuentefria (2007/2011), o projeto de reutilização da edificação tem como principal objetivo evitar o desaparecimento de um importante prédio da história educacional cultural e artística da cidade de Porto Alegre. Com projeto de José Lutzenberger, artista plástico e arquiteto, o imóvel foi construído para abrigar o Ginásio das Dores, uma das mais antigas e tradicionais instituições de ensino da cidade.

O projeto de restauro citado pela arquiteta foi desenvolvido por solicitação da Província Lassalista Brasil-Chile, mantenedora do Colégio La Salle Dores, a quem pertence o prédio. A obra de restauro e reutilização objetiva transformar a edificação em um Centro Cultural, no qual a população possa participar e se envolver com atividades culturais, conhecendo também a trajetória dos Irmãos Lassalistas no Brasil.

A proposta se compõe de duas partes segundo o projeto: o restauro do prédio e do pórtico de entrada e a construção de um anexo novo, no pátio dos fundos do pavimento térreo (ver Anexo E), onde será implantada a infraestrutura de apoio para melhor satisfazer as novas atribuições. A construção de um anexo nos fundos, segundo Fuentefria (2007/2011) não modificará o visual da fachada do prédio, uma vez que os limites dos fundos e da lateral direita são apoios e da lateral esquerda é a parede de um edifício.

De acordo com a arquiteta citada, no térreo da edificação será instalada a recepção, espaço para exposições, livraria e o acesso à parte nova. Neste local, estarão o elevador, os sanitários masculino, feminino, de portadores de necessidades especiais, cafeteria, a administração, a área para materiais de limpeza e os depósitos. O primeiro lance da escadaria, que leva ao segundo pavimento, será reconstruído conforme o original, melhorando o visual, proporcionando passagem aos fundos, como na época em que o Ginásio das Dores ainda funcionava. Será construída uma rampa lateral, junto à escada, a fim de permitir a

acessibilidade de pessoas portadoras de necessidades especiais. Conforme o projeto a intenção é preservar o uso do pátio de entrada, situado entre o pórtico e o prédio, para exposições, feiras e eventos ao ar livre.

No segundo pavimento, será recuperado conforme pesquisa realizada em fotos do acervo do Colégio La Salle Dores, a localização de um pequeno auditório com acesso pela escada, elevador e saída direta para o terraço. No terceiro e quarto pavimentos, com acesso pela escada e pelo elevador, estarão localizadas: salas de reuniões, cursos, palestras, eventos, entre outros, além de espaços para museu. É importante salientar que o terreno vizinho é um estacionamento de propriedade da Rede La Salle o que facilitará o bom desempenho do Centro Cultural. De acordo com o projeto, é relevante para a história da cidade, que a recuperação do calçamento da rua na frente ao prédio volte a ser como antigamente, de ladrilhos com o desenho original (ver Figura 2, p. 18).

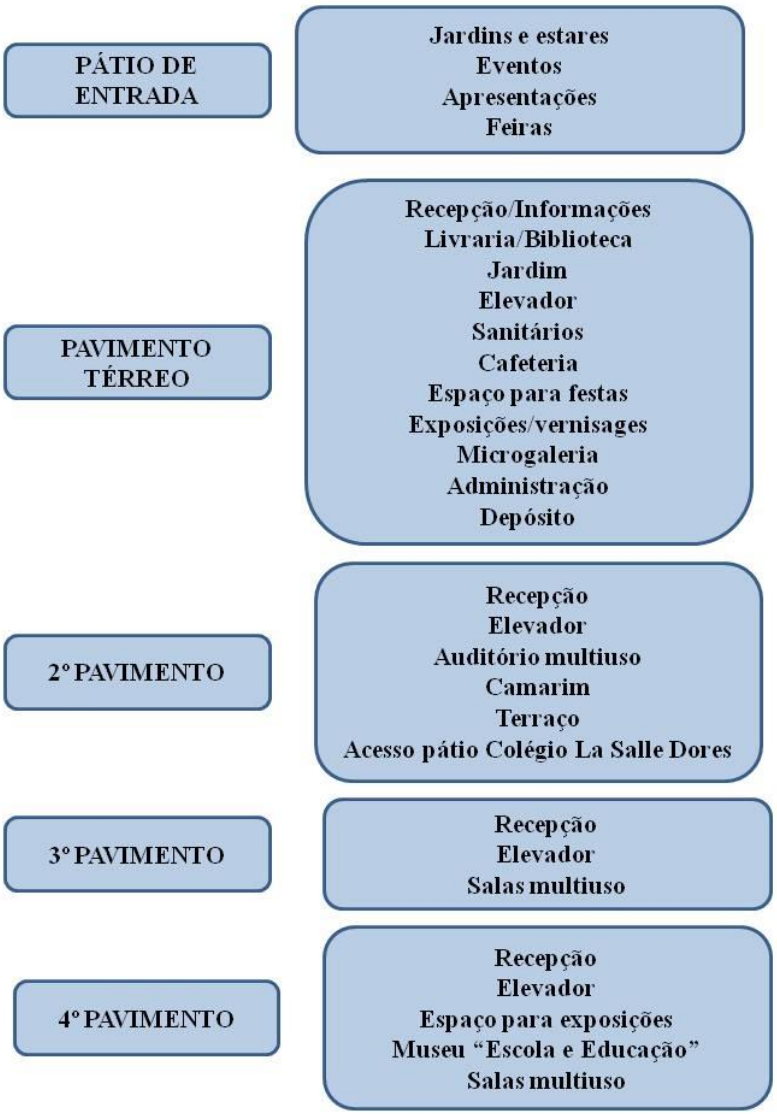
A seguir, as figuras 96, 97, 98, e 99, com imagens do processo de restauração do prédio:

Figuras 96, 97, 98 e 99 – Imagens do processo de restauração do Ginásio das Dores.

Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora, 2015.

Para melhor visualizar a proposta de organização dos espaços, a seguir, apresenta-se a Figura 100.

Figura 100 – Proposta de organização dos espaços (Projeto de Restauro e Reutilização)



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015, a partir de Fuentefria (2007-2011).

Como já foi citado anteriormente, foi constituída uma Comissão para, a partir de reuniões, estabelecer metas e ações a fim de dar continuidade ao processo de restauração e revitalização. Ideias sobre como preencher os espaços surgiram nos encontros e foram encaminhadas aos gestores da Província Lassalista Brasil-Chile. Segundo PROJETO (2014) apontou-se possibilidade para o posicionamento do futuro Centro Cultural La Salle, ou seja,

ser referência na discussão, construção e socialização de estudos sobre a memória e educação lassalistas.

De acordo com a Comissão, os espaços serão apresentados de forma inovadora, evidenciando a transformação da educação, sendo organizados da seguinte forma: Pensar, Descobrir, Criar, Trocar e Transmitir. Cada andar conterá elementos da memória lassalista e será ao mesmo tempo, um ambiente imersivo de aprendizagem. No térreo será o *Espaço Pensar*, com Café e Recepção, destinado para o aprendizado individual e reflexão. O espaço reservado à memória exibirá o processo de revitalização do Ginásio das Dores.

No segundo andar, conforme projeto de constituição (PROJETO, 2014), estará o *Espaço Descobrir* designado para o aprendizado sobre produção e aplicação de ideias. Este será um local que irá se adaptar a diversas propostas com o intuito de realizar experiências, aplicar conceitos a situações reais, produzir, errar e imaginar. No espaço de memórias serão expostos recursos materiais didáticos, evidenciando a evolução da tecnologia na educação, os uniformes, mobiliário escolar, entre outros.

No terceiro andar, estará o *Espaço Criar/Trocar* voltado para a cocriação, comunicação, colaboração, palestras informais e apresentações com tecnologia disponível para trabalho em equipe e para compartilhar conhecimento. No espaço das memórias será organizada mostra sobre a trajetória da formação de professores. No último andar, será o *Espaço Transmitir* destinado para palestras, eventos e encontros, equipado com equipamentos para vídeo conferência. Em termos de memórias será apresentada a herança pedagógica lassalista. O projeto de constituição do Centro Cultural (PROJETO, 2014) também pretende mostrar o cenário do professor hoje, oferecendo este como espaço para repensar as práticas em sala de aula.

Também, apresentaram-se os valores dos (investimentos já realizados com financiamento pelo Projeto Monumenta e valores para a continuação das obras, que serão captados via Lei de Incentivo à Cultura (LIC) e Lei Rouanet[54]).

[54] A comissão contratou o serviço “Valkíria” para desenvolver um documento com o projeto de constituição do Centro Cultural La Salle apresentando as propostas citadas.

8.2 Proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle

Partindo da pesquisa realizada nos equipamentos culturais e tomando como base o Projeto (2014) de instalação, apontam-se a seguir algumas possibilidades de atrativos para tornar o Centro Cultural La Salle um lugar hospitaleiro e despertar a curiosidade e fidelização dos visitantes.

Quadro 7 – Algumas possibilidades de atrativos para o futuro Centro Cultural La Salle

ESPAÇO	ATRATIVIDADE
PENSAR	Exposições de média duração que evidenciem: o potencial arquitetônico da edificação e sua construção a partir de projeto de José Lutzenberger; o processo de restauração e revitalização; a edificação em meio ao centro histórico de Porto Alegre. Café cultural com disponibilização de jornais, revistas, computadores com acesso à Internet; exposição com histórias e memórias de professores; pequenos eventos como, rodas de conversas, bate-papo com especialistas em educação, entre outros.
DESCOBRIR	Laboratório de pesquisa sobre práticas educativas, metodologias ativas, materiais didáticos, ateliês e cursos variados em torno do aprender a aprender e de como ensinar. Exposições de curta duração sobre arquitetura escolar, recursos materiais didáticos, uniformes escolares, mobiliário escolar, arte-educação, entre outros.
CRIAR/TROCAR	Laboratório de design de móveis escolares, uniformes escolares, recursos materiais didáticos, interiores de escolas, espaços de convivência. Espaço para criação de peças teatrais, documentários e outros que tenham como foco a formação de professores. Espaço para experimentação, a partir de saberes e práticas interdisciplinares, de diferentes formas de ensinar e aprender. Espaço para experimentação em arte-educação.
TRANSMITIR	Ciclos de cinema com foco em escolas, professores, educação e ensino. Espaços para cursos, seminários e outros eventos. Espaço para diálogos com educadores renomados e para registro de memórias de professores. Espaço para educação patrimonial e ambiental destinadas a professores e público escolar.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

Ao exemplo da Casa de Cultura Mário Quintana e Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo que denominaram espaços em homenagem a personagens destacados na área artística, poder-se-á identificar salas, auditórios e outros com nomes de Irmãos que marcaram a trajetória da educação lassalista no Brasil e, especificamente, no Colégio La Salle Dores. Como exemplos citam-se:

a) Irmão Bernardo: um dos Irmãos pioneiros no Brasil, foi Diretor do Colégio Na. Sra. das Dores e fundou a Associação La Salle dos ex-alunos.

b) Gabriel Justino (Oscar Valentim Schneider). Homenageá-lo com placas nos jardins pela sua dedicação ao estudo da botânica e da zoologia.
c) Ir. Júlio (Xantin-Nicolás, Diretor do Colégio Na. Sra. Das Dores e do Pão dos Pobres de Santo Antônio (Porto Alegre).
d) Irmão Lauro Bohnenberger com duas iniciativas importantes a marcar sua gestão na Escola: a construção do Ginásio de Esportes (centro esportivo dorense) e a criação do jornal DORES INFORMA que tinha a colaboração de toda a comunidade educativa com tiragem bimestral. Ainda merece menção a construção do novo edifício fronteiro, na Rua Riachuelo, n°820 ao lado da ala principal do Colégio, concluído em 1981.
e) Irmão Dionísio (Florense Thoma), diretor da escola no ano de 1937, quando aconteceu a inauguração do Ginásio das Dores que, a partir de então, passou a abrigar salas de aula e diversos serviços administrativos da escola.

Estas homenagens poderão ser materializadas, também, por meio de painéis ilustrativos com fotos e informações sobre os personagens escolhidos. Fatos históricos marcantes da trajetória institucional poderão ser apresentados ao longo de escadarias e em outros espaços.

O ambiente do Centro Cultural La Salle estará voltado para temas educacionais e pedagógicos (programas e ações), arte-educação, leitura e literatura, educação e novas tecnologias, desenvolvimento e aprendizagem, comunicação e educação (novas linguagens, redes sociais), entre outros. Também, divulgará a trajetória dos Irmãos, da educação, das escolas e instituições de ensino superior lassalistas.

Como o futuro Centro Cultural La Salle se encontra em espaço privilegiado — o "Corredor Cultural Rua da Praia" — entende-se que estará apto a se constituir como atrativo do Turismo Cultural, já que se enquadra no item "espaços e instituições culturais[55]". Nesse sentido, propõe-se, também, que após a sua instalação, promova-se a sua inclusão em um dos roteiros turísticos de Porto alegre, o "Viva o Centro a Pé", o qual se passa a descrever[56].

Este roteiro tem o objetivo de apresentar os lugares mais significativos aos turistas, proporcionando uma experiência em um contexto sociocultural permeado por suportes de

[55] Ver TURISMO CULTURAL, Ministério do Turismo. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/turismo_cultural.html>. Acesso em: mar. 2015.
[56] Com a identificação do potencial dos atrativos turísticos de uma região, surge a importância da criação e do planejamento dos roteiros para atrair turistas. Se for bem planejado proporciona o desenvolvimento do turismo explorando o potencial dos atrativos, gerando desenvolvimento econômico. A pesquisadora participou de duas programações do roteiro "Viva o Centro a Pé", no ano de 2014, a fim de realizar diagnóstico com vistas à uma futura proposta de inserção do Centro Cultural La Salle nos seus atrativos turísticos.

memórias, materializados em edificações, praças, estatuária, entre outros, que vêm se tornando pontos turísticos ao longo do tempo.

A gestão do roteiro turístico é tarefa do município de Porto Alegre, evidenciando que compreende ser seu patrimônio cultural cada vez mais valorizado no mercado do turismo. A participação do público nas programações se dá mediante agendamento pelo e-mail vivaocentroape@gmail.com. Os interessados recebem confirmação da inscrição com informações.

Quadro 8 - Roteiro Viva o Centro a Pé (Porto Alegre)

LOCAL DE CONCENTRAÇÃO	ATRATIVOS/PROGRAMAÇÃO	INFRAESTRUTURA	OBSERVAÇÕES
Centro Histórico de Porto Alegre "Corredor Cultural" Rua da Praia	Pinacoteca Ruben Berta; Praça da Matriz; Catedral Metropolitana; Palácio Piratini; Teatro São Pedro; Arquivo Público do RS; Marco Zero (Pça Montevidéu) em frente ao Paço Municipal. Museu Júlio de Castilhos; Caminho dos antiquários em frente ao Paço Municipal; Mercado Público; Pça da Alfândega; Santander Cultural; Memorial do RS; Museu de Arte do Rio; Grande do Sul Aldo Malagoli (Margs); Cais Mauá.	Expressivo número de linhas de transportes. Serviços de guias. Boa rede gastronômica.	Patrimônio histórico e cultural.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2014.

O roteiro "Viva o Centro a Pé" é uma realização da Secretaria de Cultura de Porto Alegre, Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo e Programa Viva o Centro com apoio da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC). O roteiro (PLANO..., 2014), é orientado por um plano de diretrizes que possui ações para valorizar o centro histórico, pretendendo que a população da cidade de Porto Alegre, Região Metropolitana de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul realizem as caminhadas a fim de conhecer os atrativos do centro histórico. É conduzido por profissionais que dominam a história de cada ponto turístico e expressam seus conhecimentos de forma acessível e interessante com temáticas diferentes em cada encontro,

reunindo um número significativo de pessoas.

De acordo com Liane Klein, coordenadora do roteiro, o público mais interessado no "Viva o Centro a Pé" é constituído por professores, alunos de curso superior de diversas áreas, de pós-graduação (mestrado e doutorado) e turistas que buscam conhecer locais com valor histórico-cultural.

A inclusão do futuro Centro Cultural La Salle no roteiro poderá valorizá-lo como recurso histórico e, nessa condição, estará à disposição da sociedade. Ainda, esse tipo de divulgação auxiliará a torná-lo peça-chave no processo de construção da identidade cultural tanto dos moradores do centro, de seus frequentadores, da comunidade lassalista e também um dos elementos do conjunto de instrumentos relacionados com o patrimônio cultural que auxiliam o desenvolvimento do turismo cultural de Porto Alegre.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tratou de equipamentos culturais e proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle, a partir do que é ofertado pelo Santander Cultural, Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo e a Casa de Cultura Mário Quintana, todos localizados no centro histórico de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Para tanto, apoiou-se em estudos realizados em relação a casas de cultura e centros culturais e nos campos do turismo e do patrimônio cultural.

Percorreu-se cada um dos equipamentos culturais, mapeando os seus espaços, explicando e ilustrando as descobertas a partir de imagens fotográficas. Iniciou-se o trabalho investigando a Casa de Cultura Mário Quintana, constatando a carga simbólica da edificação, que iniciou suas funções como hotel consagrado nos anos 1930 e 1940 e que abrigou um dos grandes poetas sul-rio-grandenses, Mário Quintana. Transformado em Casa de Cultura em 1982, foi tombado pelo IPHAE como patrimônio histórico em 1985. Seus sete andares na Ala Leste e cinco na Ala Oeste estão voltados para atividades culturais como: artes visuais, literatura, cinema, música, teatro, dança, oficinas, cursos, seminários, atividades infantis, saraus e outros eventos ligados à cultura. A Casa de Cultura apresenta grande potencial de atratividades, são muitas as opções para visitação, desde oficinas de arte a espaços para exposições, auditórios, cinemas etc. com considerável fluxo de público diversificado.

O Santander Cultural ocupa parte de prédio onde funcionaram, de forma consecutiva, o Banco Nacional do Comércio, o Banco Sulbrasileiro e o Banco Meridional, portando assim, um valor que se expressa em sentidos e significados para a sociedade sul-rio-grandense, uma vez que guarda em sua edificação, parte significativa da memória social da vida financeira do Rio Grande do Sul. Tendo em vista os aspectos arquitetônicos e históricos que envolvem o prédio, este foi tombado em 1992 pelo IPHAE e em 2001 passou a abrigar o centro cultural, constituindo-se como ferramenta de inserção do Banco Santander na sociedade sul-rio-grandense. Seus espaços abrigam sala de cinema, galerias para exposições, museu, biblioteca, salas multiuso, salas para atividades educativas, bar, restaurante, café e salas para a administração. Sua programação é intensa, oferecendo diferentes atratividades em termos de artes visuais aos seus visitantes.

O Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, da mesma forma que a CCMQ e o Santander Cultural está abrigado em prédio tombado pelo IPHAE. Abrigou um clube noturno e casa de jogos, uma empresa ligada à produção e distribuição de energia elétrica, o Museu da

Eletricidade do Rio Grande do sul e lojas comerciais e, em 2002, foi adaptado para sua nova função, ou seja, a de centro cultural. O Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo é suporte da memória da eletricidade no Rio Grande do Sul, como também de Érico Veríssimo um dos mais destacados escritores sul-rio-grandenses. O equipamento cultural é eclético, com atividades voltadas para a literatura, artes visuais, exposições, eventos musicais e a comunicação sobre a obra do escritor Érico Veríssimo.

Na medida em que a pesquisa se desenvolvia, experimentava-se uma melhor compreensão sobre seu objeto, a partir da imersão nos equipamentos culturais estudados e o aprimoramento da reflexão sobre as relações entre patrimônio e turismo cultural. Nesse sentido, a restauração do prédio do Ginásio das Dores, o qual abrigará o futuro Centro Cultural La Salle é um exemplo de como, a partir de estudo e análise de condições e possibilidades, uma edificação, antes em estado precário e deteriorado, pode vir a tornar-se atrativo para o turismo cultural, suporte de memória para a trajetória lasassalista, para a arquitetura no Rio Grande do Sul e patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre.

Verificou-se que já existe um campo de estudos sobre centros culturais, porém, há uma lacuna em termos de pesquisas sobre casas de cultura. Ao se buscar elementos para traçar o caráter e orientação da Casa de Cultura Mário Quintana, encontraram-se pesquisas sobre a instituição desses equipamentos culturais na Europa, notadamente na França, que, de certa forma, inspirou projeto governamental elaborado no período de 1969 a 1972 para a disseminação de casas de cultura pelo Brasil. Na Casa de Cultura Mário Quintana, pode-se verificar a presença do modelo indicado pelo então Conselho Federal de Cultura.

Sobre os centros culturais, aponta-se que a grande proposta é a de que sejam agentes na preservação do patrimônio cultural, espaços educativos nos quais a comunidade se reconheça e participe de atividades culturais, bem como produza bens culturais, e atrativos turísticos.

Percebeu-se que há um esforço por parte da Província Lassalista Brasil-Chile em criar um Centro Cultural no prédio do antigo Ginásio das Dores, situado no centro histórico de Porto Alegre, no chamado “Corredor Cultural Rua da Praia”. Isto se materializa tanto no projeto de restauração da edificação, submetido ao Projeto Monumenta em 2012, como na constituição de Comissão para tratar de proposta para o seu caráter, orientação e sustentabilidade. Essa constatação foi vital para o desenvolvimento da pesquisa. Sabe-se das dificuldades que a instituição enfrentará, em termos financeiros, para a finalização das obras, como também, em relação a decisões sobre a instalação do equipamento. Não se tem a certeza

de que o Projeto (2014) da Comissão, bem como as proposições de atratividades ora ofertadas neste trabalho serão plenamente executadas. Porém, a pesquisa realizada foi relevante tanto em termos profissionais (docência em curso tecnólogo na área de Turismo e agência de viagens e turismo), bem como na vida acadêmica, pois se fez contato com estudos nas mais diferentes áreas e, principalmente, proporcionou um tempo para refletir sobre a própria prática.

A metodologia foi suficiente para realizar os procedimentos, pois foi possível, ao longo de duas semanas de visitas intensivas, conversar com os coordenadores de cada equipamento cultural para obter as informações sobre os espaços, dados das atividades realizadas e número de visitantes nos últimos três anos. Também foi realizada a produção de imagens fotográficas que cobriram todos os setores. Da mesma forma, a pesquisa nos sites pode ser concluída a contento.

Realizou-se um estudo sobre os atrativos da Casa de Cultura Mário Quinta, do Santander Cultural e do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo e sobre as propostas de Comissão formada pela Província Brasil-Chile as quais indicam como dar continuidade às obras de restauração e possibilidades em relação ao caráter e orientação do futuro Centro Cultural La Salle. A partir desses dados, pensou-se em conjunto de atratividades para este equipamento cultural.

Pensou-se, inclusive, em averiguação de demanda dos públicos visitantes daqueles espaços para trazer, talvez, maior fundamentação para a proposição de atratividades para o futuro Centro Cultural La Salle. No entanto, chegou-se à conclusão de que dadas as peculiaridades que este terá em relação aos demais equipamentos culturais do chamado “Corredor Cultural Rua da Praia”, a pesquisa de público deverá ser realizada entre os próprios visitantes do espaço, quando estiver funcionando, entre grupos que compõem os roteiros turísticos e com a comunidade lassalista, primeira interessada na sua instalação. Será então possível identificar as necessidades dos visitantes, diversificando-se e aprimorando-se as atratividades.

Também, entende-se que trabalhos como o de Fetter e Goellner (2004), o de Betti e Valiati (2009), o de Closs (2013) e a presente pesquisa colaboram para dialogar em torno dos conhecimentos relativos às ofertas de atrativos em equipamentos culturais, caráter e orientação, o que significam em termos de processos identitários, valoração cultural, acessibilidade e políticas de fomento, o que pode ser relevante para redesenhar políticas públicas para a cultura em municípios e regiões metropolitanas.

Para concluir, acredita-se que o futuro Centro Cultural La Salle tem potencial não apenas histórico e arquitetônico, mas também localização privilegiada. De acordo com Choay (2001), um patrimônio cultural edificado é um bem relevante para uma comunidade e o Ginásio das Dores é um exemplo do que pode ser inserido no conjunto de atrativos do centro histórico de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

A CASA. **Casa de Cultura Mário Quintana**. 2013. Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/a-casa-2/>. Acesso em: jan. 2015.

ABREU, Roberto da Silva. **"Eu não sabia que podia entrar":** com a palavra, o visitante do Museu Casa de Rui Barbosa. Dissertação de Mestrado. PPG em Bens Culturais e Projetos Sociais. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Rio de janeiro, 2009.

ALVAREZ, Maria Esmeralda Ballestero. **Organização, Sistemas e Métodos**. São Paulo: McGraw Hill, 1991, v. 1 e 2.

ÁTRIO DO SANTANDER CULTURAL. **Fotografia**. Disponível em: <http://www.copa2014.rs.gov.br/upload/modal_20111017175209santander8515cd300911.jpg>. Acesso em: abr. 2015.

AZIRPE, Lourdes e NALDA, Enrique. Cultura, patrimônio e turismo. In: CANCLINI, Néstor García. **Culturas da Íbero-América**: Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento. São Paulo: Moderna, 2003.

BALEM, Tiago. **Rede de Museus em Porto alegre**: um estudo de caso em design territorial. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Design, UNISINOS, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/TiagoBalemDesign.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

BARRETO, Margarita. Turismo. **Cultura e sociedade**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história:** da escolha do tema ao quadro teórico. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BETTI, Luana Priscila; VALIATI, Leandro. Economia da Cultura e os equipamentos culturais: a valoração simbólica como determinante de políticas públicas para os centros urbanos. **Anais do VI ENECULT**-Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 27 e 29 de maio de 2009, Salvador, Bahia. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24817.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

BOM, Gabriela. Mediação profissional em instituições museais de Porto Alegre: apontamentos preliminares. 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP, 2011, Rio de Janeiro. **Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Disponível em: <du/1790433/Mediação_profissional_em_instituições_museais_de_Porto_Alegre_apontamentos_preliminares>. Acesso em: fev. 2015.

BURACO DO CABARÁ. **Fotografia.** Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-3Y_lvkMjH-0/UulBeXD9KmI/AAAAAAAAANo/MjvylEUwut4/s1600/PA224633.JPG>. Acesso em: abr. 2015.

CCCEV - Centro Cultural CEEE Erico Verissimo. **Imagem das plantas do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.** Disponível em: <http://www.ceee.com.br/pportal/ceee/Component/Controller.aspx?CC=1758>. Acesso em: fev. 2015.

CAFÉ Santo de Casa. Disponível em: <http://www.cafesantodecasa.com.br/>. Acesso em: fev. 2015.

CALABRE, Lia. A cultura e o Estado: as ações do Conselho Federal de Cultura. In: GOMES, Ângela de Castro (coord.). **Direitos e cidadania**: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007, p. 155-173.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Editora Aleph, 2002.

CANONGIA, Ligia (curadoria). **Vick Muniz:** O tamanho do mundo. Santander/Ministério da Cultura/Santander Cultural. Rio de Janeiro: Imago Escritório de Arte, 2014.

CARNEIRO, Raquel Gomes; ROCHA, Cristianne Famer. **Marketing Cultural:** As estratégias de comunicação do Santander Cultural de Porto Alegre, RS. Canoas, 2010.

CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA, Rejane. **Porto Alegre**: de aldeia à metrópole. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira/oficina da História, 1992.

CARVALHO, Haroldo Loguercio. A modernização em Porto Alegre e o Majestic Hotel. In: ÁVILA, Maria de Fátima. **Porto Alegre**: 1996. Dissertações e teses. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

CATÁLOGO da Exposição "Sem Fronteiras". Porto Alegre: Santander Cultural/Articultura Comunicação, 2001.

CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é cidadania**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. Urbanização turística: esboço para a definição de uma categoria do espaço social. Turismo em análise, São Paulo, v. 21, n. 2 (2010). Disponível em: <http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/107/91> Acesso em: dez. 2015.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: editora Unesp, 2001.

CLOSS, Anajara Carbonell. **Percursos de acessibilidade Cultural Casa de Cultura Mário Quintana:** uma pesquisa-ação inclusiva. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Unilasalle. Canoas, 2013. Disponível em http://unilasalle.edu.br/public/media/4/files/ANAJARA%20Carbonell%281%29.pdf. Acesso em: fev. 2015.

COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da cultura:** políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COMPAGNONI, Ivo Carlos, **História dos Irmãos Lassalistas no Brasil**. Editora La Salle: 1980.

CORAZZA. Gentil. Sistema Financeiro (e desenvolvimento) do Rio Grande do Sul. **FEE, Porto Alegre**, n. especial, p. 491-516, 2002. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/eeg/1/mesa_1_corazza.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

COSTA, Lílian Araripe Lustosa da. **A política cultural do Conselho Federal de Cultura, 1966-1976.** Dissertação de mestrado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretação e qualificação. São Paulo: Editora Senac São Paulo / Edições SESC SP, 2009.

CRUZ, R. C. **Política de Turismo e Território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio B. Leituras da cidade: a interpretação. In: POSSAMAI, Zita (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

DA ROLT, Clóvis. **Um rio de muitas margens**: sociabilidade, interações simbólicas e práticas de apropriação da arte. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Unisinos. São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/RoltClovisdaCienciasSociais.pdf Acesso mar. 2015-05-03>. Acesso em: mar. de 2015.

DE BEM, Judite Santos; GIACOMINI, Nelci Maria Richter. O uso do método da valoração contingente para uma cesta de bens culturais no município de Canoas, Rio Grande do Sul. **Mouseion**, Canoas, n. 10, jul-dez, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/238/247>.Acesso em: dez. 2014.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**.4.ed. São Paulo: Saraiva. 2008.

FALK, John; DIERKING, Lynn. **Learning from museums:** visitor experiences and the making of meaning. Boston, Maryland: Altamira Press. 2000. Disponível em: <http://pt.scribd.com/book/133345762/Learning-from-Museums-Visitor-Experiences-and-the-Making-of-Meaning Acesso em maio/2014>. Acesso em: mar. 2015.

FERNÁNDEZ, Xan Bouzada. Acerca de algunos câmbios recientes en los escenarios de la cultura: secularización y globalización. In: MORATÓ, Arturo Rodríguez (org.) **La sociedad de la cultura.** Barcelona, Ariel, 2007.

FETTER, Bruna Wulff; GOELLNER, Rene. Hábitos de consumo cultural e formas de

utilização do espaço em Porto Alegre: a Casa de Cultura Mário Quintana e o Santander Cultural. **V Salão de Iniciação Científica**. PUCRS, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.pucrs.br/research/salao/2004-VSalaoIC/4/2/00000007.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

FLORÊNCIO, Sônia R.; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial:** histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan, 2014.

FONSECA, Joaquim da. O diretor artístico. In: RAMOS, Paula V. (org.) **A madrugada da modernidade.** Porto Alegre: UniRitter Ed. 2006, p. 44-53.

FRANCO, Sergio da Costa. **Guia histórico de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS)/Prefeitura Municipal, 1988.

FRANCO, Sérgio da Costa. Energia Elétrica. In: **Guia Histórico de Porto Alegre**. Porto Alegre: EdiUFRGS, 2006, 4. ed. p. 146-149.

FUENTEFRIA, Duarte Maria Lucia. **Projeto arquitetônico de restauro e utilização do Antigo "Ginásio das Dores"**. Memorial Descritivo. Porto Alegre, executado em 2007, atualizado em 2011. Acervo da província Lassalista Brasil-Chile.

FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio Cultural**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GANZER, Adriana Aparecida. **"Eu começava a olhar uma coisa que me interessava e já tinha que olhar outra":** refletindo sobre a relação dialógica entre o museu de arte e a criança. Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarinense, programa de Pós-graduação em Educação. Criscíuma/Santa Catarina, 2007.

GASTAL, Susana. Projeto Monumenta: filosofia e práticas em interface com o turismo. **Turismo em análise**, São Paulo, v. 14, nº 2, p. 77-89, nov. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63646>. Acesso em: mar. de 2014.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas:** O passado como subterfúgio. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GASTAL, Susana. MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GERBASE, Carlos (curadoria). **Moacyr Scliar:** O Centauro do Bom Fim. Santander/Secretaria do Estado da Cultura/Santander Cultural. São Paulo: Santander Cultural, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIFFIN, Janette. Finding evidence of learning in museum settings. In E. Scanlon, E. Whitelegg, e S.Yates (Eds.), **Communicating science:** Contexts and channels. p. 110–119. London: Routledge, 1999. Disponível em:

<http://www.researchgate.net/publication/254708402findingevidenceoflearninginmuseumsettings> Acesso em: mai. 2014.

GOMES, Mariana Elias. Patrimônio cultural e turismo: estudo de caso sobre a relação entre o órgão ARP SCHINITGER e a população local de Mariana, MG. **Anais do III ENECULT** – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 23 a 25 de maio de 2007, Salvador, Bahia, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MarianaEliasGomes.pdf> Acesso em: nov. 2014.

GOOGLE MAPAS. **Vista aérea de parte do Centro Histórico de Porto Alegre.** Imagem disponível em:< http://img822.imageshack.us/img822/981/75298901.jpg>. Acesso em: dez. 2014.

GOOGLE MAPAS. **Vista aérea de parte do centro histórico de Porto Alegre onde se encontram os equipamentos culturais pesquisados.** Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-30.0312868,-51.2309717,2640m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. Acesso em: abr. de 2015.

GUSMÃO, Denise Sampaio. **Narrativa, testemunho e Delicadeza**: A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. Rio de Janeiro: Editora da faculdade Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Tese de doutorado, 2009.

HAMMERSCHMITT, Alini. **Guerreiros, cactos e gabirus**: entrecruzamento de memórias nos documentários sobre Xico Stockinger (1977, 2012). Trabalho Final apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle. 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. **Guia dos Museus Brasileiros/Instituto Brasileiro de Museus**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. **Bem Tombado**. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=16114>. Acesso em: fev. de 2015.

IPHAN. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218. Acesso em: out. 2014.

IPHAN. **Iphan - Rio Grande do Sul**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/340. Acesso em: out. 2014.

IPHAN. **Patrimônio Mundial Cultural e Natural**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29. Acesso em: out. 2014.

IPHAN. **Missões Jesuítas Guaranis - no Brasil, ruínas de São Miguel das Missões (RS).** Disponível em: h http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/39**.** Acesso em: out. 2014.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/71. Acesso em: out. 2014.

KIEFER, Flávio. **De Edifício Força e Luz a Centro Cultural CEEE Erico Verissimo**. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_02_180908.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

KIFER, Flávio; GOSKI, Joel. Pesquisa crítica na arquitetura - ARQ 0335. 2014. Disponível em: <http://pesquisaecriticanaarquitetura.blogspot.com.br/2014/10/objetos-de-estudo-e-critica-casa-de.html>. Acesso em: dez. 2014.

LEITE, Nathália Körössy. **Turismo e território**: um estudo sobre a turistificação de Portimão (Algarve/Portugal) a partir da Geografia do Turismo. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1727>. Acesso em: dez. 2014.

LIMA, Elaine Ferreira. Etnografias do Cotidiano: "Revitalização e (re)invenção do Centro Histórico de Aracaju. In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009.

LIMA, L. C. (Org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998.

LUCHIARI, M. T. D. P. Urbanização turística: um novo nexo entre o lugar e o mundo. In: LIMA, L. C. (Org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998. p. 15-29.

LUCKOWW, Fabiane Behling. Chanteuses e Cabarés. **A performance musical como mediadora dos discursos de gênero na Porto Alegre do início do século XX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música. UFRGS, 2011.

MARTINI, Maria Luiza. **Corredor Cultural:** Rua da Praia. Porto Alegre, RS: Unidade Editorial Porto Alegre, 1997.

MILANESI, Luís. **A Casa da Invenção:** Biblioteca e Centro Cultural. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: editora: Vozes, 2012.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOREL, J. B. Conferencia: O patrimônio da humanidade. In.: UAGIZI, et al. (org.). **Turismo:** espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MORETTIN, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton de Oliveira. **Estatística básica.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MUNIZ, Vick. O Tamanho do mundo. Curadoria e organização editorial Ligia Canongia. **Santander Cultural**. Porto Alegre, 2014.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. Interpretação do Patrimônio para Visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). **Interpretar o Patrimônio:** um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2002.

NUNES, Joana. **Revitalização do Antigo casarão do Ginásio das Dores Coworking + Hotel Boutique**. Porto Alegre. Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo. Editora da Universidade (UFRGS), 2012.

OBSERVATÓRIO de Museus e Centros Culturais. "Pesquisa Piloto Perfil-Opinião 2005. Onze Museus e Seus Visitantes". **BOLETIM I**, Ano 01, Agosto 2006.

OLIVEIRA, Josildete Pereira de; LEITE, Fabiana Calçada de Lamare. O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília-DF. 2008. **V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL** (SeminTUR). Disponível em <http://www.ucs.br/ucs/tplVSeminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt09-08.pdf>. Acesso em: jul. 2015.

PINTO, Gabriel Baranowski; PAULO, Elizabeth de; SILVA, Thaisa Cristina da. Os Centros Culturais como espaço de lazer comunitário: o caso de Belo Horizonte. **Revista de Cultura e Turismo.** Belo Horizonte, 2012.

PAES, M. T. D. Introdução e Apresentação. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (Orgs.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 13-32.

PLANO de Diretrizes. Projeto Viva o Centro. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?reg=1&p_secao=20#>. Acesso em: jun. 2013.

POLANCO, Victor Manuel Delgadillo. Patrimonio urbano y turismo cultural em La ciudad de México: lãs Chinampas de Xochimilco y El Centro Histórico. **Andamios**, México, v. 6, n. 12, diciembre, 2009, p. 69-94. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-00632009000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: mar. de 2014.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Turismo, Memória e Patrimônio Cultural**: editora ROCA, 2004.

PORTO ALEGRE – **Uma História Fotografia do Santander**. Disponível em: <http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/03/o-banco-nacional-do-comercio-atual.html>. Acesso em: abr. 2015.

POSSAMAI, Zita. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: POSSAMAI, Zita (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

PROJETO **Viva Centro**. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=133>. Acesso em: jun. 2013.

42º FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO. 2014. Disponível em: <http://www.festivaldegramado.net/inscricao/index.php>. Acesso em fev. 2015.

REIS, Ana Clara Fonseca. **Marketing cultural e financiamento da cultura**: teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003, p. 1-65.

ROESCH, Silvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em Administração**: Guia para Estágios, Trabalhos de Conclusão, Dissertações e Estudos de Caso. 3. ed., São Paulo: Atlas, 2005.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Panorama das políticas culturais no mundo. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Orgs.). **Políticas Culturais.** Salvador: EDUFBA, 2012, p. 13-27.

SALA PAULO AMORIM. **Fotografia**. Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Sala-Paulo-Amorim-2.jpg>. Acesso em: abr. 2015.

SALA NORBERTO LUBISCO. **Fotografia**. Disponível em: <https://cinematecapauloamorim.files.wordpress.com/2011/10/img_5839.jpg?w=468>. Acesso em: abr. 2015.

SÁ JÚNIOR, Renato Maciel de. **Anedotário da Rua da Praia 1**. Porto alegre: Ed. Da Cidade/iEL, 2007.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2. ed. Chapecó, SC.: Argos, 2010.

SANTANDER CULTURAL. **Nota de imprensa**. 2008, p. 4. Disponível em: <http://www.santander.com.br/document/gsb/institucional_sala_press_outubro08_012.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

SANTANDER CULTURAL - é aberto em Porto Alegre. **Gazeta Mercantil**/Redação Terra. Disponível em: <http://www.terra.com.br/diversao/2001/08/21/008.htm>. Acesso em: fev.2015.

SANTANDER CULTURAL é eleito patrimônio arquitetônico significativo. **DCI-Diário Comércio, Indústria & Serviços.** Dão Paulo, 01/04/2008. Disponível em: <http://www.dci.com.br/servicos/santander-cultural-e-eleito-patrimonio-arquitetonico-significativo-id140479.html> Acesso em: mar. de 2015.

SCHMULLER, Joseph. **Análise estatística com excel para leigos.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.

SILVA, Mário Fernandes da. **Centros Culturais**: Análise da produção Bibliográfica. São Paulo. Editora da Universidade Anhembi Morumbi, 2013.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2001. 102p.

SOUZA FILHO, Francisco Flavio Emery de. **Espaço Cultural como atrativo turístico.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília Centro de Excelência em Turismo Pós-Graduação Lato Sensu/Curso de Especialização em Turismo e Desenvolvimento em Turismo sustentável, 2007.

TABOSA, Hamilton Rodrigues. **Uma contribuição ao estudo sobre Políticas Públicas Culturais:** Avaliação do Centro Cultural Banco Nordeste em Fortaleza. Fortaleza. Editora da Universidade Dederal do Ceará/ Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas Culturais, 2012.

TAVARES, Sílvia Garcia. **Simulação computacional para projeto de iluminação em arquitetura**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. UFRGS. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8927/000591023.pdf?sequence=1>. Acesso em: mar. de 2015.

TEATRO CARLOS CARVALHO. **Fotografia**. Disponível em: <http://www.ccmq.rs.gov.br/novo/principal/fotos/carloscarvalho1.jpg>. Acesso em: abr. 2015.

THIOLLENT, MICHEL. Maio de 1968 em Paris testemunho de um estudante. Tempo Social; **Rev. Sociol**. USP, S. Paulo, 10(2); 63-100, outubro de 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06.pdf>. Acesso em abr. 2015>. Acesso em: abr. 2015.

TOLOTTI FILHO, José Luiz. **Ecletismo e reciclagem**: o edifício do MARGS, do Memorial do RS e do Santander Cultural. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. UFRGS, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26716/000755042.pdf?sequence=1>. Acesso em: jan. 2015.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In: VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H (Orgs.) **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 1-51.

VERÍSSIMO, Érico. **O Retrato**. 2 v (Col. O Tempo e o Vento). 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. **O Continente**. 1 v. (Col. O Tempo e o Vento). 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento, parte III:** O Arquipélago, vol 1. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

UNILASALLE CANOAS-RS

APÊNDICE A – Projeto de Pesquisa Estudo

Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

PROJETO DE PESQUISA ESTUDO DE DEMANDAS DE PÚBLICO EM CENTROS CULTURAIS: SUBSÍDIOS PARA A PROPOSIÇÃO DE ATRATIVIDADES PARA O FUTURO CENTRO CULTURAL LA SALLE (PORTO ALEGRE)

CADERNO DE CAMPO/REGISTRO DE ATIVIDADES

Descrição do Projeto:
Pesquisadores:
Orientadores:
Período:

Equipamento Cultural (Dados Gerais)
Nome do equipamento cultural/Sigla:
Nome do Diretor ou responsável:
Endereço:
Endereço eletrônico – Página na Internet
Telefones/Fax/Outro;
Natureza – pública ou privada/ Possui vínculo institucional?
Dias e horários de atendimento:

1. Características gerais da instituição

Data de fundação

Pessoas que estiveram envolvidas com a fundação

Quem ou quais grupos mantêm a instituição

Especialidades (tipologia) da instituição

Atividades exercidas pela Instituição.

Público visitante (últimos 3 anos)

Publicações

Características do espaço da Instituição

Qualidade/adequação das instalações

Dados físicos: Área do terreno/Área construída

Ambientes

- Auditório
- Exposições
- Bibliotecas
- Área administrativa
- Reserva Técnica
- Restaurante
- Livraria
- Loja

2. Recursos Humanos
Profissionais envolvidos/ Formação

Existe treinamento/capacitação de pessoal? Como?

Organograma

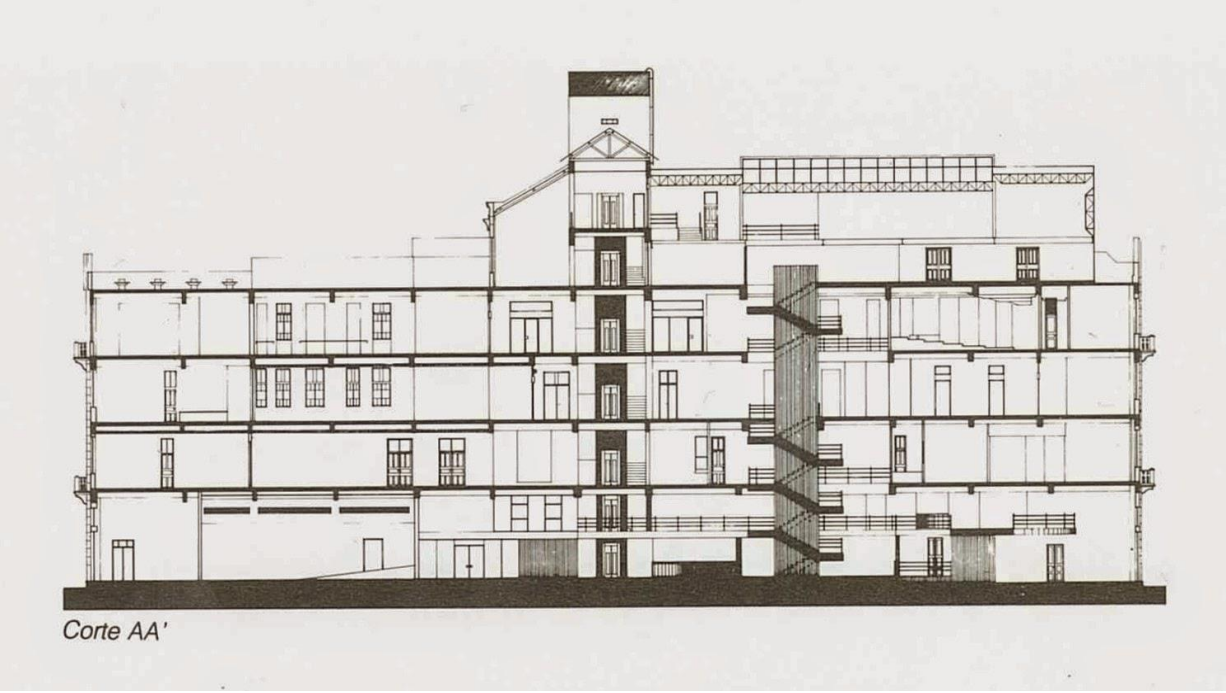
3. Administração
Características da gestão

4. Exposições temporárias
Características dos últimos 3 anos.

5. Histórico da instituição (incluindo momentos de declínio e de recuperação, se for o caso.

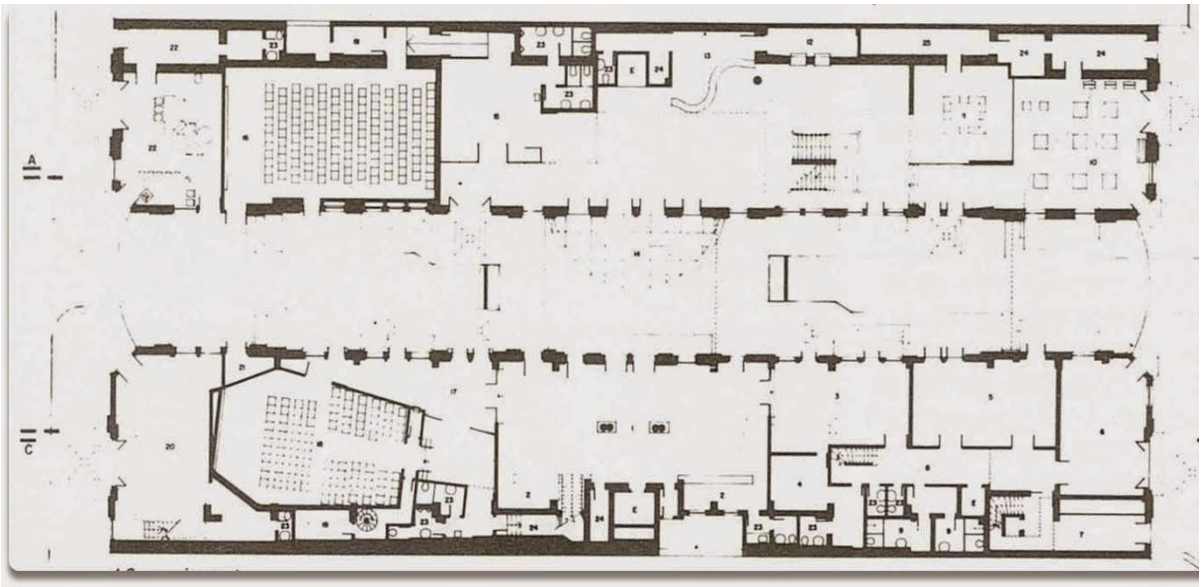
6. **Anexar imagens do equipamento cultural produzidas em diferentes tempos** (listar as imagens identificando-as – ver normas ABNT).

ANEXO A – Plantas da Casa De Cultura Mário Quintana (Porto Alegre, RS)

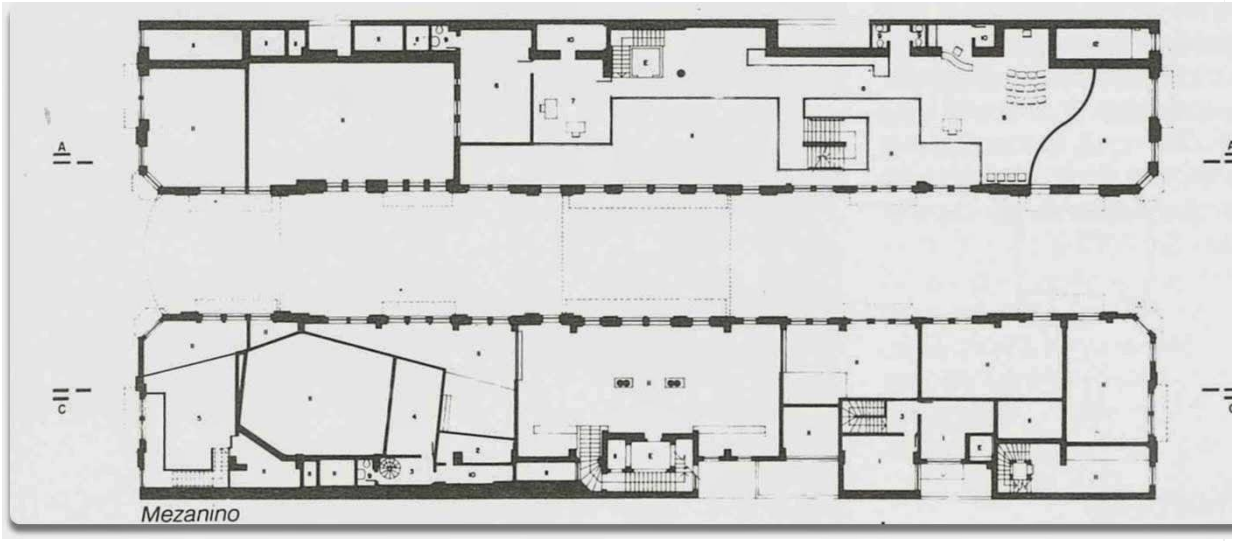


Corte Esquemático

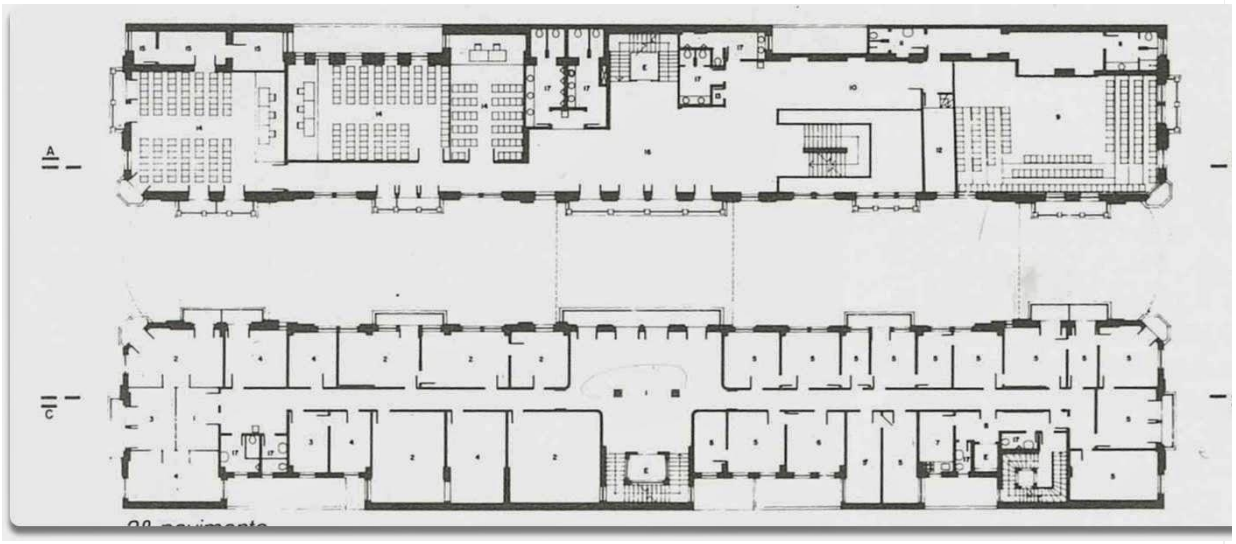
Plantas Baixas dos pavimentos:



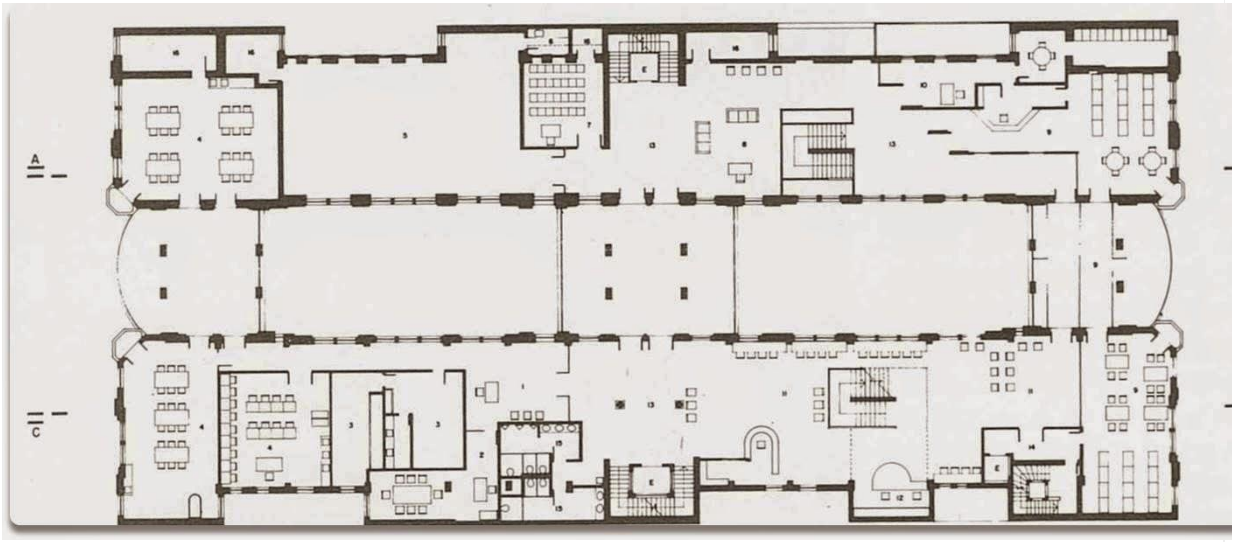
Pavimento Térreo



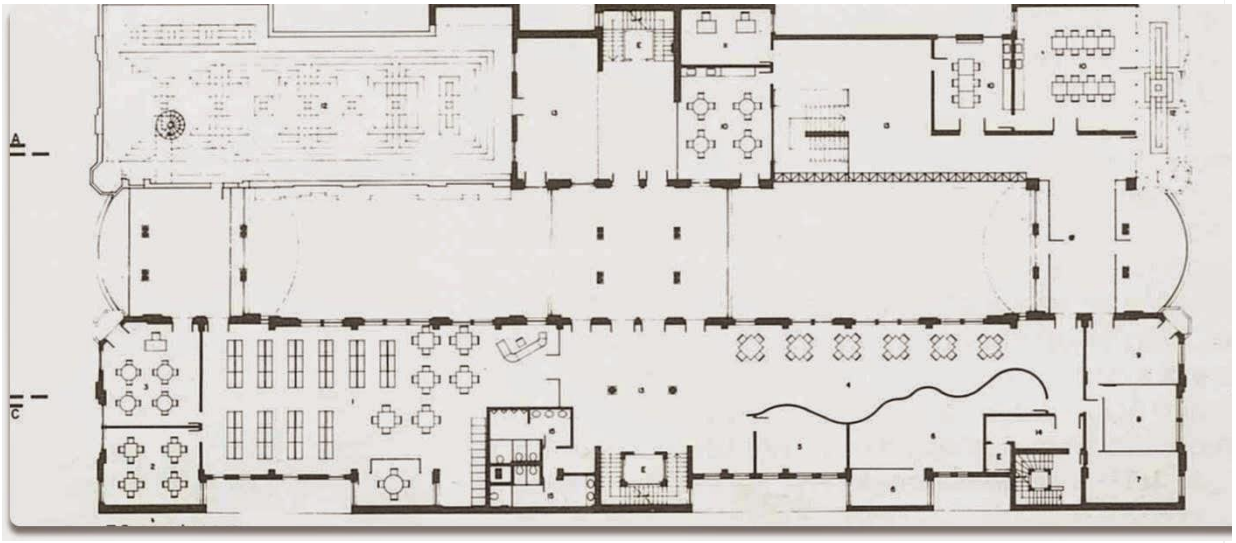
Mezanino



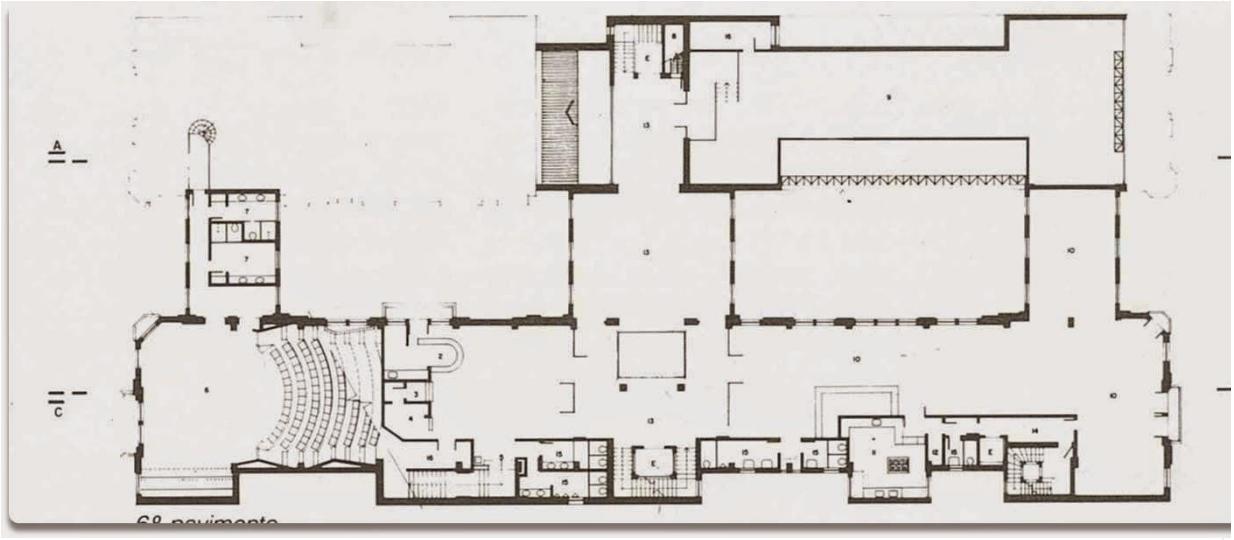
Segundo Pavimento



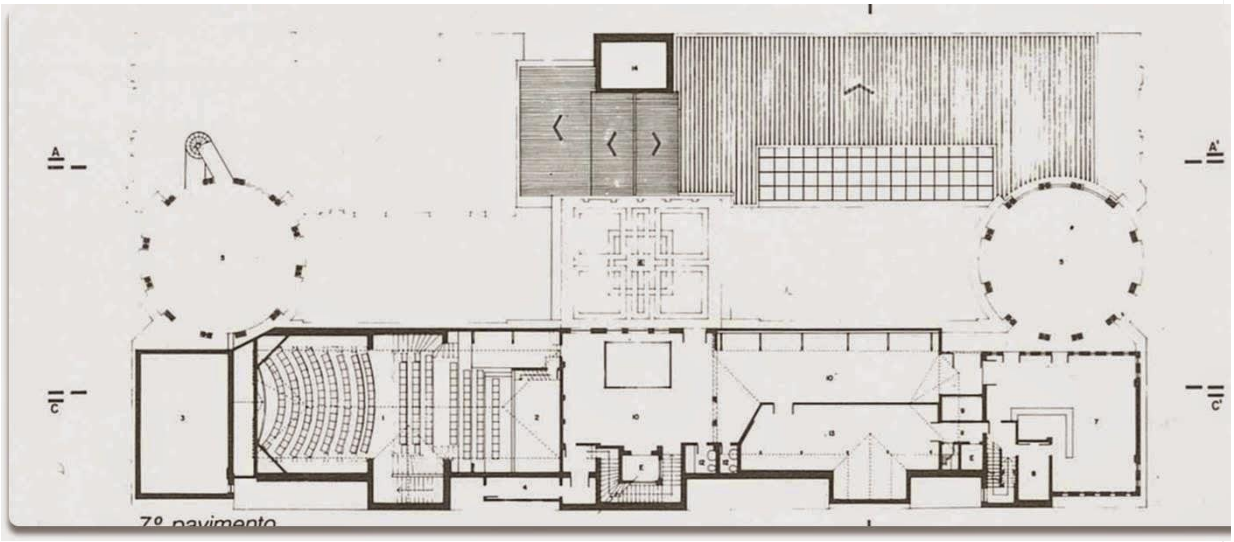
Terceiro Pavimento



Quarto Pavimento



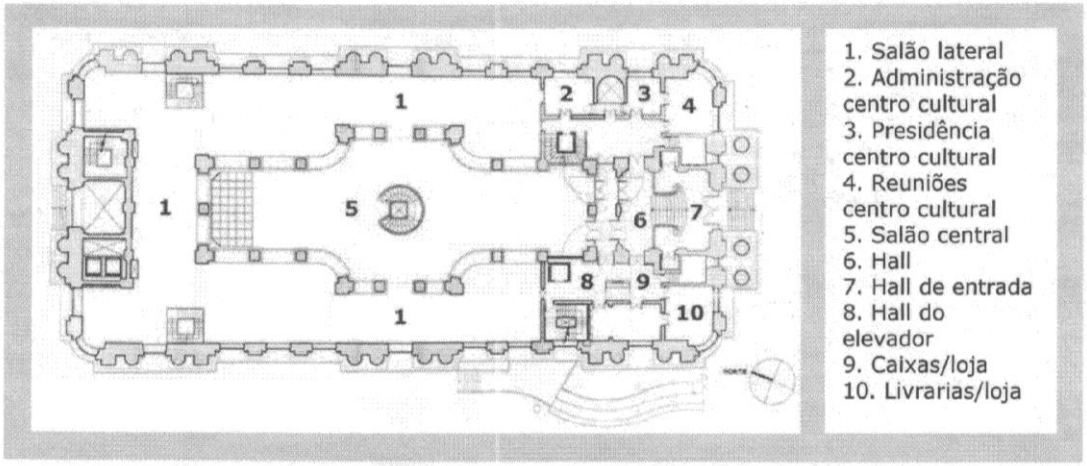
Quinto Pavimento



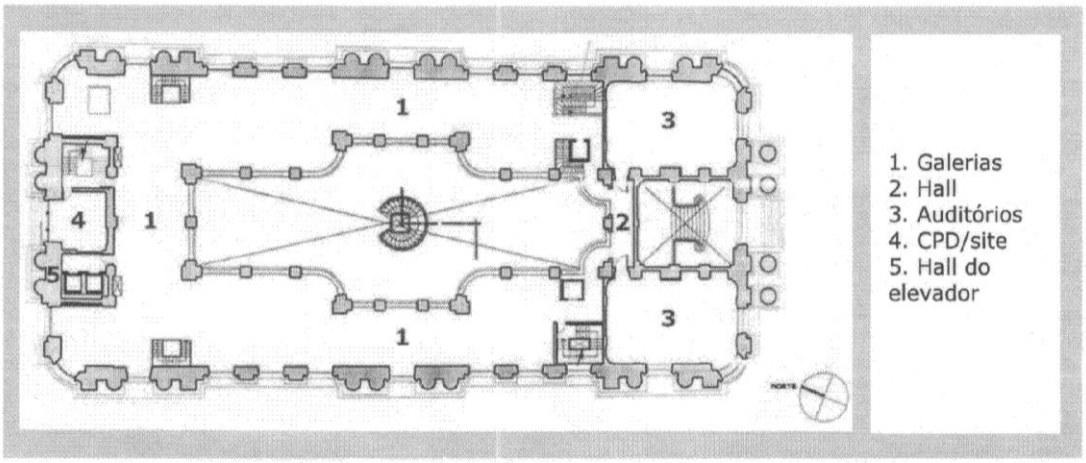
Sexto Pavimento

KIFER; Flávio; GOSKI; Joel. **Pesquisa e Critica na Arquitetura** – ARQ 0335. Disponíveis em: <http://pesquisaecriticanaarquitetura.blogspot.com.br/2014/10/objetos-de-estudo-e-critica-casa-de.html>. Acesso em dez. 2014.

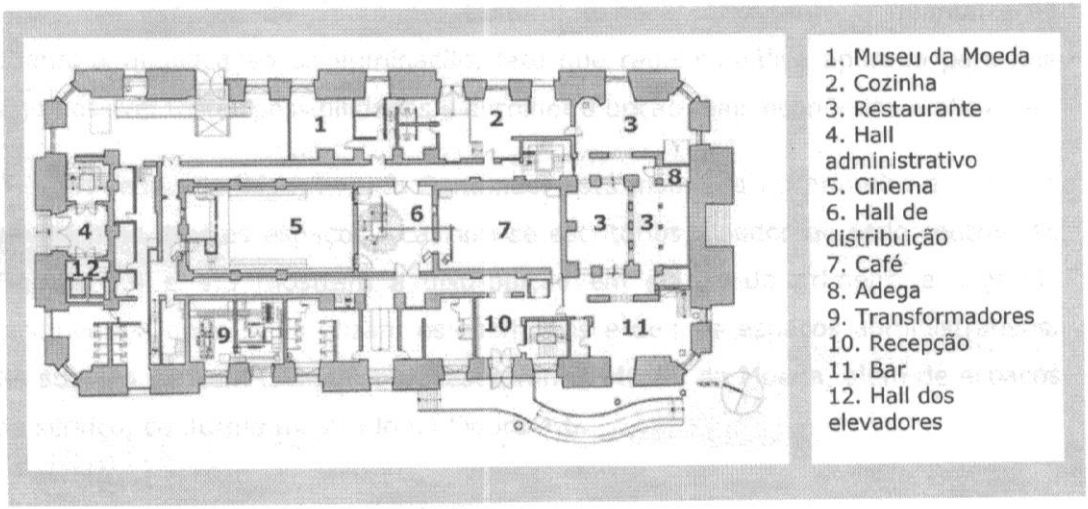
ANEXO B – Reprodução das Plantas do Santander Cultural



PLANTA-BAIXA DO PAVIMENTO TÉRREO



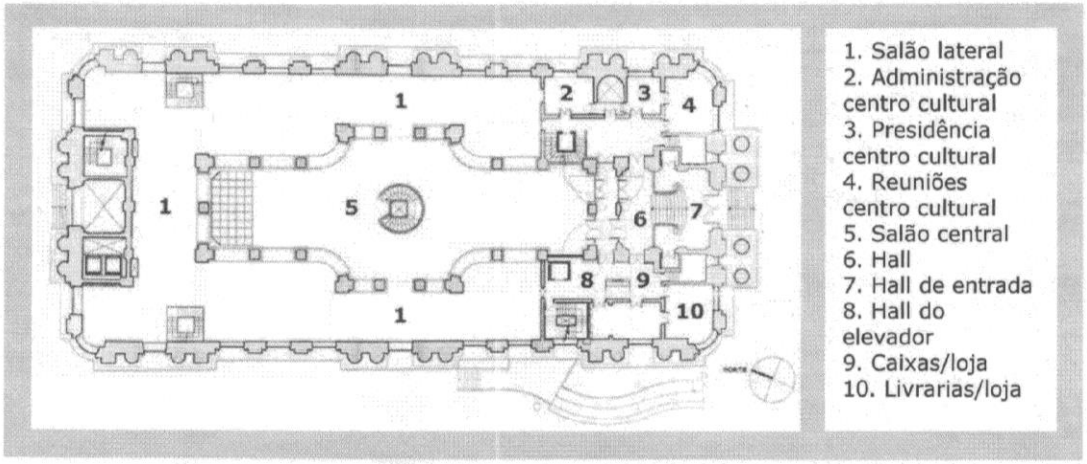
PLANTA-BAIXA DAS GALERIAS



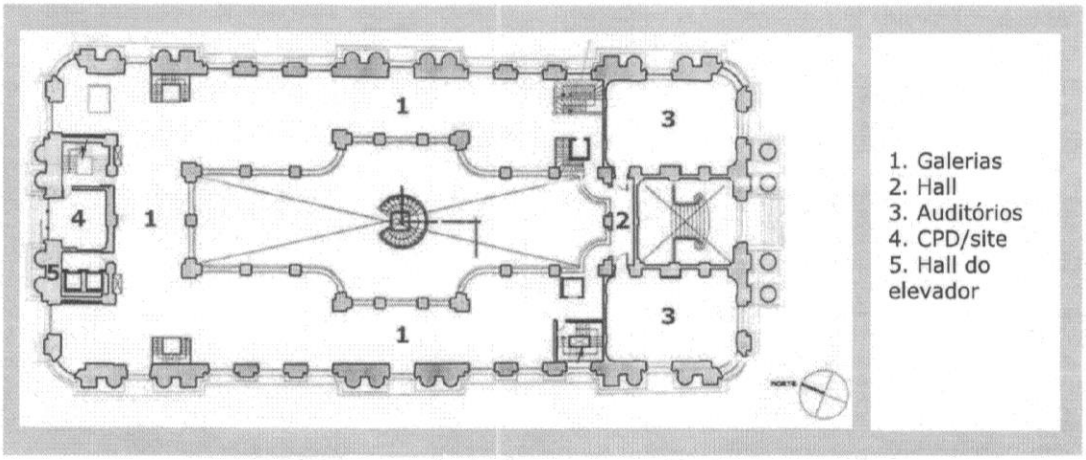
PLANTA-BAIXA DO SUBSOLO

Ver Tavares (2007).

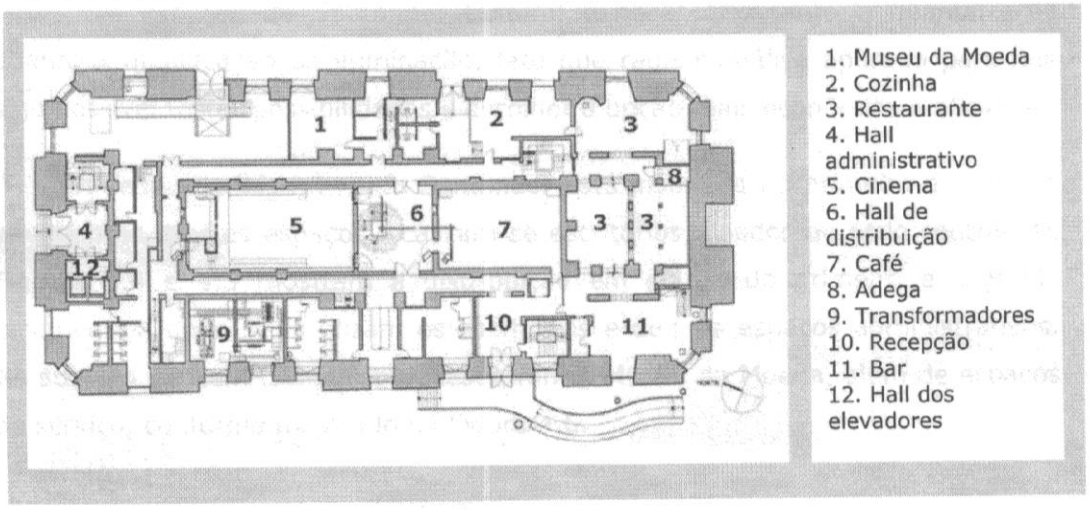
ANEXO C – Croquis dos espaços do Santander Cultural



PLANTA-BAIXA DO PAVIMENTO TÉRREO



PLANTA-BAIXA DAS GALERIAS



PLANTA-BAIXA DO SUBSOLO

Ver Tavares (2007).

ANEXO D – Reprodução das Plantas do Centro Cultural Érico Veríssimo

Plantas após a intervenção no Edifício Força e Luz

Ver Kieffer (2015).

ANEXO E – Memorial com Plantas do centro cultural La Salle